

# REVISTA DA SEMANA

N.º 2



10-1-48

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil





# PARA O HOMEM E PARA A MULHER

Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite seu tempo, lendo ALMANAQUE EU SEI TUDO, para 1948, que está a venda em todo o Brasil, Por Cr \$ 15,00, - no país inteiro - os seus leitores conhecerão o que há de moderno e interessante em todo o mundo e o que guarda, através dos tempos, a eterna beleza do passado. Ciência, arte, esporte, literatura, charadas, diversões, acontecimentos palpitantes e um calendário completo para 1948.



**PEDIDOS À  
COMPANHIA EDITORA AMERICANA**

Rua Visconde de Maranguape n.º 15,  
**RIO DE JANEIRO**

Atende-se pelo Reembolso Postal  
sem aumento de preço

## **Almanaque Eu Sei Tudo**



# NAS FOLHAS DO CHÁ'

ONTEM me lembrei de Aurora. E' esquisito como certas pessoas morrem dentro da gente e, um belo dia, ressurgem sem mais nem menos e nos fazem companhia por horas e horas, embora continuem ausentes, sabe Deus por onde. Aurora esteve ausente anos. Suponho que ainda trabalhe na mesma casa de chá de Nova York, e ainda more naquele apartamento de três peças, com banheiro de côr. E que mantenha o sistema de depositar meio dólar em cima da mesa, com um ar distraído, para suggestionar o freguês. A mim, ela sabia que não suggestionava. Mas, continuava deixando o meio dólar, por uma questão de hábito. Depois que dizia suas previsões e lia a sorte da gente nas folhas de chá, Aurora tomava cuidado para que o meio dólar ficasse à vista e, em seguida, achando que o freguês já estava suggestionado, tornava a guardá-lo na bolsa.

Lembrei-me de Aurora e de seu nariz sobrecarregado de pó de arroz, do véu transparente e da estrêla de pedras falsas que usava. E, neste momento, quando me aparece outra vez, é que vejo que eu nunca deveria ter esquecido Aurora.

Mas esqueci. E me lembrei dela ontem por causa dum pedaço de papel que me deixaram nas mãos. Nesse papel, uma senhora afirma que é famosa nos quatro cantos do mundo. Que lê a mão com lentes. Que explica o passado, explica o presente, e desmascara o futuro completamente. E me faz, de dentro do papel, essa pergunta tão íntima e tão inconveniente: Como vai a tua sorte? Eis aí uma coisa que não me agradou. Aurora seria incapaz de uma coisa dessas. Ela sabia de antemão que a sorte da gente nunca andava em condições. Com o véu, a estrêla falsa e o nariz pesado de pó ela tratava de ir direta ao assunto. Não precisava de lentes. A única coisa que exigia era que o freguês bebesse o chá. O freguês bebia. No fundo da xícara, as folhas do chá desandavam a dar notícias a Aurora sobre o que vinha vindo pela frente. Ela examinava os desenhos e predizia cartas, viagens, mortes, filhos, fortuna, um homem apaixonado pela senhora, uma amiga falsa lhe drá grandes aborrecimentos, tudo. Gostei tanto daquele chá que voltei e bebi outro chá no dia seguinte. Aurora me olhou com estranheza. Mas não disse nada. Depois da cerimônia do meio dólar, começou a ler de novo. Parece que Aurora não tinha boa memória. A única coisa que ficou da sorte do dia anterior foi a carta. O resto mudou completamente. Continuei voltando e bebendo chá. Durante uma semana tive os destinos mais variados. Aurora me mandou uma viagem pelo Oriente, me declarou que viveria em Miami. Eu me lembro até que tive certa discussão com ela, porque em Miami, positivamente, era demais.

Aurora entrou em acôrdo comigo dizendo que talvez não fosse Miami, mas um lugar qualquer perto de praia. De concessão em concessão, consegui de Aurora que não lesse mais, apenas conversasse comigo. Mas a profissão dela era aquela. Precisava ler. Depois encontrou a fórmula. Ficava segurando a xícara e olhando para baixo. E me contava sua vida. Acho que não devo expor aqui a vida de Aurora, porque ela se fazia tão confidencial, que não está direito. Mas os desgostos de Aurora, eram tantos e tão eficientes que lhe davam dores de cabeça constantes. Nesses posso falar. Aurora se queixava abertamente da rivalidade da outra adivinha. A outra era magrinha, sem véu e sem estrêla de pedras falsas. E vivia rondando a freguesia de Aurora.

Assim que um freguês ficava pelo meio da xícara, ela se sentava em sua mesa e ficava como um urubú em cima da carnica. Era degradante. Aurora tinha uma filha para sustentar no colégio. E a outra magrinha, embora não tivesse atrativo nenhum, estava de posse de um marido que fazia cinquenta dólares por semana. Aurora tinha até vontade de chorar. Pensava em mudar de profissão. Sabia línguas, falava correntemente "bonjour, bonsoir, comment-aliez-vous, madame." Passara anos em Bucareste. Vivera em Lisboa. Gostaria de largar o chá e ser intérprete.

Então eu lhe dizia que não se afligisse. Que a sua freguesia era fiel. Que ninguém no mundo seria capaz de ler nas folhas do chá tão bem quanto ela. E, para animá-la, contava de vez em quando:

— Lembra-se daquela carta que viu no fundo da minha xícara?

Lembrava-se.

— Chegou.

E não tinha nada na consciência que me acusasse porque minha correspondência era certa, semanal e infalível. Aurora se iluminava, erguia a cabeça com orgulho e a estrêla brilhava com mais força. Pedia-me conselhos. E eu dava. Falava da filha. E eu predizia um futuro glorioso para ela. Andava alarmada com seu estado de saúde e eu lhe garanti que viveria muitos anos.

A pequena arranjou um namorado que não valla nada. Aurora se desesperava. Garanti que o namoro acabava. O namoro acabou. Ficamos tão amigas que um dia Aurora me declarou baixinho que eu tinha o "dom".

Foi mais longe. Se eu quisesse, ela me ensinaria a ler nas folhas do chá. Não quero contar o que houve depois porque ficaria sem assunto para outra crônica. Mas, vejamos se eu tinha ou não tinha razão quando dizia que não devia ter esquecido Aurora!

LUCIA BENEDETTI

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

NESTE  
NUMERO

## Sumário

### COLABORAÇÃO:

|                                           |    |
|-------------------------------------------|----|
| Nas folhas do chá (Lucia Benedetti) ..... | 8  |
| Escragnolle Doria (Noronha Santos) .....  | 18 |

### BIOGRAFIA:

|                                                             |    |
|-------------------------------------------------------------|----|
| A vida de David Hume (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) ..... | 34 |
|-------------------------------------------------------------|----|

### HUMORISMO:

|                 |       |
|-----------------|-------|
| Bom humor ..... | 16/17 |
|-----------------|-------|

### REPORTAGENS:

|                                                                                  |       |
|----------------------------------------------------------------------------------|-------|
| A "Sorte Grande" e a "Sorte Pequena" no Salão de Belas Artes (Ney Machado) ..... | 6/9   |
| Atividades do cinema brasileiro .....                                            | 10/14 |
| Mais uma sueca em Hollywood (Luís Serrano) ..                                    | 22/23 |
| O ex-rei da Iugoslávia fala à REVISTA DA SEMANA (Nelson Vainer) .....            | 24/27 |
| O Recife que não mudou (Herman Lima) .....                                       | 30/33 |

### CONTOS:

|                                                         |       |
|---------------------------------------------------------|-------|
| Um outro crime da mala (Miroel Silveira) .....          | 15    |
| Os homens preferem as louras (Diógenes Magalhães) ..... | 20/21 |
| Para depois do meu enterro (Clóvis Ramallete) ..        | 28/29 |

### SEÇÕES PERMANENTES:

|                                |    |
|--------------------------------|----|
| A Semana em Revista .....      | 4  |
| O Mundo Marcha .....           | 5  |
| Gente de Rádio .....           | 19 |
| Música .....                   | 50 |
| Cançãoeiro Internacional ..... | 53 |

### SUPLEMENTO DA MULHER:

|                                               |    |
|-----------------------------------------------|----|
| Nos bastidores femininos .....                | 35 |
| O espírito feminino através dos tempos .....  | 36 |
| A personalidade da semana (Ivonne Jean) ..... | 37 |
| Mães e filhos (Zóia de Laet) .....            | 38 |
| Muro das lamentações .....                    | 39 |
| "Week-end" na cozinha (Marie Cook) .....      | 40 |
| Caixa de Ressonância (R. Magalhães Junior) .. | 41 |

### FOLHETIM:

|                                                             |       |
|-------------------------------------------------------------|-------|
| "Na cova das serpentes" (Mary Jane Ward-Frank Godwin) ..... | 57/58 |
|-------------------------------------------------------------|-------|

### ILUSTRAÇÕES:

Abelardo Zaluar, Armando Pacheco e Armando Moura.

NOSSA  
CAPA



Nossa capa apresenta Jane Russell, uma das mais sensacionais belezas de Hollywood e cujo primeiro filme, "The Outlaw" provocou um temporal de protestos dos puritanos norte-americanos. Depois dessa publicidade inesperada, foi escolhida para o elenco de "Escravo de uma lembrança", e brevemente a teremos em novas películas.



## UM CASO DE HONORÁRIOS MÉDICOS...



trário. Mas o que se vê é que o doente, sendo rico, abusava. Mal o médico ia dormir, ele batia o telefone para chamá-lo. Mal saía do infra-vermelho, entrava nas ondas curtas. Um horror! O caso é a tal ponto impressionante que não podemos

Os jornais publicaram, em "apedidos", uma certidão extraída do inventário do comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca, milionário português que recentemente faleceu, deixando polpudas doações para instituições de caridade, parentes e amigos. Essa certidão é uma conta apresentada pelo médico assistente do enfermo milionário, que cobra por seu trabalho durante cerca de 552 dias, isto é, de 29 de abril de 1946 a 3 de novembro de 1947, a quantia de 4.096.000,00 cruzeiros. Essa conta de honorários médicos mostra-nos, por um lado, o que é a inflação em que estamos atolados e, por outro lado, o inferno que é atender a um doente rico... O dr. Joel Sales Coelho justifica, item por item, a sua conta. Não queremos dizer que não seja justa. Muito ao con-

compreender que o doente não tenha morrido da cura, — isto é, de tanto acordar para chamar o médico, infernando-lhe a vida... Em 552 dias, o doente rico exigiu, egoisticamente, que o facultativo fizesse vê-lo (consta da certidão) nada menos de 1472 vezes! As vezes, três e quatro vezes, no mesmo dia... E, nesses 552 dias, recebeu 240 aplicações de ondas curtas e 440 de infra-vermelho, — quer dizer, durante aquele tempo, em 158 dias, tomou as duas coisas juntas, não se contentando com uma só delas, separadamente... Por conta do comendador, o dr. Joel Sales Coelho não podia fazer mais nada. Negligenciou o resto da clientela, empenhando-se a fundo em salvar um velho que, de tão ingrato, em vez de se curar, morreu... e morreu sem pagar a conta! Por isso, ele reclama ao inventariante aquela quantia, assim discriminada em detalhe: Visitas diárias, Cr\$ 2.000,00. Visitas noturnas, Cr\$ 6.000,00. Generosamente, o dr. Joel Sales Coelho nada cobrou pelas ondas curtas e infra-vermelhas. Parece, entretanto, que publicaram aquela certidão com o intuito de expô-lo ao ridículo ou de advertir as famílias de doentes ricos, — quando é muito humano que um clínico que se dedica com tanta ternura ao comendador de sua vida, — não há muitos daqueles por aí, — levante discretamente os seus Cr\$ 7.230,72 por dia, enquanto o defunto não se convence de que deve partir dêste para o outro mundo...

## REDUÇÃO DE EFETIVOS MILITARES



compensadora, uma vez que o poder de fogo das armas modernas permite redução considerável nos efetivos humanos. Essa uniformização de armamentos das Américas é bastante interessante, pois facilitará ao máximo a colaboração entre exércitos americanos em caso de guerra. Isto, é claro, caso seja realizada também a colaboração entre os Estados Maiores dos vários países interessados, assunto que deverá ser tratado na Conferência Inter-Americana de Bogotá, como complemen-

A imprensa estampou, há dias, um telegrama de Washington sobre a possível redução dos efetivos militares latino-americanos, caso seja aprovado o projeto de uniformização de armamentos no hemisfério ocidental. O projeto já foi aprovado pelo Comitê de Assuntos Exteriores da Câmara dos Representantes e estará em plenário na próxima semana. Altos funcionários militares dizem que a parte mais interessante do projeto é a que confere aos governos latino-americanos autoridade para a compra de novas armas diretamente aos fabricantes nos E. Unidos, além da possibilidade de obtenção de material "excedente" das forças armadas dos Estados Unidos. E dizem que, apesar do custo do material, os países latino-americanos economizariam dinheiro de forma

to do pacto de defesa assinado em Petrópolis. Essa questão de armamentos, porém, será melhor tratada por técnicos militares, que bem conhecem a possibilidade ou impossibilidade da uniformização de armas e equipamentos, como do estabelecimento de qualquer estado-maior conjunto ou coisa semelhante. Quanto à redução de efetivos, isso só poderá ser benéfico para todos os países pequenos da América. Tomemos o Brasil, por exemplo. Aqui, a manutenção de uma vasta força ativa consome grande parte do orçamento, que poderia ser empregada em obras de interesse público. Grande parte dos homens que formam os enormes efetivos vêm do interior do país, resultando em falta de braços para a agricultura. Além disso, estamos na época da motorização, o que anula a quantidade em benefício da qualidade. Precisamos mais de oficiais do que propriamente de soldados; de oficiais hábeis na instrução e no manejo das armas modernas. Não adianta gastarmos dinheiro com soldados que estão destinados a ficar de lado na hora da guerra, como com armas que serão antiquadas no mesmo caso. A dispendiosa e obsoleta cavalaria, por exemplo, já está em tempo de ser suprimida, como o têm feito as grandes nações. Sabemos que há tradições que precisam ser respeitadas, mas a época não é para se perder dinheiro e braços em favor de tradições. E, é muito mais importante um exército pequeno, bem armado e conhecedor das táticas modernas, e suscetível de ser aumentado com a convocação de reservistas, do que um grande, mas obsoleto, em caso de conflito externo.

## DINO GRANDI, BANQUETEADO NO RIO GRANDE DO SUL...



do ponto de vista estético... A propósito da Itália e da queda de Mussolini, — ele conta o seguinte: — "Dos dois homens que conheciam e foram testemunhas dos episódios que culminaram com a queda de Mussolini, apenas um existe. És-

Dino Grandi, chamado de "conde" pelos jornais, — ele não era conde hereditário, e esse título lhe foi dado por Mussolini, tendo sido, de resto, eliminado pela nova Constituição da Itália, — andou sendo banqueteadado no Rio Grande do Sul, onde, em torno de uma mesa, se reuniram o antigo candidato trabalhista ao governo do Estado, o ex-secretário da Educação e outras personalidades menos gradas. Procura-se apresentar Dino Grandi, agora, como um herói político, como uma personalidade excepcional. Há até explicações para o seu cavanhaque, que era como aparece na vinheta ao lado, mas desapareceu, totalmente, a golpes de tesoura e navalha, para que ninguém possa mais identificá-lo em público. A explicação agora é esta: a barba estava toda branca e,

te, sou eu, já que o meu rei há poucos dias faleceu. Continuo monarquista e, pelo respeito que lhe devo, talvez não fosse conveniente falar sobre aqueles acontecimentos. Posso dizer, porém, que do plano que delineamos para ser realizado naquela época, apenas uma parte, ou 50 por cento dele foi executado. Um de seus aspectos fundamentais logo após a queda de Mussolini, era a declaração de guerra da Itália à Alemanha a fim de que fosse retirada do povo italiano a responsabilidade que lhe era atribuída. O povo italiano não queria a guerra. A ela foi por imposição". Uma coisa, porém, Dino Grandi não poderá negar: é que ele era tão fascista quanto Mussolini, que participou de todas as tranqüilidades do malogrado Duce, que se beneficiou o mais que pôde de sua solidariedade ao regime extinto e do prestígio do Partido Fascista. Sobre Mussolini, teve ele apenas um mérito: o de ser menos obstinado que o ex-"Duce" e de reconhecer a derrota antes mesmo do colapso completo do Eixo. Daí ter conspirado com o rei Vitor Emanuel contra o ex-companheiro de aventuras. Faltou-lhe, no entanto, a coragem para continuar e daí o comodismo do exílio em Portugal. Diante de Dino Grandi, não podemos deixar de lembrar a famosa frase: "Aproveita-se a traição, mas despreza-se o traidor". Ainda que o banquetelem no Rio Grande do Sul...

# REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHÃES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 2 — 10-1-1948

### PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

### ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

### ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-3570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corrs. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 142

EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569; — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro

Tobias, 613, 2.º andar — Sala 217

### TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 32 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos trabalhos selecionados pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de manuscritos não publicados.





A Grécia está se convertendo em um barril de pólvora. Sairá de lá a próxima guerra mundial? Os Estados Unidos vão enviar quatro regimentos de fuzileiros navais para liquidar os guerrilheiros gregos e ao mesmo tempo providenciam o aumento do auxílio ao exército daquele país, ajuda que passará de cento e quarenta e quatro para trezentos milhões de dólares. O comunismo na Grécia está custando caro aos norte-americanos. Talvez muito mais do que gastam em propaganda anti-comunista em sua própria terra. Continuam os protestos contra o ditador Franco que mandou executar no dia 28 do mês passado os professores Augustin Sanchez Zorva e Lucas Nuno. A polícia do general Peron prendeu em Buenos Aires 353 pessoas (inclusive com mulheres), quando protestavam em praça pública contra aquelas atrocidades franquistas trancafiando-as a todas no Alindro como perigosas "extremistas"... Enquanto o ex-rei Miguel da Romênia, forçado a abdicar, segue com a rainha Helena para o exílio na Suíça, o novo ministro da Defesa, general Emil Bodnarus, inicia um "expurgo", reformando 26 generais, 29 coroneis, 43 tenentes-coroneis e 28 majores. Pelo que se vê, mais um país sob o regime da ditadura... O "Corricio da Manhã" empastelou duas notícias — a da doença de Winston Churchill com a da revolta no Paquistão. Disso resultou o seguinte apelo da senhora Churchill ao marido: — "Venha depressa ao território do Paquistão realizar as operações necessárias contra os invasores!" — Pobre Churchill! Tão velho e se m tendo nessas encrencas... Nove mil quilos de carne de porco deteriorada foram encontrados pelos sanitistas da Prefeitura num depósito da rua Pedro Alves. Os proprietários declararam que não a tinha vendido porque estavam esperando a alta... Um projeto de infatigável deputado Café Filho que procurava planejar e incentivar a luta contra a tuberculose no Brasil foi rejeitado em todas as Comissões da Câmara, inclusive na Comissão de Saúde e na de Legislação Social. Isto já era mesmo esperado, quando se sabe que um deputado já disse naquela Câmara que "a fome no Brasil é um mito"... Talvez tivesse acertado se dissesse que a fome por aqui é "mato". Diz o American Petroleum Institute que a gasolina vai escassear este ano. Os choferes decerto pleitearão ao seu amiguinho inspetor Edgar Estrela modificação da tabela dos lotações, passando a mesma a quinze cruzeiros por pessoa... Os distúrbios provocados pela cassação dos mandatos dos comunistas começaram em São Paulo, onde houve sério tumulto em frente ao edifício da Prefeitura, quando da instalação da Câmara Municipal. Vários feridos e vinte prisões. A polícia fechou os jornais paulistas "A Hora" e "Hoje", depois de forte resistência dos que ali trabalhavam. O general Cândido Rondon foi homenageado com a inauguração de sua herma, segunda-feira última. A herma que seria colocada no Passeio Público, foi transferida à última hora para a praça Del Prette, em Laranjeiras. Acusaram o prefeito de sabotagem e este se defendeu habilmente, declarando que o seu entusiasmo era tão sincero que iria mudar o nome do logradouro para praça General Rondon. A dança ortográfica continua. Com a publicação recente do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa ficamos automaticamente obrigados a respeitar o último acórdão ortográfico e, segundo ele, várias letras mudas para nós, como o p em Egipto, o e em facto, e afecto, o b em baptismo e subtil, etc., voltam a ser escritos. Isso porque se nós no Brasil não as pronunciamos, os nossos irmãos de Portugal ainda as pronunciam. O senhor Eduardo Reis, ministro interino da Educação, não quer assinar a portaria obrigando o cumprimento do decreto, com receio da oposição. Afinal, quando poderemos aprender a escrever certo no Brasil?... A Birmânia tornou-se república independente a partir da madrugada de 4 de Janeiro. Bom início de ano para os birmaneses... O Panamá continua rejeitando as propostas dos Estados Unidos para a cessão de suas bases ao "big" bom-vizinho. E os Estados Unidos dão um exemplo de Democracia (pelo menos neste caso), respeitando a opinião da pequena república que eles próprios ajudaram a criar. A Missão Militar Brasileira em Berlim notifica que serão repatriados os brasileiros que se encontram na Alemanha. Quatro mil, ao todo, devendo os primeiros oitocentos chegar ao Rio no próximo dia 31. Mas toda essa gente será mesmo brasileira? Ou serão antigos nazistas arrependidos que resolveram tornar válida uma cidadania da qual até então nunca se haviam lembrado?... Faleceu domingo passado em sua residência o vice-almirante Pedro Cavalcanti de Albuquerque, um dos mais ilustres oficiais da nossa Armada. E, no Ceará, desapareceu Leonardo Motta, grande folclorista, autor de "Cantadores" e de outros livros, premiado pela Academia Brasileira de Letras e, sem dúvida, uma das figuras mais expressivas do cenário intelectual brasileiro. Estreou dia seis no Fenix, com grande sucesso, o Teatro de Estudantes, dando a peça "Hamlet", de Shakespeare... E até sábado...

## Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use *Regulador Gesteira* sem demora.

*Regulador Gesteira* trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjões, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

*Regulador Gesteira* trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo  
a usar *Regulador Gesteira*

## O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam dispor com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedotas não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OFICINA DE 1.º ORDEM AVIAM-SE REÇEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO

# O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS - PINCE-NEZ, LORÇONS

R. CARIOCA N.º 28

## Foalheria

JOIAS, RELOGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES.

LUIS R. RICART  
TEL. 22-4690 — RIO





A esquerda: Iberê Camargo, prêmio de viagem ao estrangeiro pela Divisão Moderna, vai primeiramente à Itália estudar os grandes mestres da pintura italiana, antigos e modernos.

pensa. Vamos começar ouvindo José Pancetti, prêmio de viagem ao estrangeiro em 1941, e que conquistou agora o prêmio de viagem ao país com uma marinha representando um recanto de Itanhaen, em São Paulo. **PANCETTI TAMBÉM É PIN-TOR DE PAREDES**

O paulista Pancetti começou pintando cascos de navios com a idade de quatorze anos, — em nossa Marinha Mercante. Aos dezoito anos entrou para a Marinha de Guerra e vinte e cinco anos mais tarde, em 1946, aposentava-se no posto de segundo tenente da armada. Ele não se envergonha em dizer que é um exímio pintador de paredes e para prová-lo mostrou-nos o corredor de sua casa. Essa qualidade de pintor completo foi descoberta por um dos desenhistas da comitiva de Walt Disney que lhe perguntou à queima-roupa:

— Escute, mister Pancetti, você sabe pintar paredes?

E quando o artista patricio afirmou, estupefato, que sim, o norte-americano concluiu:

— Nós andávamos desconfiados. A unidade, o tom compacto de sua pintura mostra isso.

— Até então — diz-nos Pancetti — ninguém no Brasil me tinha feito semelhante indagação.

Perguntámos a Pancetti que lugares do Brasil visitará após ter recebido o dinheiro do prêmio. O pintor é muito franco quando nos responde:

O óleo de Iberê Camargo — "Lapa" — que lhe assegurou o prêmio de viagem.

## A "SORTE GRANDE" E A "SORTE PEQUENA" NO SALÃO DE BELAS ARTES

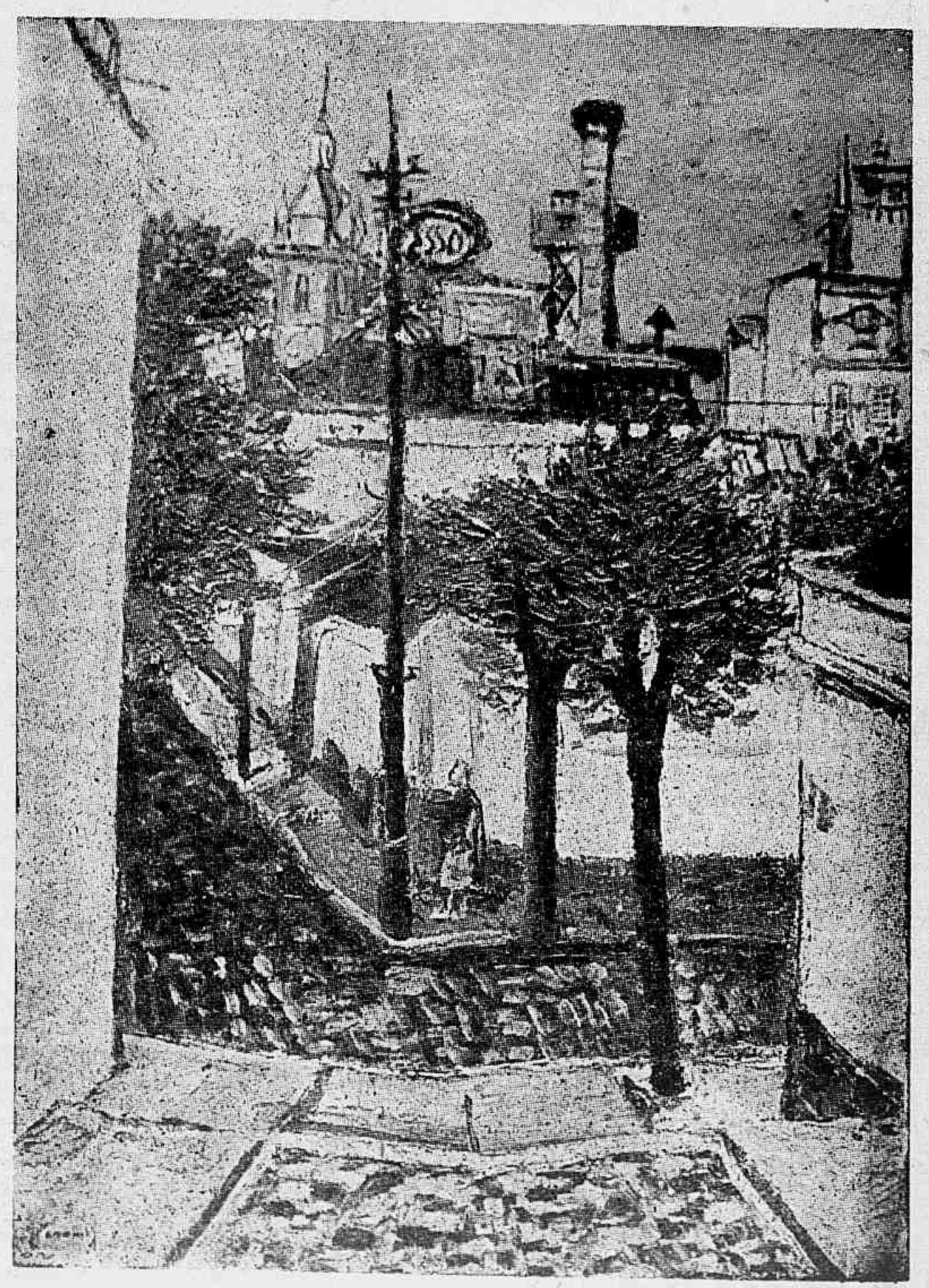
**QUEM SÃO OS QUATRO LAUREADOS COM OS PRÊMIOS DE VIAGEM — MESTRE PANCETTI TAMBÉM SABE PINTAR PAREDES — O DINHEIRO DO PRÊMIO DE VIAGEM AO PAÍS NÃO DÁ PARA VIAJAR — DAS AREIAS DE COPACABANA PARA OS GRANDES PRÊMIOS DO "SALÃO" — IBERÊ CAMARGO SERVE DE CICERONE PARA OS PRÓPRIOS QUADROS — QUANDO AS ESCOLAS SE ENCONTRAM.**

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

O quinquagésimo segundo Salão Nacional de Belas Artes fechou suas portas, terça-feira, 6 de janeiro. Se a quantidade de concorrentes inscritos e o número de esculturas e quadros expostos de um modo geral não demonstraram progresso acentuado das nossas artes plásticas, — conforme Demóstenes Varela salientou há dias, — houve, contudo, exceções honrosas que justificam a existência do "Salão". Os quatro premiados com viagem ao estrangeiro, — a sorte grande, — e ao país, — a sorte pequena, — dois na Divi-

são Moderna e dois na Divisão Geral, — mereceram bem as glórias obtidas. Qualquer galeria de arte abriria espaço em suas paredes para os três quadros e a escultura vencedora. A REVISTA DA SEMANA, na reportagem anterior, fixou uma visão de conjunto do Salão. Agora, conhecidos os nomes dos vencedores, passaremos a contar a história dos quatro artistas e dos trabalhos premiados. O prêmio lhes foi conferido com um ano de atraso, pois se tivesse existido "Salão" em 1946 todos quatro, por certo, teriam recebido a mesma recom-





Um flagrante de Ruy Campelo e sua senhora, tirado em sua residência, quando o pintor fazia os primeiros planos para a viagem à França.

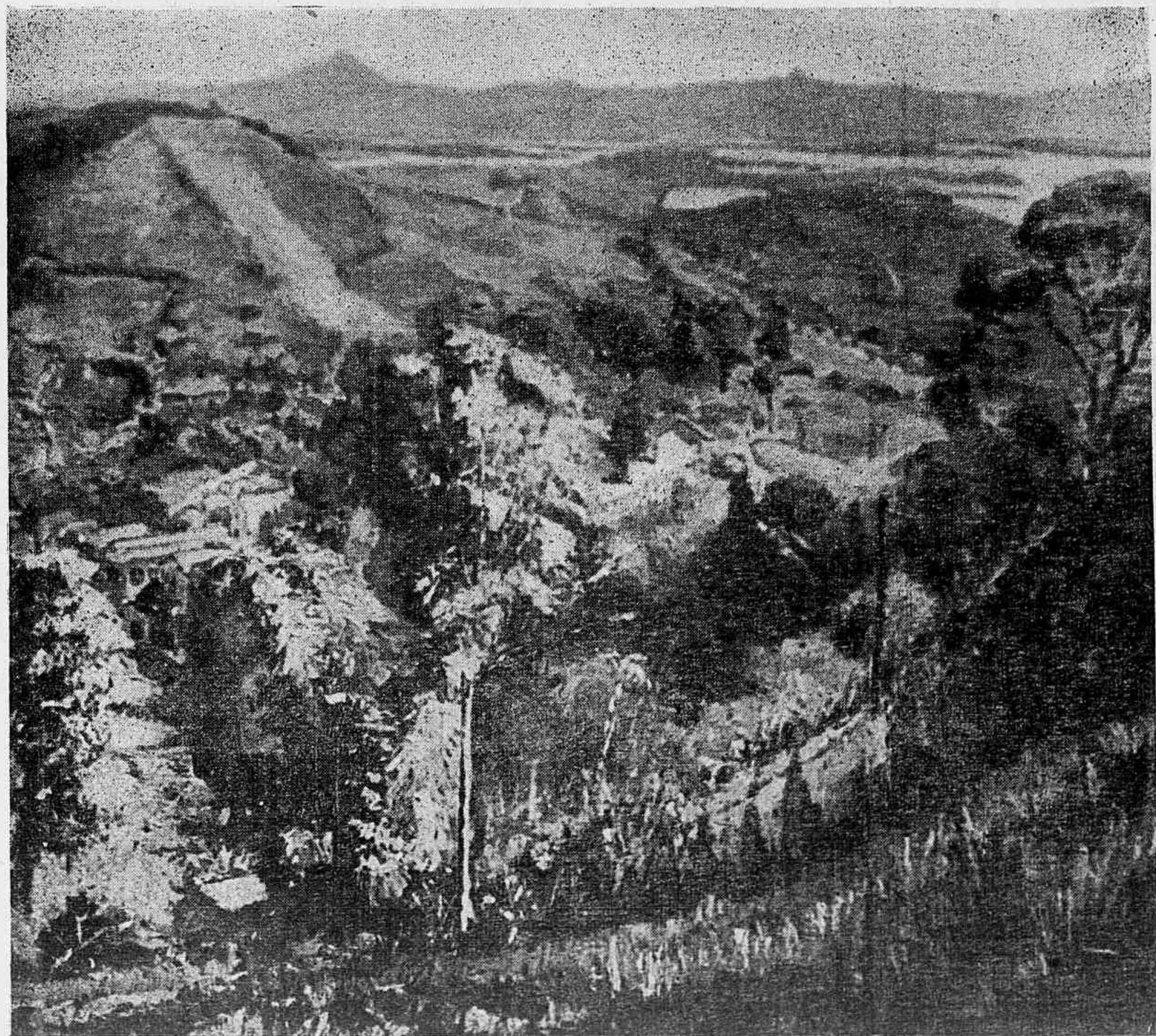
— Como sabe, o prêmio é de vinte e quatro mil cruzeiros, apenas. Somos obrigados a viajar durante um ano e visitar, no mínimo, seis Estados. Com a vida cara como está, como é que se pode cumprir essas obrigações? Estamos pleiteando um aumento no prêmio de viagem ao país. Se tudo correr bem, pretendo visitar a Bahia e os Estados do Nordeste.

#### O DINHEIRO DO PRÊMIO NÃO DÁ PARA AS DESPESAS

Vamos abrir um parêntesis para explicar porque o dinheiro correspondente ao prêmio de viagem ao país — a sorte pequena — é insuficiente. O governo premia com vinte e quatro mil cruzeiros o pintor ou escultor laureado e impõe como obrigação que o mesmo viaje durante um ano pelo país, visitando pelo menos seis Estados. Qual o pintor ou escultor que poderá viajar — mesmo sem se fazer acompanhar da esposa e filhos — pagando estadia, passagens e manter parentes no Rio, com dois mil cruzeiros mensais? Quando o prêmio foi instituído, há quinze anos, o custo de vida era muitíssimo mais barato. É preciso que o ministro da Educação compreenda o problema e providencie o aumento do prêmio para cinquenta mil cruzeiros.

Se não bastassem os fatos que acabamos de expor poderíamos apelar para a equidade, pois que

A paisagem de Ruy Campelo, que conquistou na Divisão Geral o prêmio de viagem ao estrangeiro.



o prêmio de viagem ao estrangeiro era até 1941 de oitenta e dois mil cruzeiros. Em 1942, quando foi premiado Ado Malagoli, o governo, atendendo ao excessivo custo de vida, no estrangeiro, aumentou a importância para cento e cinquenta mil cruzeiros, importância que permanece até hoje. Que dirão os que têm de viajar pelo Brasil, cujo padrão de vida está muito mais caro do que em alguns países da Europa?

Os artistas esperam que o ministro Clemente Mariani resolva a situação.

#### O ESCULTOR RANGEL É UMA ESPÉCIE DE "FAZ TUDO"

O escultor José Rangel Sobrinho, — natural do Ceará, — conquistou esse ano com o seu trabalho "Morixaba" o prêmio de viagem ao país pela Divisão Geral. Rangel é um antigo concorrente dos nossos Salões, nos quais expõe desde 1924. Dez anos depois, após ter conquistado nesse intervalo os prêmios menores, ganhou a medalha de prata com a alegoria "Ad Gloria", candidatando-se desde então aos prêmios de viagem. Se é difícil no Brasil a um pintor viver da venda de seus quadros é quase que impossível aos escultores ganhar o pão de cada dia com a venda de seus trabalhos. O escultor Rangel é um exem-





Um flagrante de Pancetti ao lado de sua filhinha. Prêmio de viagem ao estrangeiro em 1941, Pancetti conquistou agora o prêmio de viagem ao país.

mento da verba da "sorte pequena", que lhe coube.

— Aonde irá? — perguntamos-lhe.

— Irei para o Norte com o Pancetti. Quero aproveitar a viagem e rever meus pais, em Jardim, — minha cidade natal, — no Ceará.

Outro desejo de José Rangel Sobrinho é passar algum tempo na Ilha de Bananal, entre os índios. Sempre foi apaixonado pela arte indígena e espera trazer novos motivos para as suas esculturas. O "Morixaba" que lhe deu o prêmio é uma bela amostra do conhecimento que tem do selvagem brasileiro.

#### RUY CAMPELO VAI DIRETO A PARIS

O carioca Ruy Campelo mora no "Quartier Latin" do Rio. Isso fica ali em Santa Tereza, próximo ao Largo do França. Naquelas imediações reside mais de uma vintena de pintores, escultores, músicos e poetas de fama. Enquanto nos mostrava outros quadros de sua galeria, Ruy Campelo ia explicando a técnica que usa em sua pintura. É preciso que se diga que — mais do que qualquer outro que conhecemos — esse pintor é um apaixonado pelos segredos das tintas, a técnica de sua fabricação, das suas misturas. Prepara a parte material de um quadro como um verdadeiro químico. Talvez por este motivo seu desejo

A marinha de Pancetti, belo quadro que recebeu na Divisão Moderna o prêmio de viagem ao país.

plo. Já teve um sem número de profissões. Quem não se lembra daquele artista, que modelava na praia de Copacabana, com areia molhada, as mais belas figuras? Seu trabalho em areia ficou tão conhecido do Rio que certa vez, durante a Semana Santa, o dono de um cinema nos subúrbios contratou-o para esculpir cenas da morte do Nazareno. Rangel esculpiu no palco quatro grandes cenas da via-sacra e o dono do "poeira" ganhou um dinheirão com a visitação pública a essa obra de arte improvisada. Mais do que se tivesse exibido a velhíssima "Vida de Cristo". Outro "batente" do escultor Rangel foi a confecção de carros alegóricos para os clubes carnavalescos. E várias vezes levantou o campeonato carnavalesco para os Democráticos, Fenianos e Pierrots da Caverna. O préstito dos Democráticos para o Carnaval deste ano estará a cargo desse artista. Há oito anos Rangel passou para outro ofício. Modela manequins para uma fábrica à rua Visconde de Rio Branco. As bonecas que esculpe são verdadeiras obras de arte e deixam longe os manequins importados da América do Norte. Foi lá na oficina da fábrica que o encontramos para a nossa reportagem. Juntamente com Pancetti, seu grande amigo, está tentando obter o au-





O escultor José Rangel Sobrinho mereceu este ano, no quinquagésimo segundo Salão de Belas Artes, o prêmio de viagem ao país com a expressiva escultura "Morixaba"

de conhecer de perto as telas dos grandes mestres seja mais forte do que em outros. Ver não só a arte, mas também o processo que os grandes pintores da Escola de Paris empregam nos seus trabalhos. O pintor recebe pela primeira vez um dos prêmios de viagem e ele nos fala sobre isso: — Acho que o prêmio de viagem ao estrangeiro deve ser dado antes do prêmio de viagem ao país. Porque lá fora nós vamos estudar, aprender com os mestres do passado, nos Museus, e com os atuais expoentes da pintura, em seus "ateliers". Serão dois anos de estudos. As realizações ficarão para a volta.

Ruy Campelo trabalha no Museu Histórico como restaurador de obras de arte e espera aprender na Europa muita coisa de sua profissão.

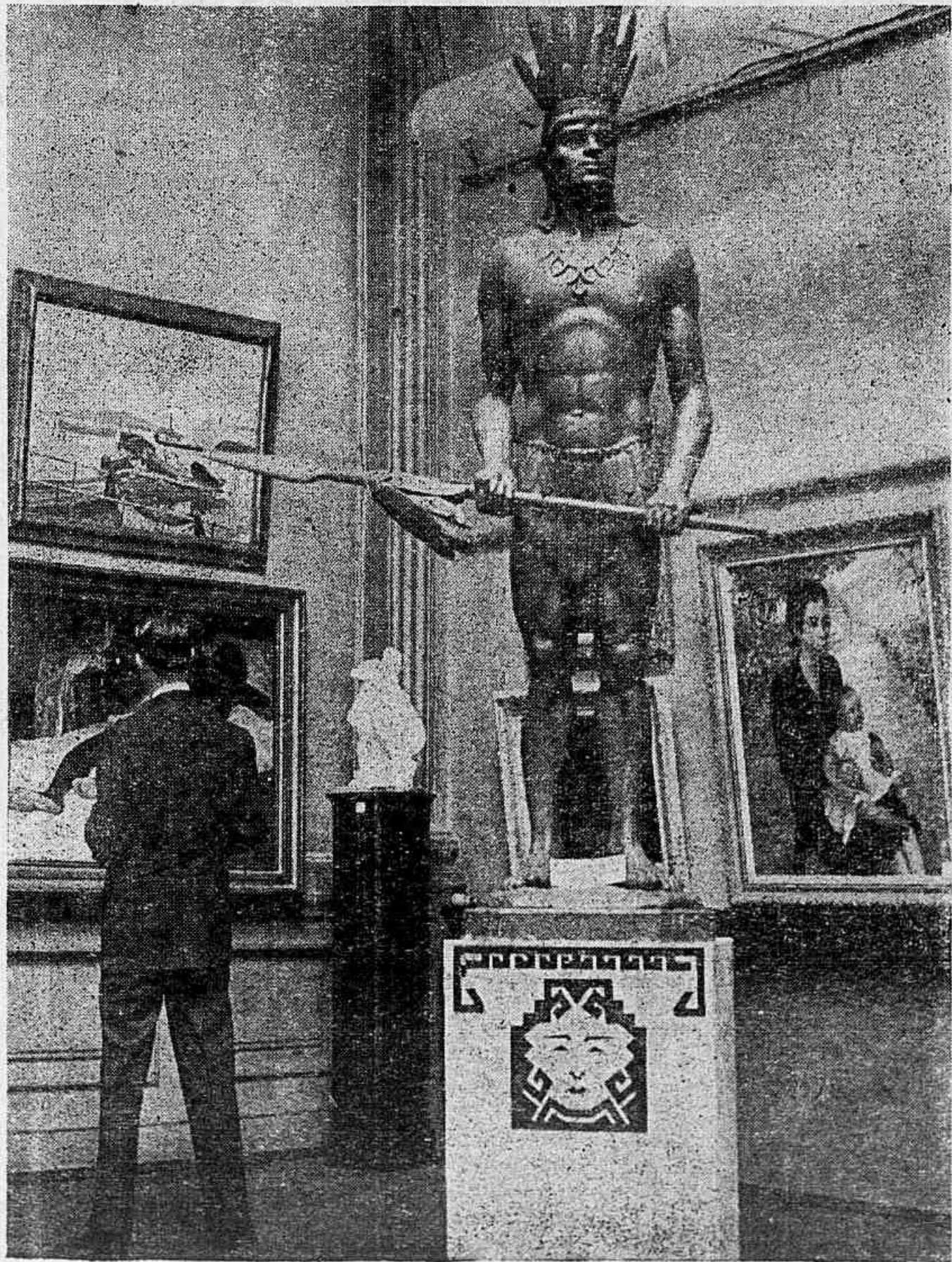
— Acontece — diz-nos ele — que o presidente Dutra em um despacho dado a um requerimento em fins de dezembro proibiu a ida remunerada de funcionários públicos ao exterior. Será que por tal motivo terei os meus vencimentos suspensos enquanto estiver no gozo do prêmio?

Nós não lhe pudemos dar resposta. Mais um pequenino problema para o ministro resolver.

#### O RAPAZ QUE VEIO DO SUL

Iberê Camargo recebeu o prê-

O "Morixaba", escultura de José Rangel Sobrinho laureada na Divisão Geral com o prêmio de viagem ao país.



mio de viagem ao estrangeiro pela Divisão Moderna, com o já famoso óleo "Lapa". É um rapaz modesto (qualidade que encontramos também nos outros três entrevistados), calmo, de poucas palavras e de grandes convicções. Resolveu que seria pintor e nada o demoveu disso. Nem mesmo, quando o governo do Rio G. do Sul, — seu Estado natal, — cortou-lhe a pensão de mil cruzeiros que conseguira depois de muitos esforços. Outra qualidade pessoal do artista é o seu profundo reconhecimento às pessoas que o ajudaram a vencer. Quando fala de sua infância e dos primeiros anos de sua mocidade, fala mais de Luiz Aranha, Décio Soares de Sousa e de Moisés Velinho que de si próprio. Quanto ao seu modo retraido, um episódio ocorrido quando da abertura do Salão retrata-o bem. Ruy Campelo não o conhecia e quando entrou no salão da Divisão Moderna dirigiu-se àquele rapaz e perguntou:

— O senhor poderia mostrar-me os quadros de Iberê Camargo? (Ruy não tinha em mão o catálogo).

O próprio Iberê levou o colega ao local onde estavam suas três telas, ouviu placidamente os comentários do visitante e foi-se embora. Só dias mais tarde Ruy Campelo ficou sabendo que

seu cicerone era o próprio pintor gaúcho. De alguns anos para cá o jovem pintor gaúcho conseguiu equilibrar sua vida de casado e viver somente da pintura. Tem que pintar muito e lutar ainda contra o comprador — geralmente burguês enriquecido — que não compreende porque o artista não pinta um vaso de flores bonitinhas em vez daquele horrível beco da Lapa. Iberê pinta em média um quadro por semana. Não acredita em inspiração. Trabalha todas as manhãs, das sete ao meio dia. — É claro que primeiro me apaixono pelo modelo, seja ele uma natureza morta ou uma paisagem. Depois que o senti-me vem, então, a necessidade de transformá-lo em pintura.

Iberê vai primeiramente à Itália visitar os velhos museus. Contraste curioso com Ruy Campelo. Enquanto este considerado acadêmico, pretende conhecer os revolucionários da Escola de Paris, Iberê Camargo, modernista vigoroso, quer aprender com os velhos mestres da pintura italiana. Devemos notar que os três pintores premiados têm um estilo de pintura pessoal, que se prende menos a escolas do que à própria personalidade do artista. A rigor, Pancetti, Campelo e Iberê tanto poderiam figurar em uma como na outra divisão.





Em cima: Maria Della Costa (que pertenceu ao elenco de "Os Comediantes", foi modelo de casas de modas e "beauty" de espetáculos do Cassino Copacabana, tendo depois estudado arte dramática em Lisboa), em uma cena de "Inocência", com Claudio Nonelli, que é professor do Instituto Nacional de Música e estreou em "O malandro e a granfina".

# ATIVIDADES DO CINEMA BRASILEIRO



O cinema nacional, com todos os seus «handicaps» de ordem técnica, com todos os seus embarços, o maior dos quais é a falta de recursos para a instalação de amplos estúdios com equipamento completo, continua lutando para conquistar um lugar ao sol. Agora mesmo três novas películas estão sendo elaboradas nos nossos estúdios. Uma delas é o drama romântico «Inocência», baseado no livro famoso do visconde de Taunay e produzido pela Brasil Vita Filme, com Maria Della Costa, Claudio Nonelli (o galã de «O malandro e a granfina»), Manuel Vieira (que tanto se destacou em «O Cortiço»), W. Harnisch Júnior, etc. «Inocência» é uma das obras de maior repercussão entre as que a nossa literatura produziu no século XIX, tendo sido vertida em várias línguas, entre as quais o inglês e o alemão. Dessa peça existem várias adaptações teatrais, sendo uma delas de autoria de Roberto Gomes. Agora, «Inocência» vem de passar ao cinema, com pouquíssimas alterações e com o diálogo do livro do visconde de Taunay transplantado para a tela quase literalmente. Outra obra dramática do cinema nacional, ora em ultimção, é o filme «Mãe», adaptado de uma novela radiofônica de Giuseppe Ghia-roni, inspirado poeta e um dos principais fornecedores de material dramático para as nossas emissoras. O êxito dessa novela, na Rádio Nacional, foi de tal sorte que o produtor cinematográfico Afonso Campiglia comprou-lhe os direitos, fazendo-a adaptar à tela, sob os cuidados de Teófilo de Barros Filho, antigo diretor dos «shows» do Cassino Atlântico e da Rádio Tupi. No elenco de «Mãe» está uma das nossas maiores atrizes, Alma Flora, que tão bem criou «Vila Rica», «Divórcio» e outras peças de grande repercussão. Nesse filme, foi reunido numeroso elenco, do qual participam César Ladeira, o popular «speaker» radiofônico, que fez ainda há pouco tempo um dos papéis centrais de «Sob a luz do meu bairro»; Delorges Caminha, o galã de «Bonequinha de seda» e criador de «Iaiá Boneca» no palco; Ben Nunes, Rosa Radi, o garoto Carlos Medeiros, etc. Mas não é só de películas român-

Maria Della Costa e Claudio Nonelli, em outra cena de «Inocência», o novo filme brasileiro, extraído do romance do visconde de Taunay.



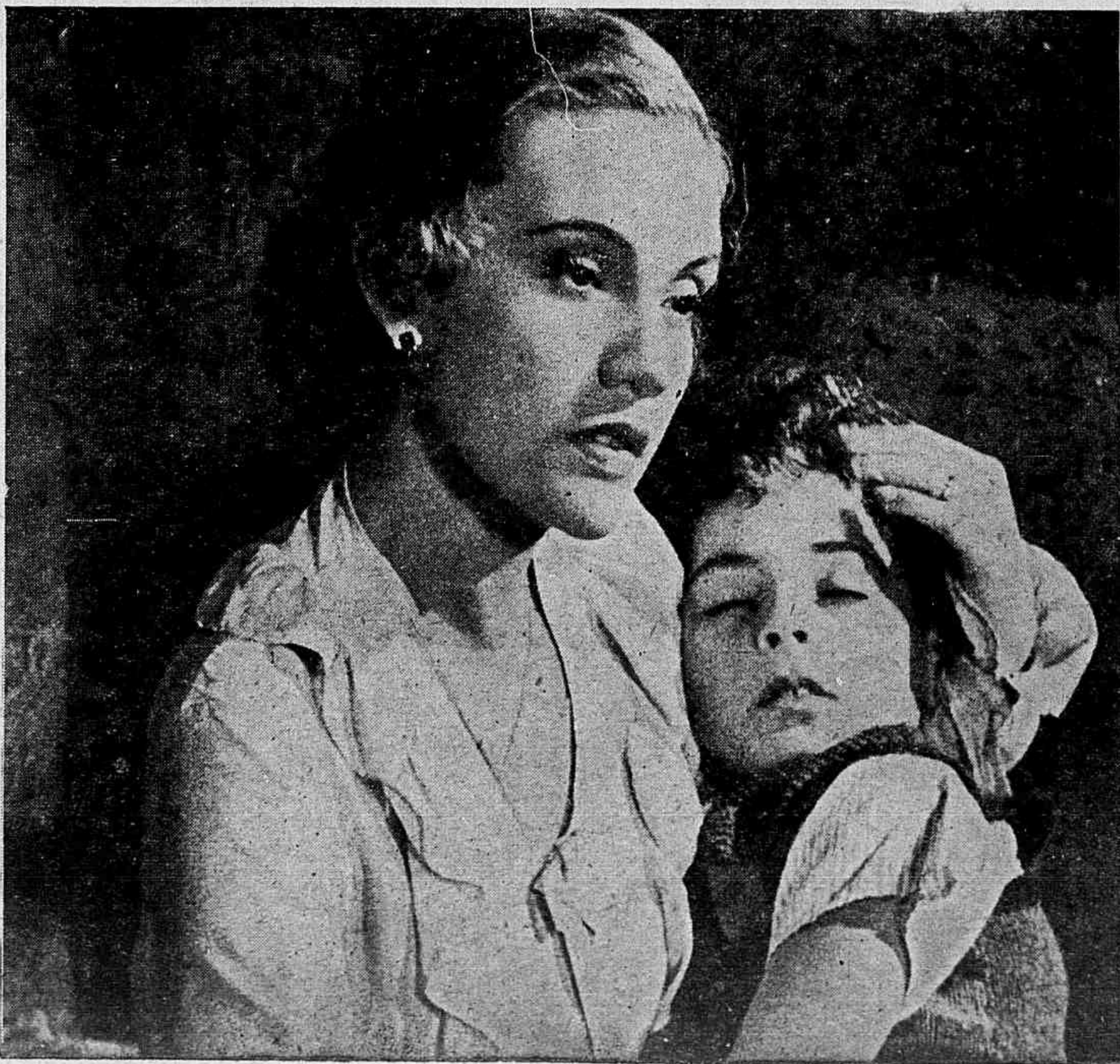


Em cima: Alma Flora, uma das nossas maiores atrizes, associada ao sucesso de peças como "Villa Rica", "Divórcio", "Bodas de Sangue" e outras, no nosso palco, em uma cena da película "Mãe", extraída da novela de rádio de Ghiaroni, em companhia do galã Ben Nunes, que era, até pouco tempo, diretor de uma orquestra do nosso "broadcasting".

### TRÊS NOVAS PELÍCULAS NACIONAIS — "INOCÊNCIA" E "MÃE", DUAS PELÍCULAS DRAMÁTICAS, E "O CAVALO NÚMERO 13", UMA COMÉDIA DA VIDA TURFISTA NO RIO DE JANEIRO

ticas e dramáticas que se está cuidando, agora. Está sendo filmado um celulóide de Carnaval, na Atlantidã, com Oscarito e Grande Otelo. E Cláudio Luis e Araujo Filho, os produtores de «O malandro e a granfina», estão aproveitando a dupla cômica Silva Filho-Zé Trindade, na filmagem da comédia da vida turfista do Rio de Janeiro, «O cavalo número 13». Nesse filme, que tem a supervisão de Araujo Filho, a direção de Luis de Barros e de seu assistente, Fernando de Barros, com fotografia de George Fanto, aparecerão Maria Della Costa, Olga Latour, Jenny May, Hortênsia Santos, Manuel Vieira, Correia Leite, Jorge Diniz, Jackson de Souza e vários outros elementos de destaque. Esse filme constituirá uma experiência única no Brasil, porque, pela primeira vez, é filmada entre nós uma película em que tem intervenção destacada um animal irracional, — o cavalo "Corisco" que, aliás, se tem revelado um ótimo ator. Filme sem pretensões, de simples divertimento, «O cavalo número 13» tem muita graça, — e graça sem sentido equívoco, — sendo filmado, em grande parte, no Jockey Club Brasileiro, por especial deferência de sua diretoria. Terá músicas do maestro Guerra Peixe, uma delas cantada pelo baixo brasileiro Edson Lopes, que faz, no filme, o papel de um ferrador. Uma das sensações de «O cavalo número 13» será a apresentação de um novo galã, Orlando Vilar, que promete fazer carreira rapidamente no nosso cinema.

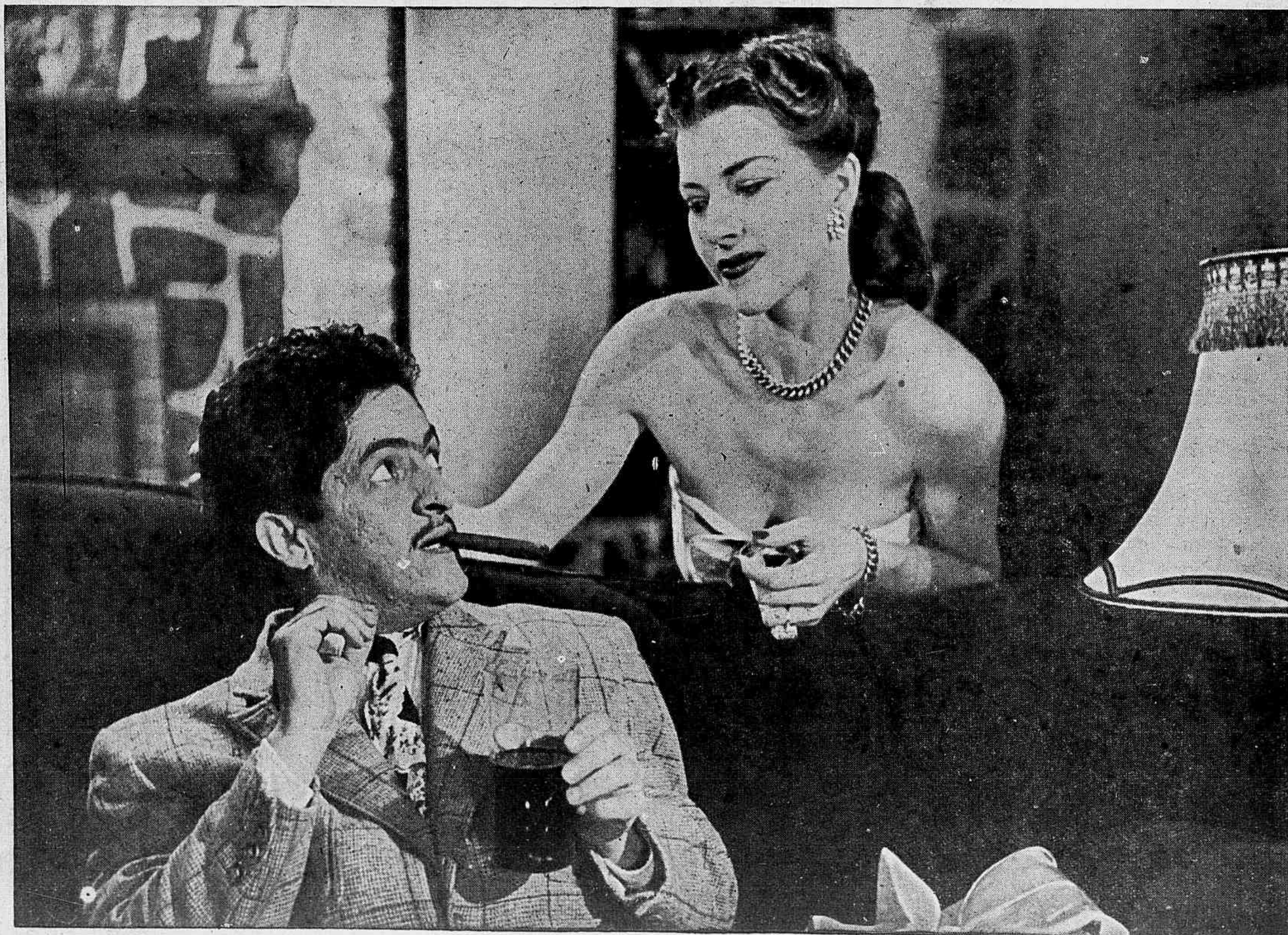
Alma Flora e o menino Carlos Medeiros, em uma das cenas mais impressionantes de "Mãe", o novo celulóide dramático nacional.







Em cima: o ator cômico Silva Filho sendo seduzido pela atriz argentina Jenny May, em uma das cenas de "O cavalo número 13", uma divertida comédia cinematográfica nacional "O cavalo número 13", produção de Cláudio Luís e Araujo Filho; em baixo: outra cena de sedução, em que Olga Latour emprega todo o seu "charme" para enfeitiçar o cavalariço Zé Trindade, afim de descobrir os segredos do Grande Prêmio Brasil e jogar na certa. Na página à direita: uma cena de "O cavalo número 13", em que Maria Della Costa aparece elegantemente vestida, ao lado do cavalo "Corisco" e do cavalariço Zé Trindade. E' esse um novo esforço do cinema brasileiro, que continua a lutar por um lugar ao sol, apoiado na benevolência do nosso público.













**T**EMOS malas grandes, pequenas, quadradas, em forma de sanfona e de bisnaga. Que tipo quer?

— O mais barato. Não é para viajar.

O caixeiro trouxe a mala pedida, de papelão amarelo;

— Mais alguma coisa, cavalheiro?

— E' só. Não precisa embrulhar, eu mesmo levo na mão, assim faço compras por aí e ponho dentro da mala. Quanto é?

— Cem cruzeiros.

— Estão aqui. Bom, até logo!

— Passar bem, cavalheiro, e muito obrigado!

Mentalmente, Angelino pensou em responder: "não há de que." Mas achou que seria excessiva confiança trocar tantas palavras com o caixeiro. E depois, Angelino dos Anjos apreciava, acima de tudo, a verdade. E a verdade é que quem deveria dizer "obrigado" era ele, porque a compra da mala fôra ele, êndido negócio. Por cem cruzeiros ia poder chegar em casa e guardar dentro da mala as roupas que sobravam do armário. E como não coubesse outro armário no quarto, a única solução era comprar a mala, que ocupa espaço pequeno. Ele, portanto, é que tinha motivos de agradecimento. Não poderia explicar essa verdade ao caixeiro, mas, em compensação, comprimia seus sentimentos dentro daquele silêncio profundamente honesto.

A rua de Santa Efigênia continuava. Continuava o que? Continuava... Angelino também continuou dentro dela. Seus sapatos faziam ruído modesto dentro do ruído importante da rua comercial: *tchaque, tchaque...* e os bondes zunindo que nem sereia de fábrica... e a moça que está arrumando a vitrina... a buzina do automóvel... e muitos *tchaque, tchaque* de gente apressada... e o seu *tchaque, tchaque*, meio desigual porque a mala, carregada pelo braço direito, fazia o passo arrastar um pouco.

— Entre, coronel, temos quartos ótimos! O coronel deve estar cansa...

# UM OUTRO CRIME DA MALA

Conto de MIROEL DA SILVEIRA



Ilustração de A. ZALUAR

Um tôlido, descido apressadamente, apagou a última sílaba daquele porteiro importuno. As prostitutas e os porteiros têm inflexões idênticas ao convidar o freguês. Freguês? Freguês nada, agora! Ele não tinha viajado, não estava cansado... Ah! é verdade: a mala! O porteiro idiota havia pensado que ele estava chegando de viagem. Angelino quase voltou atrás para explicar, para restabelecer a verdade histórica dos fatos. Mas como poderia contar que morava em São Paulo mesmo, que comprara a mala para servir de gaveta, que... não, era impossível! Tôda essa história soaria tão falsa! O homem ficaria surpreso, e talvez perguntasse que tinha ele a ver com isso. São tantos os convites lançados, é natural que só um ou outro vingue: faz parte da profissão.

Angelino dos Anjos continuou. Mas continuou bem aborrecido com o que o porteiro pensara a seu respeito. Coronel... Viajante... Entrou na primeira camisaria. Comprou meia dúzia de camisas. Guardou-as dentro da mala. Saiu da casa, apressado:

— Perdão, foi sem querer!

— Não foi nada!

O rapazinho em quem dera, tão distraidamente, o encontrão, sortou o curso da conversa para dizer ao companheiro:

— Essa caipirada quando chega em São Paulo é assim mesmo, não enxerga nada!

Angelino dos Anjos teve ímpetos de voltar a esfrangalhar a mala na cabeça daquele sem-vergonha. Caipira o que, seu bêsta! Ele era de S. Paulo mesmo, e estava levando para casa a mala comprada. Mas continuou... Resolvera fazer uma surpresa a Durvalina, coitada, tão boa! Entrou na primeira casa de perfumes que encontrou — "Essências condensadas e concentradas dos melhores cheiros de Paris".

— E', êsse "Nui de Noé" serve. E' a conta.

Saiu. Continuou... Ele não ia mentir, é claro. Comprava um perfume de nome francês e dava a Durvalina. Se ela pensasse que era de Paris, melhor. Se não, ficava mesmo sendo brasileiro. A verdade acima de tudo. Ele seria incapaz de mentir a Durvalina, tão boa esposa...

— Olá, Angelino, como vai? Está chegando de viagem? Não sabia que tinha viajado. Onde esteve?

Era o tio Pimentel.

— Não, não estive viajando. O sr. sabe que eu seria incapaz de ir para qualquer lugar sem antes ir pedir suas ordens e oferecer-lhe meus préstimos. Vim aqui à rua Santa Efigênia só para comprar a mala, que vai servir de gaveta lá em casa; o sr. sabe como nós estamos com pouco espaço, não é?

— Uhn...

O tio Pimentel estava só imaginando por que seria que o Angelino tinha viajado sem avisar nada, e inventava agora tôdas aquelas histórias.

— O sr. acredita, não é verdade, tio Pimentel? O sr. me conhece há tantos anos, o sr. sabe que eu só digo a verdade! Acabei de comprar esta mala, algumas camisas e um perfume que vou levar para a Durvalina. Não fui viajar, será que o sr. não acredita?

— Então abra a mala, Angelino.

O olhar descrente do tio Pimentel farejou todos os recantos da mala escancarada. Deixou-se um pouco mais longamente no vidro de "Nuit de Noel" como em objeto bem conhecido. Disse depois, no tom confidencial de quem entende as fraquezas humanas:

— E', Angelino, é isso mesmo. Você não precisava mentir para o seu tio, que compreende tão bem a vida. Não quero dar conselhos mas uma coisa eu digo: a Durvalina, coitada, não merecia isso. Vocês são casados há dois anos, apenas. Coitada da Durvalina, tão boa...

Angelino dos Anjos ficou sucumbido, no meio da rua, sem saber fechar a mala, ainda muito tempo depois do tio Pimentel se ter despedido. Custou a ficar meio lúcido. Fechou então a mala, com as camisas e o perfume fatidicamente francês, recomeçando a andar. Seu *tchaque, tchaque*, agora era monótono, automático, vencido. Qual! A verdade é mesmo a única coisa inteiramente inverossímil que existe no mundo! Como demonstrá-la, se parece absurda? Como provar a todos êsses transeuntes em cujo olhar lia uma pergunta e uma acusação, que ele não chegava de viagem, que não ia viajar? As opiniões que concebemos a respeito dos outros são sempre superficiais, dogmáticas, irrecorríveis, assim: todo indivíduo munido de mala é viajante! Ninguém enxerga a verdade, mas todos vêem a mala. A mala já é um símbolo.

Um garoto aproximou-se:

— Me dá quinhentão, que eu carrego a mala até a estação da Luz.

Aí Angelino não continuou mais. Tentando reunir seus últimos raciocínios, parou um instante, abobalhado. Iria mesmo viajar? Já começava a duvidar com quem estaria a verdade. Mas reagiu, e deu o quinhentão ao moleque.

— E' para você mas eu não vou viajar sabes?

O garoto ficou radiante, e já se tinha despedido quando levou um bruto pontapé. Fugiu apertando a moeda; na esquina virou a cabeça. Angelino, de longe, gesticulava neurastenicamente:

— Eu não vou viajar, viu? Não vou! Não vou!

Um automóvel breiou rumorosamente a seu lado, na guia do passeio. Os braços e os lábios do amigo Marcondes surgiram de direção, como prestando grande favor apressado, para ordenar:

— Suba, Angelino, que eu também vou pegar o trem das quatro. Temos só cinco minutos. Assim você chega mais depressa.

— Mas, amigo Marcondes...

— Ora, deixe de bobagem, não faça cerimônia comigo! Vamos logo, que se não perdemos o trem!

Angelino dos Anjos entrou para o automóvel do amigo Marcondes sentindo na consciência todo o irremediável peso daquela mala. Era seu dever impedir que os outros faltassem com a verdade. E a verdade, para todo o mundo, estava na mala, e não na verdade.

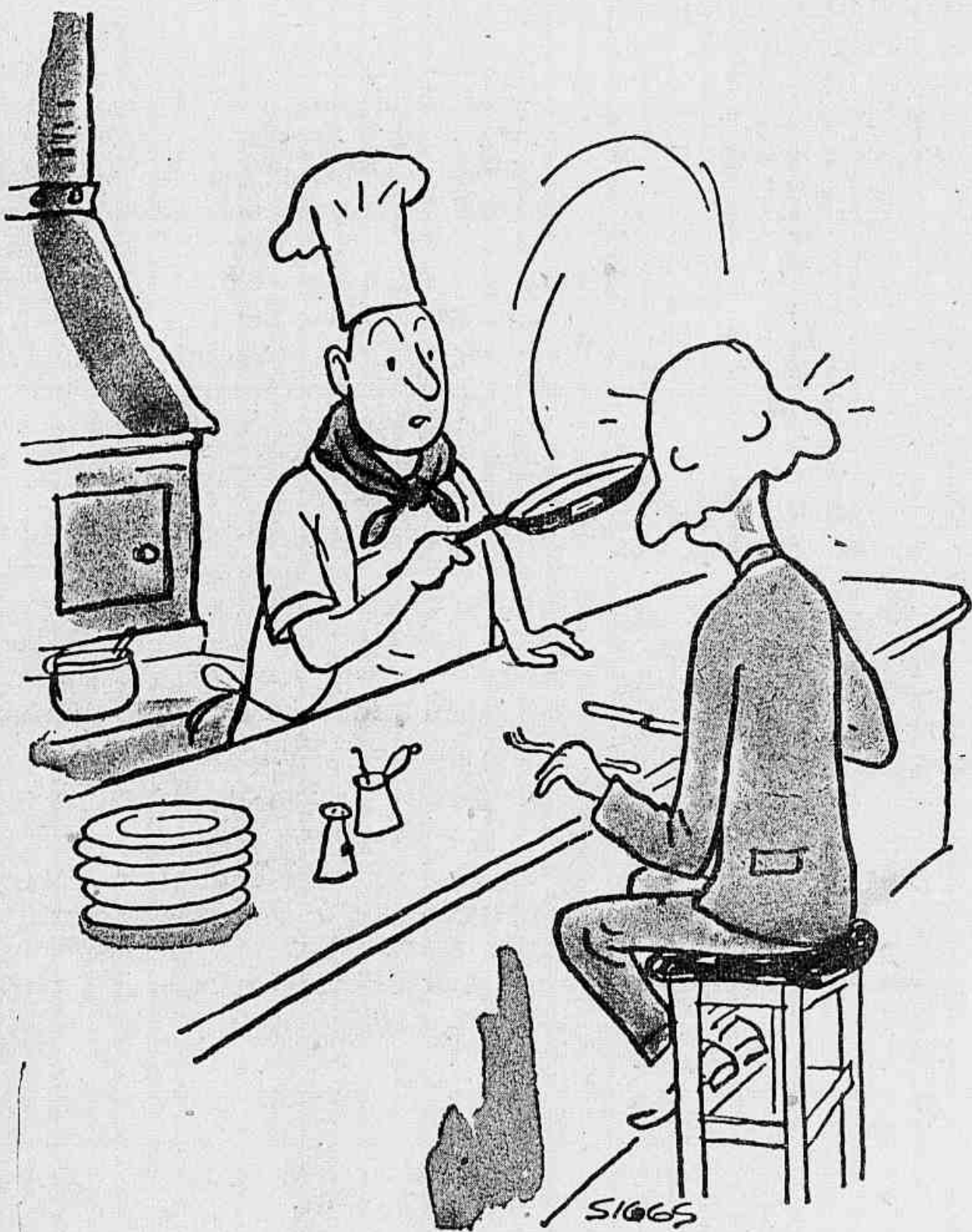
Angelino entrou.



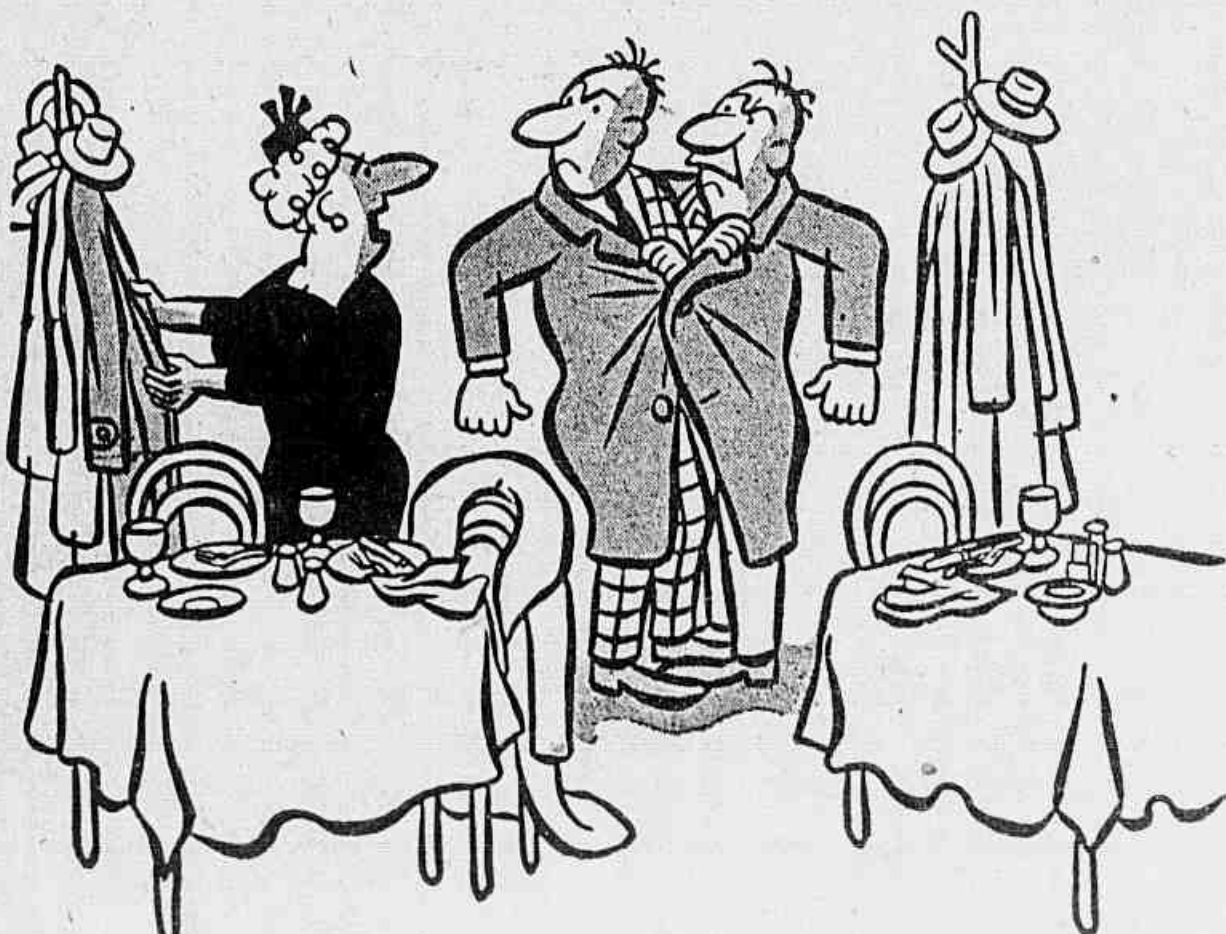




— Esta foi a mais bela explosão que eu já filmei!



— Quase sempre eu apanho na panela... Mas, às vezes...



TOM HENDERSON

— Espere, Altamirando! Ele tem razão... O seu casaco é este aqui...



Roy L. Fox

— Madame, com este presunto a senhora poderá alimentar três maridos!

## BOM HUMOR

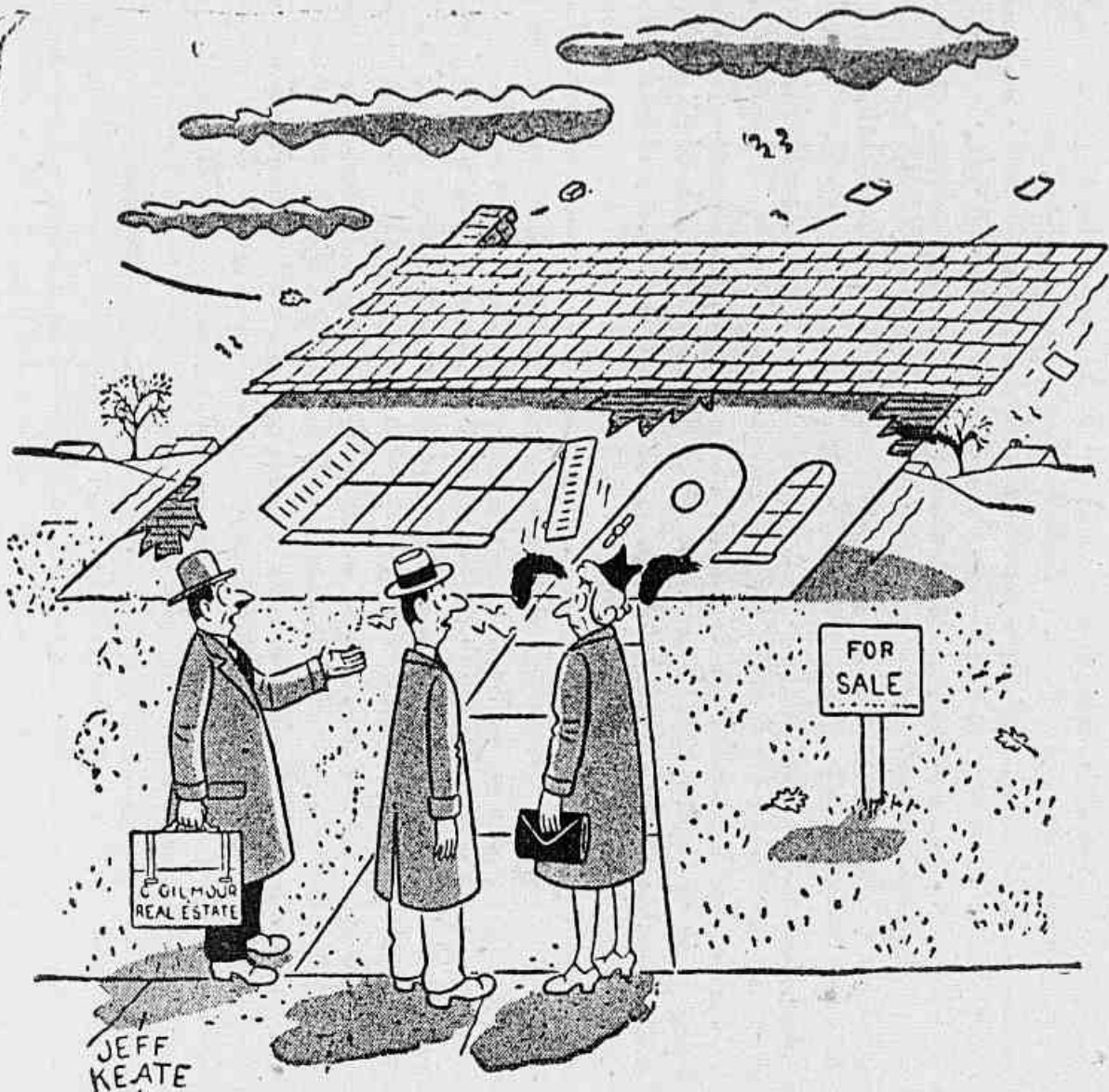


CLYDE LAMB

TELEVISAO

— João passa para Pedro, Pedro passa para Mario... Oh, desculpem... Parece que há um pequeno defeito no aparelho de tomada de vistas...





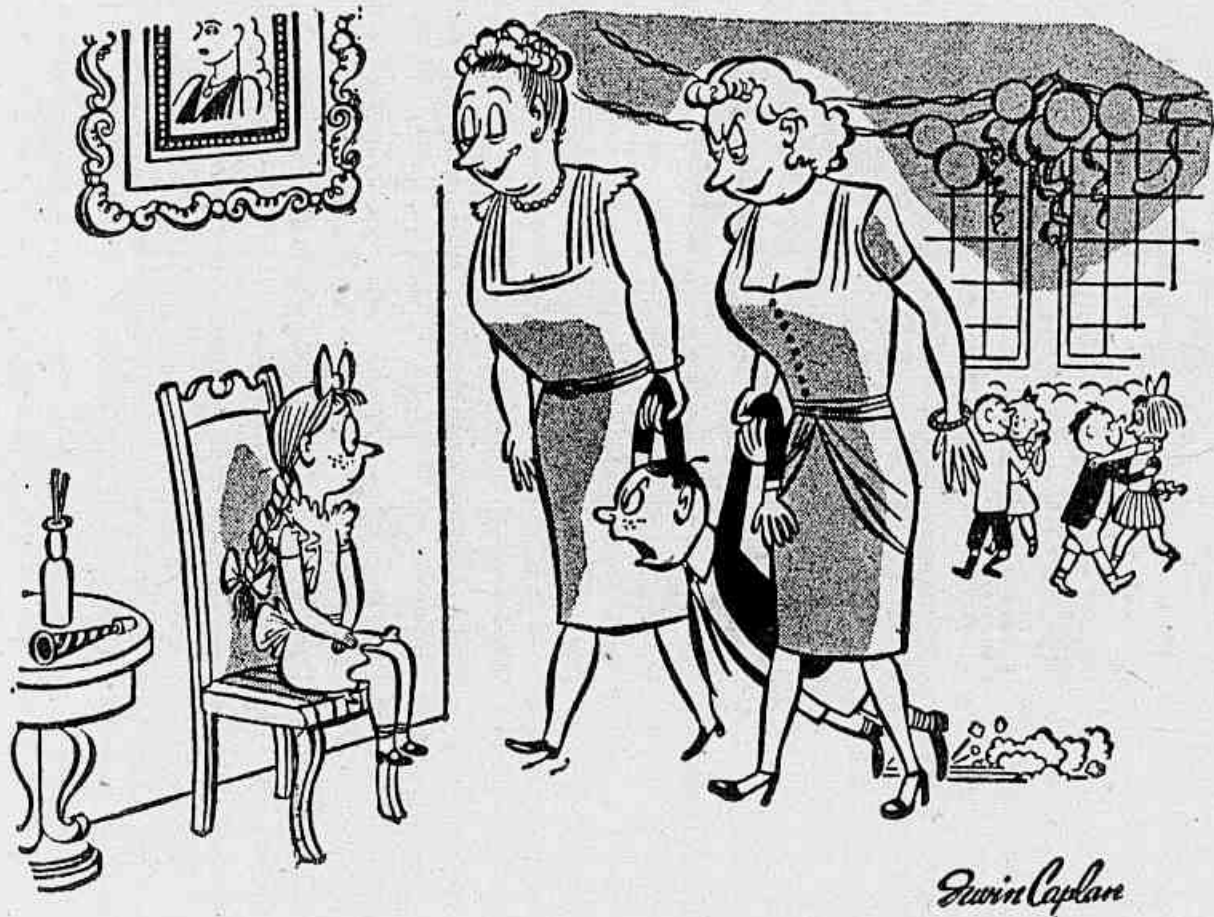
#### CASA PRE-FABRICADA

— Bem, nem sempre a casa tem esse aspecto... As vezes o vento muda de direção...

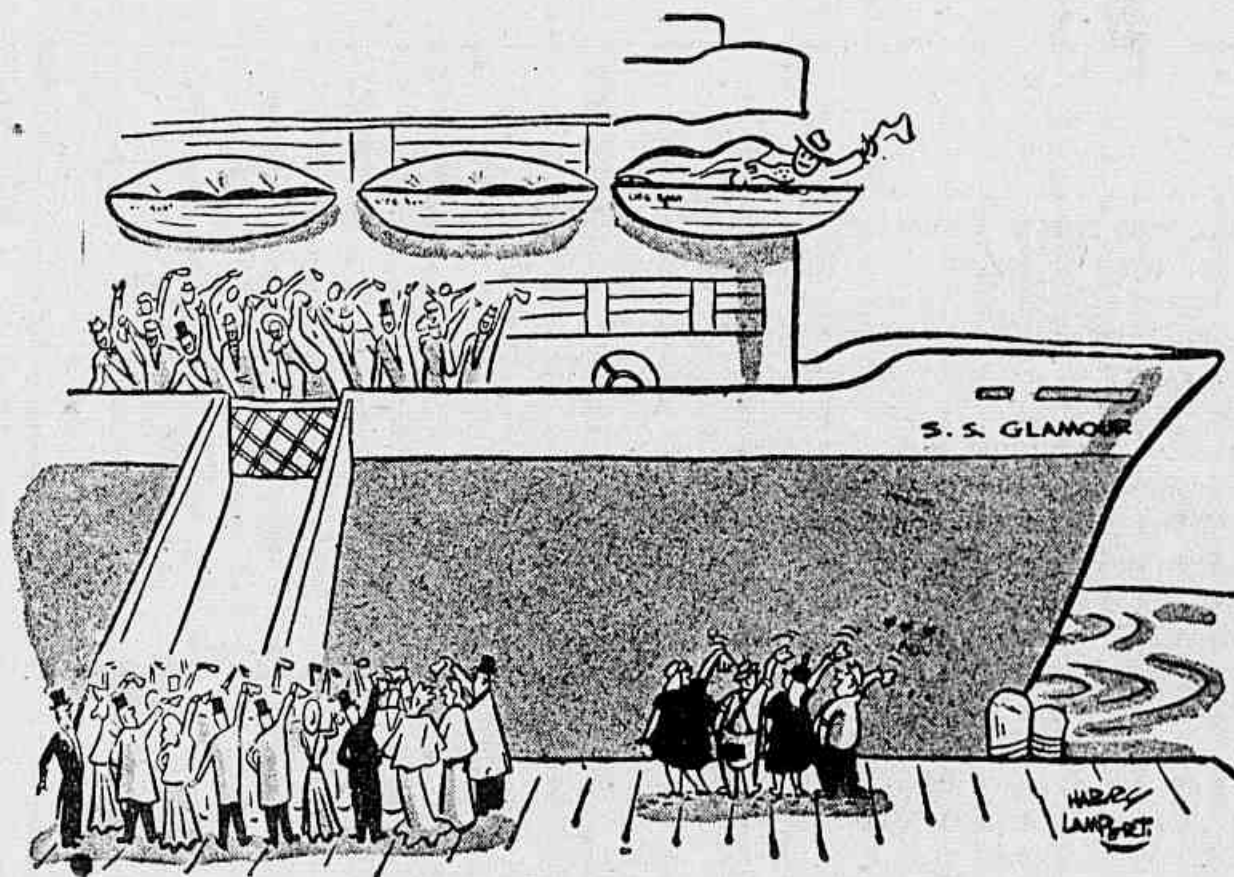


#### ENTREVISTA

— Obrigado, senhor... Anotarei sua opinião como sendo contra as saias compridas...



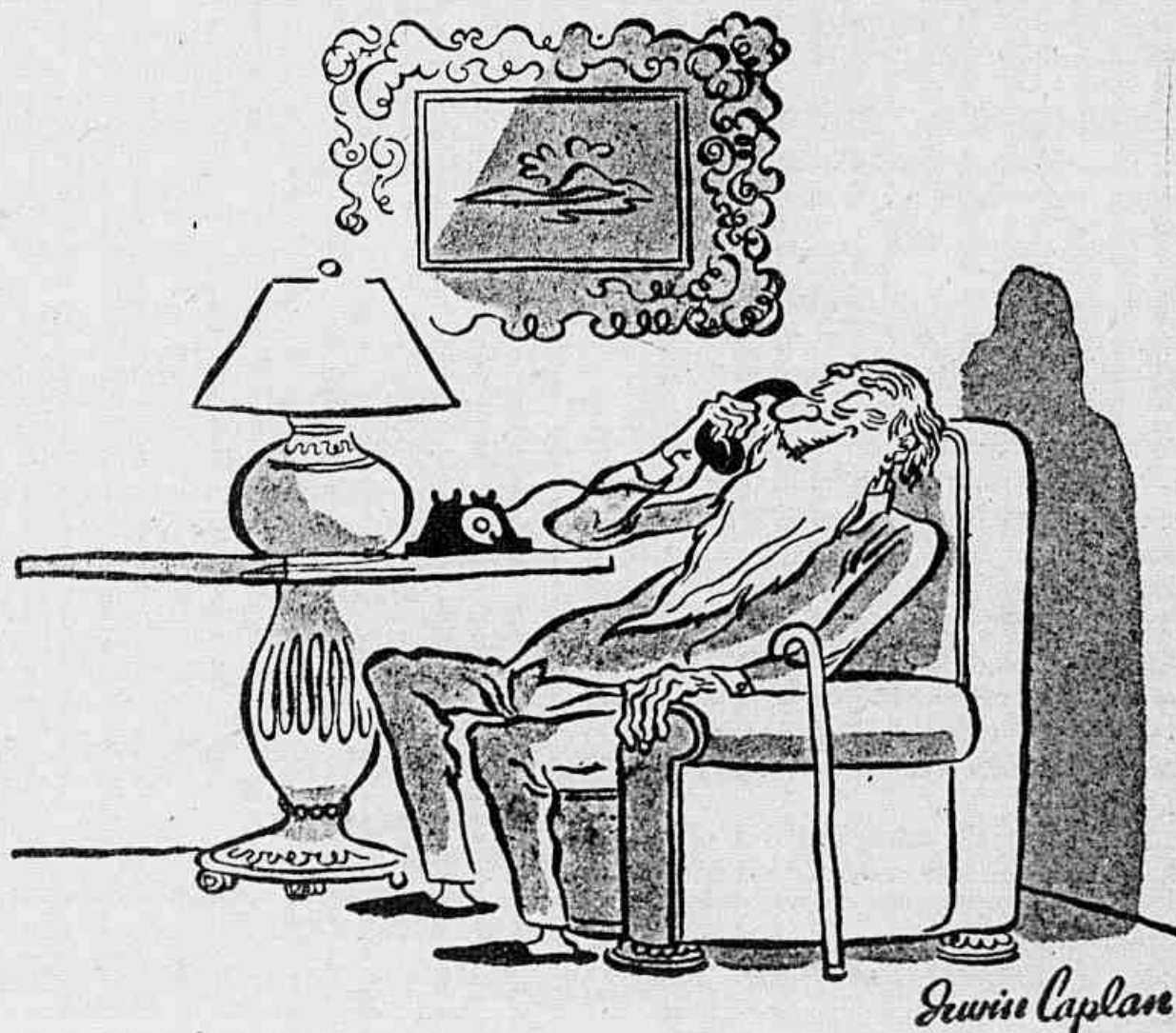
— Pode me conceder esta contradição, Mariazinha?



O impossível acontece: o botafora de um clandestino...



— Oh! querida! Foi tão gentil de sua parte não me dar tempo de torcer a chave na fechadura!



— Eu tinha pensado em telefonar antes, Gladys, mas você sabe... Tem acontecido tanta coisa perturbadora... A morte da rainha Vitória, o terremoto de São Francisco, a guerra de 1914...



**N**A galeria de escritores brasileiros contemporâneos, Luiz Gastão d'Escragnolle Dória recomenda-se como um dos mais operosos — em relação ao tempo em que moureja nas letras e aos assuntos divulgados desde 1891, em livros, jornais e revistas.

Filho do general Luiz Manuel das Chagas Dória, antigo lente das Escolas Militar da Corte e Superior de Guerra, e de dona Adelaide Tau-nay Dória, nasceu Escragnolle Dória na cidade do Rio de Janeiro a 31 de janeiro de 1869.

Ultimado com excelentes aprovações o curso de humanidades, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, conquistando o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais.

De julho de 1891 a 18 de fevereiro de 1893 colaborou assiduamente na «Folha da Tarde», da cidade de Santos.

Na segunda fase de «A Semana», sob a direção de Valentim Magalhães e Max Fleiuss (1892-95), contou aquele brilhante hebdomadário com a colaboração efetiva do jovem escritor.

Depois de haver lecionado em vários estabelecimentos de ensino particular, subdividindo-se para bem corresponder às exigências do ensino, exerceu, com o critério que sempre o norteou, os cargos de redator de debates do Senado Federal e de membro de uma das comissões incumbidas de examinar em arquivos europeus documentos que fossem de real interesse à história do Brasil.

Nomeado a 5 de novembro de 1906 lente catedrático de história geral do Colégio de Pedro II, em virtude de concurso a que se submeteu, iniciou no magistério oficial uma das fases de maior atividade da sua laboriosa existência, tendo anteriormente exercido a cátedra de professor da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro e a de lente interino de história naquele colégio, como a de professor suplementar de inglês no internato, então denominado Bernardo de Vasconcelos.

De maio de 1917 a 18 de setembro de 1922, dirigiu, em comissão, o Arquivo Nacional.

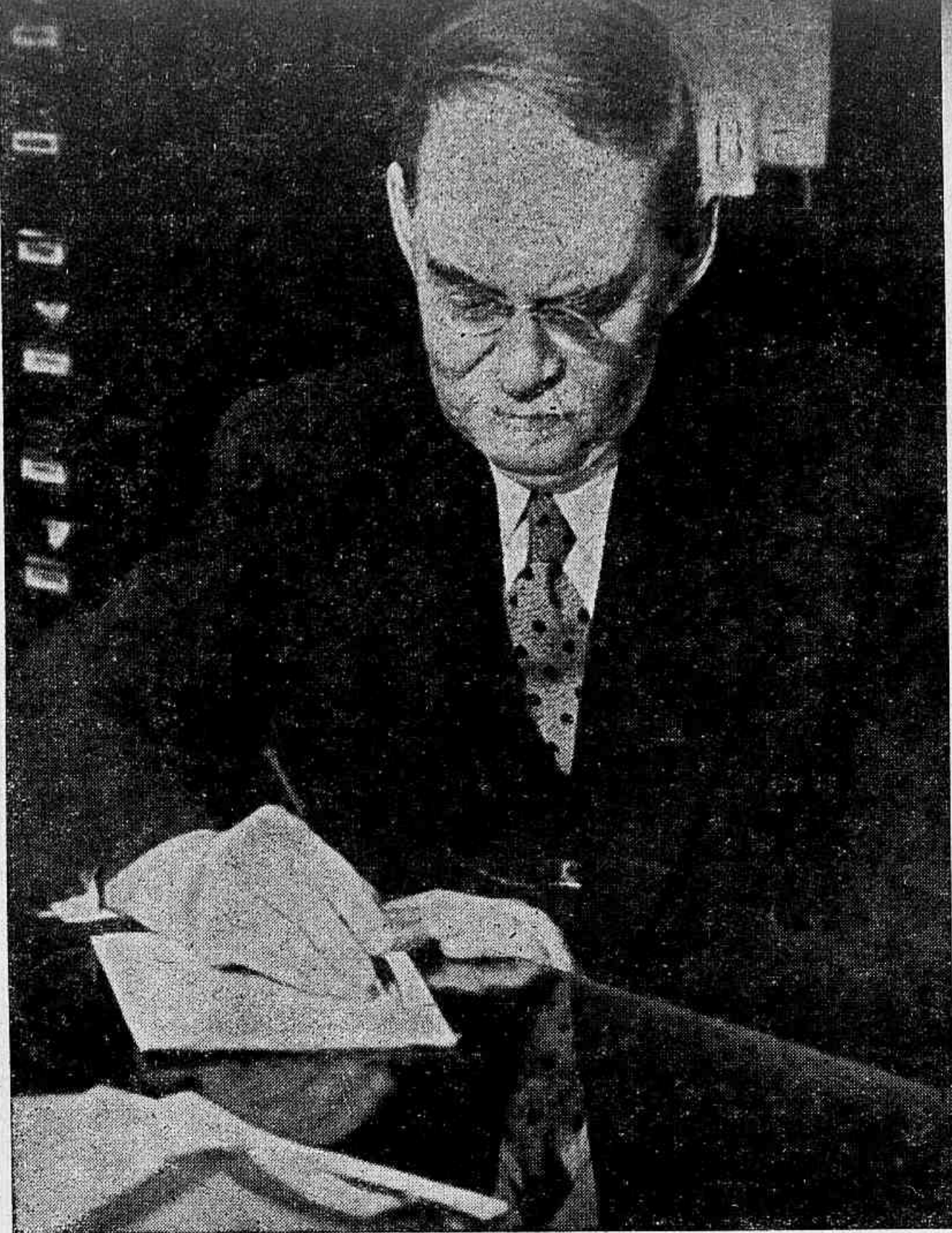
Assinalou-se esse período na gestão do importante departamento da administração federal por uma série de notáveis melhoramentos no serviço de classificação de documentos históricos, que se refletiam na catalogação sistemática, melhorada e ampliada. Com exemplar devotamento, o dr. Escragnolle Dória dedicou-se à comissão que lhe fôra confiada, de forma a proporcionar a todos quantos procuravam o Arquivo Nacional seguros informes para elucidação de dúvidas históricas.

A 5 de abril de 1937, contando mais de 30 anos de relevantes serviços ao magistério, jubilou-se nas funções de lente catedrático. Por voto unânime da congregação, foi proclamado a 12 de junho do mesmo ano professor emérito. Celebrou-se nessa ocasião expressiva cerimônia no salão nobre do externato de Pedro II, em honra do mestre querido, que por sua dedicação ao ensino se tornara bem merecedor dessa homenagem.

Sócio do Instituto Histórico Brasileiro, proposto em sessão de 16 de agosto de 1911 e empossado no ano seguinte, desempenhou o cargo de secretário interino e fez parte de várias comissões no benemérito sodalício.

Na proposta firmada por Gastão Ruch, Max Fleiuss, Eduardo Marques Peixoto e Artur Guimarães, com justificativa das credenciais literárias de Escragnolle Dória, que o tornavam digno de ocupar uma das cadeiras do Instituto, diziam aqueles senhores:

«Há famílias ilustres em que por herança se transmitem dotes de inteligência, espírito de combatividade e acendrado amor às coisas pátrias. Neste caso está o nosso candidato, em cujos ascendentes se encontram



# ESCRAGNOLLE DORIA

## CINQUENTA E SEIS ANOS DE LABOR INTELECTUAL

### (ANOTAÇÕES BIO-BIBLIOGRAFICAS)

Por NORONHA SANTOS (Especial para REVISTA DA SEMANA)

varões recomendáveis por todos os títulos. Basta dizer que o sr. Dória é sobrinho do nosso pranteado consócio Alfredo d'Escragnolle Tau-nay. Desde muito moço revelou o sr. Luiz Gastão d'Escragnolle Dória fulgurante inteligência. Colaborou em vários jornais e revistas, o «Jornal do Comércio», «O País», «A Notícia», «Gazeta de Notícias», «Revista Brasileira», «A Semana» e «Rua do Ouvidor». Na precitada «Revista Brasileira» escreveu notável trabalho — «Os Artistas de Outro Tempo», produção que, segundo abalizada crítica, além de curiosa, é digna de ser lida com atenção e interesse.

Do mesmo candidato figura em nossa revista, tomo LXXI, parte II, o trabalho «Coisas do Passado». Nele ainda se revela o sr. Dória exímio estilista, fino observador e crítico de bom quilate. Moço ainda, o sr. Dória parece ter vivido há 50 ou 60 anos — tais as preciosas informações acerca dos nossos costumes e personagens políticos.

São completos os estudos de psicologia do visconde de Inhomirim e Sousa Fraves.

Com tais e tão valiosos predica-dos, entendemos que o sr. Dória está nos casos de pertencer à nossa agremiação, para a qual trabalhará com zelo e entusiasmo, apanágios do seu belo caráter.»

Crítico literário, contista, historiador, biógrafo, poeta e tradutor — revela-se-nos o professor Escragnolle Dória em qualquer desses setores das letras um dos mais fulgurantes espíritos que têm honrado a cultura brasileira.

De sua pena encontram-se na «A Semana», no «Jornal do Comércio» e na «Gazeta de Notícias» estudos

interessantíssimos sobre livros franceses e no tocante a peças teatrais, representadas em 1908 no pequeno teatro da Exposição Nacional.

Em números das revistas «Capital Paulista» (1900-901), «Anais» (1905) e «Época» foram publicadas várias composições poéticas, entre as quais «Noite de Batalha», dedicada a Paul Marguerite, «Vala Comum», dedicada a Jaime Séguier, «Em Presença do Amor», «Palinódia», «Aquele Noite», «Água Forte» e o soneto «Almas Gêmeas» — traduzido pelo dr. Goran Bjorkman no jornal sueco «Tidsfordrif», de Stokolmo.

De sua copiosa obra intelectual constam traduções de trechos de «Lourdes», de Emile Zola («A Semana» — 22 de agosto de 1894); da «Mentirosa», de Daudet («A Semana» — 22 de setembro de 1894); «Das Serres Chaudes» e «Os Cegos», de Maeterlink («A Semana» — números de 2, 23 e 30 de março e de 13 de abril de 1895); «Medalha Antiga» — original de José Maria De Herédia («Capital Paulista»), e do «Corvo», de Edgar Poe (na revista «Atheneida»).

Na segunda edição de «Intermezzo», de Heine, tradução de João Ribeiro (Tipografia Laemmert & Cia. — 1902), figura um prefácio de Escragnolle Dória.

Na «Corografia do Brasil», do sempre lembrado professor Olavo Freire (edição Monteiro Lobato — São Paulo — 1925) e no «Epitome da História do Brasil», de Jonatas Serrano, encontram-se prefácios eruditos de Escragnolle Dória.

Colaborador da revista «Arquivo Público Mineiro», escreveu um dos prefácios de suas coleções e organizou índices das matérias reproduzi-

das nas «Publicações do Arquivo Nacional», sob o título «Arquivo Público Mineiro e suas preciosidades».

Em 1942 prefaciou a obra de J. Chediak — «Carlos de Laet — o polemista» (1ª série).

Acêrca do labor intelectual do digno e ilustrado historiador, traçou o conhecido filólogo e educador que foi o dr. Alfredo Gomes, no capítulo «História Literária», do «Dicionário do Instituto Histórico Brasileiro» — publicação comemorativa do Centenário da Independência Nacional (1º vol.; pág. 1512), os seguintes comentários que definem as múltiplas facetas da personalidade do cronista, biógrafo, contista e pesquisador de coisas históricas:

«Sobre matéria referente a vários conhecimentos humanos, tem Escragnolle Dória exibido a sua competência intelectual — mas no terreno a que limitadamente se refere o nosso desideratum, biformes têm se revelado as suas manifestações intelectuais, como novelista e como biógrafo. Pesquisador acurado e competente, seus artigos esparsos e o volume que publicou sob o título «Coisas do Passado» dizem otimamente dos seus estudos históricos.

Os inúmeros contos, que ainda atualmente escreve e subscrive, corroboram o que de longos tempos demonstrou — talento especial para o gênero literário que exige leveza de estilo, ao lado de imaginação curiosa e ávida de novidades e imprevistos, testifique o livro subordinado ao título «Dor», o primeiro dos contos publicados» («A Semana», março de 1894 — em séries.)

Alguns artigos e crônicas de Escragnolle Dória figuram com as iniciais E. D. Raros são os trabalhos que deixaram de ser assinados.

Dos pseudônimos usados pelo ilustre escritor registremos, entre outros, os seguintes:

Alvaro Guedes («Rua do Ouvidor»); Dornelas (Crônica dos Livros — «A Semana»); Jaci Belém (REVISTA DA SEMANA — dezembro de 1928); Mac («A Semana» — entre outros assuntos, em «Crônica de Livros»); Nemo («A Semana») e Ulisses de Aguiar (REVISTA DA SEMANA — seção «Terra Cario-ca»).

Em toda a vastíssima obra do infatigável escritor, avultam os assuntos históricos sobre o Brasil em geral e, particularmente, acerca da cidade do Rio de Janeiro e nos quais a prova documentária é assaz valiosa.

Desde 1921, com pequenas interrupções, durante vinte e seis anos, a REVISTA DA SEMANA tem publicado interessantes e eruditos estudos históricos do proveito historiador, abrangendo variados temas, com os mais curiosos aspectos da vida brasileira e, com particular preferência no tocante à cidade que lhe foi berço, na Colônia, no Império e na República.

Estes estudos contêm em sua maior parte nítidas ilustrações, com os flagrantes do passado, retratos e autógrafos de personagens ilustres.

E' a maior contribuição de Escragnolle Dória a que se lê nas páginas da reputada revista, nos 56 anos de produção intelectual iniciada em 1891.

Graças à aquiescência bondosa da senhora Escragnolle Dória à solicitação que lhe fizemos — enviando-nos informes sobre as crônicas de seu ilustre e digno espôso durante mais de meio século — conseguimos organizar alentados índices analíticos e onomásticos, que guardamos em nossos fichários.

Aos preciosos informes, subdivididos por quatro classes de publicações — almanaques, anuários, jornais e revistas — acrescentamos outras achegas bibliográficas e coligimos anotações concernentes à magnífica colaboração do autor na «Revista do Instituto Histórico Brasileiro», nas «Publicações do Arquivo Nacional», além de artigos publicados em hebdomadários, inclusive «Eu

(Continua na pág. 50)





**D**A nova geração de valores há a destacar Abílio Lessa. Intérprete de música popular, tornou-se uma espécie de cantor romântico, pela maneira toda sua de sentir a melodia que canta. Assemelhando-se bastante a Silvio Caldas, sua voz é suave, agradando a quantos o escutam interpretar uma valsa ou um sambacão daqueles que Orestes Barbosa sabe escrever. E' bastante jovem, sabe portar-se diante de um microfone e não será difícil que venha a suplantar muitos «astros» de primeira grandeza, pois lhe sobram qualidades para isso. Seu repertório é dos mais cuidados, justificando-se o interesse para suas audições ao microfone da Rádio Tupi, onde veio preencher a lacuna aberta com o afastamento do «caboclinho querido». Antes de ingressar no «cast» da P.R.G-3, Abílio Lessa integrou o elenco da Nacional, aí aparecendo em programas como «Um milhão de melodias», «Programa Luiz Vassalo» e tantos outros «broadcasts» irradiados pela P.R.E-8. Com o término do contrato, o jovem artista viu-se assediado pela Tupi, que, diga-se de passagem, lhe fez vantajosa proposta, aceita sem mais delongas. Hoje, ele anima o programa de conhecido «magasin» carioca, independente de participar noutras atrações da P.R.G-3. Além de cantor, Abílio Lessa é autor de algumas composições. Com dois anos de atividade no «broadcasting» carioca, figura entre os preferidos do público, absorvendo a atenção das garotas, que o consideram o maior.



**O**LINDA VALE, cuja voz é um encanto, há muito presta seu concurso à divulgação de nosso folclore. Artista de qualidades invejáveis, com brilhante atuação no «broadcasting» carioca, ela desfruta a simpatia popular, base essencial para o triunfo de uma «estréla». Participando, no momento, do elenco da Rádio Jornal do Brasil, nem por isso se descuida de aprimorar seus conhecimentos artísticos, estudando com afinco o «bel-canto», uma vez que aspira a melhor situação no meio radiofônico. Na P.R.F-4, da qual é exclusiva, Olinda Vale vem tomando parte em programas de estúdio, interpretando, de preferência, composições do riquíssimo folclore brasileiro, da qual é uma «tusiasta». Sua passagem pelo rádio carioca está assinalada de forma auspiciosa, uma vez que se preocupa em oferecer a seu numerosíssimo público melodias que falem bem de perto do que é nosso. Esta é uma das razões de sua permanência na Rádio Jornal do Brasil, sabendo-se quanto a P.R.F-4 é exigente. Olinda Vale já atuou noutros prefixos e realizou diversas «tournées» pelo interior do país, quando teve oportunidade de coligir números interessantes para o próprio repertório. Dotada de gênio alegre e expansivo, sua presença é motivo de satisfação, tal o desembaraço com que sabe entabular conversação. Fora da atividade radiofônica, sua preocupação está no lar, nos livros e nas composições. O cinema faz parte de seu divertimento, assim como o teatro.



**A**LBERTO LAZZOLI é um nome vitorioso. Projetando-se no cenário artístico brasileiro, onde grandes figuras militam, ele não se viu diminuído nem tampouco sofreu a indiferença pública, porque seu valor estava e está patenteado em obras de fôlego, como sejam bailados, operetas, solos, arranjos e composições de indiscutível mérito. Artista na expressão do vocábulo, vivendo quase que exclusivamente para a música, sempre esteve à frente de homogêneas orquestras, conduzindo-as com o brilhantismo peculiar aos grandes regentes. Mas nem por isso se mostra vaidoso, pois sabe encarar a glória como coisa efêmera. Orquestrador dos mais competentes, sua atividade é de assombrar. Observa-se nele o amor à arte, daí o desdobrar-se em realizações que, na maioria das vezes, embora alcançando sucesso esperado, o deixam exausto, dado seu empenho e interesse. Sua contribuição ao rádio é das mais apreciadas. Pertenceu à Mayrink Veiga, na qualidade de regente de orquestra. Mais tarde, transferiu-se para a Nacional, sua presente emissora. Na P.R.E-8 figura entre Radamés Gnattali, Lirio Panicali, Leo Peraci e Romeu Ghispan, nomes de relevo no panorama musical de nossa terra. Não há muito escreveu «A felicidade», bailado que comprova os conhecimentos desse festejado maestro a quem a Nacional confiou alguns de seus programas, inclusive as audições «Royal Briar». No momento, segundo soubemos, ele trabalha numa ópera.



**E**DGAR CARVALHO veio do Norte. Seu primeiro contacto com o rádio deu-se ao microfone da P.R.A-3, onde começou a escrever uma série de crônicas a que intitulou de «Cór de rosa». Com o conhecimento ganho, passou aos comentários políticos, à confecção de programas e à elaboração de peças de rádio-teatro. Lançou «Os homens que viram a guerra de perto», reportagens curiosas e que lhe deram maior popularidade. Já então a novela bulia com os nervos do jovem radialista. Eis quando, corajosamente, se lança ao empreendimento, escrevendo «Racilba, mulher sem coração», mais tarde posta em volume. Por essa época, assinou a seção radiofônica de um matutino, fez crônicas para algumas revistas e desempenhou funções numa companhia estrangeira. Diversos programas saíram de sua pena para o microfone P.R.A-3, além de crônicas e comentários. Depois, Edgar Carvalho ingressou na Agência Nacional, sem que isso impedisse sua atividade radiofônica. Deixando a Rádio Clube do Brasil, assinou contrato com a Tupi, passando a colaborar com Manuel Barcelos nos «Comandos Tupi». Também não desistiu das novelas, já tendo entregue uma história em capítulos para o «cast» das «Associadas». Há anos, publicou um romance intitulado «Fábrica», hoje com a edição esgotada. E' de estatura mediana, gosta de uma boa palestra e valoriza muito o tempo que, por sinal, lhe é escasso.

# GENTE DE RADIO

DE QUATRO  
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA  
Por ARMANDO MIGUEIS



# Os homens as Loucas

"E voltando-lhe as costas, afastou-se, de-  
vaçar, riscando o chão com a bengala." —  
Eça de Queiroz

Conto de Diógenes Magalhães ★ Ilustração de A. Pacheco

**A**LGUM tempo hesitei quanto à conveniência ou não de divulgar este caso. E' um conto de amor, e este gênero considera-se hoje fora de moda, impossível, doidamente ridículo.

— Ora, — direis, — uma novela de amor... Há tantos livros sobre tal assunto!

Concordo. A era nova, chamada atômica, deveria ter destruído todas aquelas ilusões antigas, que assim morreriam, como no poema, «num sonho, como um ai!». Mas qual o tema que não suportou ainda uma infinidade de volumes, bons e maus? E quem nos diz que estamos diferente, apesar de toda essa mecânica?

Ei-la, portanto, aqui deixo, tal qual me contaram, a história triste de uma triste amizade. O seu protagonista era personagem à procura de um escritor. Encontrei-o, fi-lo extravazar a mágoa que lhe ia na alma.

E' possível que as palavras não retratem, com absoluta precisão, o desenrolar da tragicomédia. Perderam, ao se fazerem minhas, a «pureza primitiva». Já lá vão tantos anos! Prometo, no entanto, envidar o melhor dos meus esforços no intuito de lhes ser fiel em todos os pontos. E o que houver de artifício, culpai antes este meu cérebro envenenado pela literatura, e não ao dono do assunto, que é um simples, incapaz de uma fantasia.

«Vem dos meus saudosos tempos de estudante a minha predileção pelas mulheres alvas, de loura cabeleira. (Não desejo emprestar à particularidade maior valor do que ela tem realmente; cito-a porque exerce grande influência no ocorrido.) Nunca se consegue adivinhar o porque dessas preferências, embora hoje se queira tudo explicar através da psicanálise. Não sei. Naquela época não existia psicanálise e tínhamos de contentar-nos com as coisas quais nos vinham, sem análises técnicas, sem termos científicos.

Ora, a minha família não olhava em primeiro lugar a cor da pele, nem a dos cabelos. O que a ela servia de ponto de partida era a descendência das jovens. Ainda hoje há disso: famílias que se apegam a uma pseudo aristocracia e procuram uma pureza de linhagem que não consta de nenhum livro. Fui criado nesta política, e vós conheceis o que é lutar contra os fatos, quando eles estão irremediavelmente nas grades do passado. Tanto usamos um sentimento que acabamos por adotá-lo.

Eis por que os meus parentes não encaravam com simpatia a minha inclinação para Sandra, cujo pai, um alemão da Baviera, passara a mocidade a vender salsichas aos rodados compatriotas, que o buscavam

pontualmente, com ardor religioso.

Se fôssemos incluir Sandra entre os produtos do velho Werner, teríamos de considerá-la a sua obra-prima. Facilmente aquela figura de menina-e-moça transformaria em verdadeiro inferno a vida de qualquer pacato cidadão. E loura, ai de mim! Loura, semelhante às espigas, como se costuma dizer no século pretérito.

Talvez eu gostasse de viver no «verdadeiro inferno», contanto que Sandra me fizesse companhia. Ela, a seu turno, concedeu-me a graça de afirmar que não desejava outra coisa. Confesso que fiquei atordoado com aquela declaração formal, sabedor que eu era de que muitos a haviam requisitado, sem melhor consequência que uma vaga esperança, ou um «não» sistemático. Não que eu não exibisse predicados aceitáveis; mas é que outros reuniam em maior dose tudo quanto me fosse dado apresentar de vantajoso.

Rico eu não era. Tinha, é certo, o emprêgo na Companhia Petrolífera, e contava, futuramente, tornar-me administrador de um departamento qualquer, com bons proventos. Existia, ainda, a herança, mas isto era um caso remoto. De sorte que não atino com o motivo pelo qual Sandra me distinguiu do enxame de homens que a seu redor zumbia. E' um mistério, e os mistérios devem ser mantidos, sob pena de se transformarem em banalidade. E eu tudo admito, menos a banalidade.

Nerissa, ao contrário, pertencia à classe das morenas. Mas descendia em linha reta de um dos antigos presidentes dos Estados Unidos, gabava-se de uns vagos tios no Exército e na Marinha, de um parente senador da República, e de outras muitas sumidades na sua árvore genealógica. Frequentáramos a mesma universidade, e ela dedicava-me ternura espontânea e comovente, de quem ama e teme que se lhe descubra o amor, ou de quem se julga indigno da criatura amada. Fui-lhe muito dedicado. Inspirava-me uma espécie de amizade fraternal, desinteressada e franca. Estimava-a, somente, que ela era adorável. Mas não ia além disso.

Minha família julgou-a digna de meus devaneios românticos. E impôs-me a penitência de fazer a corte à bela descendente da maior autoridade de país. Disse que era bela? Minto; era lindíssima! Reunia tudo quanto se deseja de mulher bonita. A mim, porém, pecava num ponto: a cor morena. E isto, para a minha opinião, representa quase tudo no chamado sexo frágil.

Não encontrei dificuldade, a princípio, em conciliar a situação. As casas de minhas duas admiradoras

ficavam a enorme distância uma da outra. Eu dispunha da elástica desculpa de minhas ocupações comerciais. Nada prometi à morena; mas à loura disse quanto se admite dizer, exceto o caso de sua rival. E acertei como norma demonstrar a maior frieza em presença de Nerissa, até que ela, aborrecida, abandonasse o páreo, como um exército abandona a luta quando a reconhece perdida.

Alcançada esta desistência, pouco minha família poderia fazer. Ficava-me o campo livre para escolher a esposa que me conviesse.

Tal precaução explica-se: meu pai seria muito capaz de deserdar-me ao saber que eu casara com a filha de um «carniceiro», como chamariam ao bom do Werner, quando o soubessem fabricante de salsichas. Por isso eu desejava contornar os empecilhos com inteligência e ficar bem com todos. O meu dever, reconheço, era esclarecer tudo, renunciar à herança e à riqueza e lutar galhardamente pela vida. Mas a ambição, talvez o receio de enfrentar um futuro incerto, obrigava-me a este procedimento incorreto. Vós, que jamais aguardastes uma herança, não imaginais o que isto significa para o herdeiro. Divisar uma fortuna e vê-la depois fugir para longe, como água pelo fundo de um cesto — não é experiência que se ature com serenidade. Antes, mil vezes, nunca ter tido nada, nem a esperança de nada. Não há dor maior do que recordar o tempo feliz na desventura, informa-nos a sabedoria da Divina Comédia.

Prolongava-se o impasse. Nerissa jamais se aborrecia quando eu faltava aos encontros, pretextando serviços extraordinários; nunca se zangava quando me ia embora antes do tempo regulamentar, alegando cansaço. Recebia-me com um sorriso alegre, e compunha um sorriso triste, mas sempre um sorriso, nas minhas saídas intempestivas. Doíam-me representar esta farça; mas doeria muito mais confessar a verdade. E eu não sabia se a confissão chegava a consertar alguma coisa.

Pelo sim, pelo não, resolvi, de acordo com a minha inesquecível Sandra, ir economizando algum dinheiro para o nosso casamento. No íntimo, eu nunca dos nuncas admiti a hipótese de me casar com outra que não fosse Sandra. E pensava, com tristeza e medo, na possibilidade de vir a perder a herança por amor do meu amor. Todavia, se fosse este o preço de minha ventura, não vos reste a menor dúvida: eu aceitaria a condição. De sorte que o mais prudente era fazer, de logo, uma reserva.

Todos os meses, religiosamente, eu retirava do meu salário uma percentagem que entregava à rainha de minha vida. Ela o depositava com carinho (se pode haver carinho nessas coisas), em um banco da localidade. Formava-se o nosso pecúlio, o nosso futuro, o nosso tudo.

Circunstância inesperada veio, porém, modificar um tanto os meus projetos. Vêde como é caprichoso o destino. A Companhia Petrolífera deliberou transferir-me para América do Sul.

Vós sabeis o que é a América Meridional: longa mancha verde, que enxergamos nos mapas e que nos lembra romances de aventuras nas selvas. Naquele tempo, e um pouco ainda hoje, quando eu ouvia falar do sul do Continente, vinham-me à lembrança não sei quantas visões fantásticas de indígenas antropófagos, de cobras desmesuradas, ti-res famélicos, febres e miasmas. Não, eu nunca pensaria em conduzir minha esposa a um lugar desses, onde não há garantias pessoais; onde os governos são caudilhos vestidos de generais de exércitos obsoletos; caudilhos que regem nativos com despotismo de soba. Está visto que depois mudei de convicção. Nada como a experiência direta para modificar juízos precipitados. Mas como poderia, naqueles tempos ignaros, adivinhar pormenores?

A transferência colocar-me-ia a considerável distância de minha amada. Em compensação (a eterna lei!), também ficaria distanciado da outra da indesejável, da bondosa Nerissa. Eu preferia, no entanto, o antigo conchavo, as dificuldades a se agravarem, mas sempre a presença de Sandra.

Procurei eximir-me da transferência. Falei ao sr. Berger, um dos sócios mais influentes da Companhia; fi-lo ver que a mudança traria inconvenientes não só para mim, senão também para a própria firma. Ele, porém, com aquela voz gutural dos tentônicos, e muito manso, muito quieto, muito convincente, respondeu-me:

— O sr. sabe que o seu novo cargo é um prêmio. Depois de ter sido gerente, — rezam os nossos estatutos, — o funcionário não volta a desempenhar funções inferiores; de sorte que, sendo gerente lá no Sul, o senhor, de agora em diante, será gerente para todos os efeitos.

Irremediavelmente! Afinal os patrões reconheciam os meus esforços e procuravam recompensar-me. A situação melhorava. Quanto a mim, uma vez que preferia, como disse, permanecer no País, e avisar-me diariamente com a deusa de meus sonhos, pus-me a remexer o alforge da memória, à cata de um argumento. Encontrei apenas esta frase idiota:

(Cont. na pág. 50)



Merem



PACHECO





## MAIS UMA SUECA EM HOLLYWOOD

MARTHA TOREN ESTREIA NA REFIL-  
MAGEM DE "PEPE LE MOKO", QUE  
ESTA' SENDO FEITA SOB O TÍTULO  
DE "CASBAH" — TONY MARTIN PO-  
DERA' FAZER UM PAPEL QUE JA' FOI  
DE JEAN GABIN E DE CHARLES  
BOYER?

Por LUÍS SERRANO

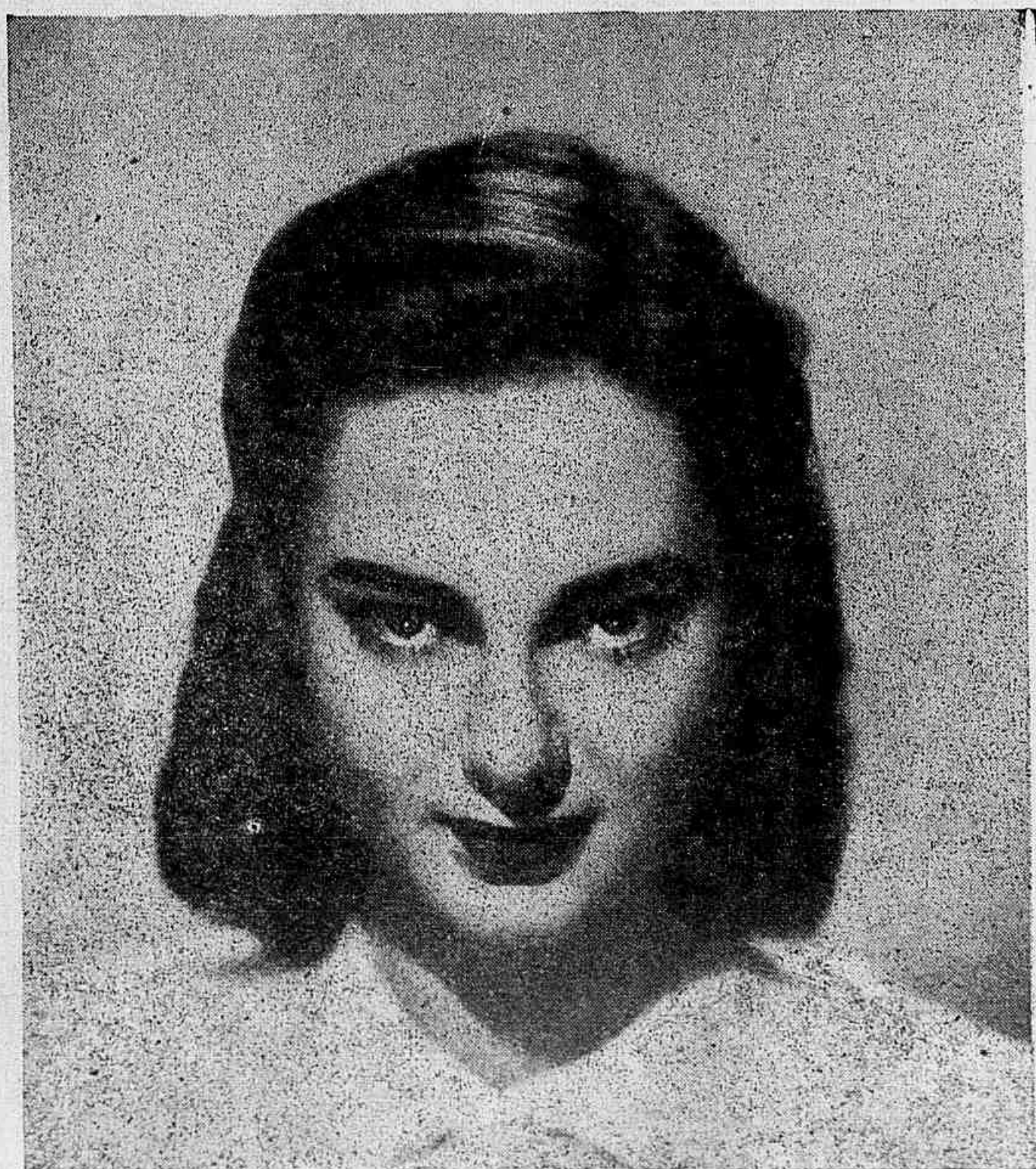
(Correspondente especial de A CENA E RE-  
VISTA DA SEMANA em Hollywood)

**M**ARTHA TOREN é mais um presente da Suécia aos fãs de cinema de todo o mundo. Depois de Greta Garbo, Ingrid Bergman e Viveca Lindfors, vem da península escandinava esta belíssima criatura de olhos azuis e cabelos castanhos, que, como aquelas duas primeiras patricias, estudou na Academia Real de Arte Dramática, e sob a direção da famosa Anna Norrie, ex-professora da grande Ingrid. Martha está com vinte e um anos e contratada por longo tempo pela Universal-International, que a mantinha de lado até que aparecesse o papel conveniente para o seu lançamento. Esse papel surgiu agora, em «Casbah», na Gaby, uma pequena francesa por quem se apaixona Pepe Le Moko, personificado por Tony Martin. Era preciso arranjar alguém capaz de tomar um homem de Yvonne De Carlo: o problema foi resolvido com Martha Toren.

A descoberta desta linha pequena foi qualquer coisa de diferente no gênero. Edwin Blum, um escritor de cinema, foi a Estocolmo a fim de recolher material para uma história que pretendia escrever. Uma vez lá, verificou que havia uma infinidade de caçadores de talentos de Hollywood, na cidade, o que só podia significar que o cinema americano precisava de uma nova Greta ou de uma nova Ingrid. Logo, ele também podia entrar na caçada. E começou pelo lugar mais conveniente, a Academia Real. Procurou o seu diretor, que se prontificou a ajudá-lo. Mas os talentos exibidos não o satisfizeram. Ele queria uma coisinha fragil... Pediu para ver algumas mais jovens. O diretor não concordou; essas ainda não estavam no ponto. E foi nesta altura que passou por eles.

(Cont. na pag. 56)

Ao alto: Martha Toren, a nova sueca de Hollywood, ao lado de Luís Serrano. Em baixo, e na página ao lado: três estudos fotográficos de Martha Toren, a nova sueca que a Universal trouxe para o cinema americano.













# O EX-REI PEDRO II, DA IUGOSLÁVIA, FALA À "REVISTA DA SEMANA"

UM SOBERANO DESTRONADO QUE NÃO PERDEU A MAJESTADE — UM "PUNHO DE FERRO" EXTERIOR GOVERNA A IUGOSLÁVIA — DIZ O EX-MONARCA QUE SOMENTE TRÊS POR CENTO DOS IUGOSLAVOS APOIAM O GOVERNO DO MARECHAL TITO — O POVO IUGOSLAVO ESPERA O SEU REI — COMO VIVEM OS EX-SOBERANOS NO EXÍLIO — OUTRAS NOTAS

Reportagem de NELSON VAINER

(Enviado especial de REVISTA DA SEMANA à Europa)

PARIS, dezembro (Pelo «Bandeirante», da Panair do Brasil)

— Se — segundo um velho provérbio — «quem foi rei sempre tem majestade» — Pedro Karageorgievitch, o rei sem coroa da Iugoslávia, parece ter nascido para confirmar a veracidade desse famoso conceito popular. Foi o que constatamos quando o vimos pela primeira vez em Londres, ao sair do Palácio de Buckingham; mais tarde, na Suíça e, principalmente nestas últimas semanas, no Plaza-Athenée, em Paris, onde o vemos várias vezes por dia, ora fumando um cigarro, ora almoçando, ora mantendo conversações com amigos e conhecidos que sempre o cercam, onde quer que se encontre. A majestade, que ele não perdeu, se nota no seu modo de falar, nos seus gestos, nas suas atitudes, no seu aspecto geral, enfim.

Hoje, tivemos o ensejo de apertar-lhe a mão e manter com ele uma longa palestra, durante a qual demonstrou funda erudição e conhecimento das coisas e causas que ele adota e defende. É um moço de 24 anos de idade, de estatura média, corpo delgado, olhos e cabelos castanhos, rosto oval e dotado de traços que denunciam à primeira vista a sua origem nobre. Nosso encontro se verificou no seu apartamento do Plaza-Athenée, no qual fomos introduzidos pelo secretário particular do ex-soberano, capitão Bicovitz.

Feita a apresentação, o secretário do rei pediu licença para retirar-se, deixando-nos a sós. Sentamo-nos. O jovem soberano abriu uma caixa dourada e ofereceu-nos um cigarro. Passou, em seguida, a mão sobre o cabelo, que lhe caía sobre a fronte. Logo depois, perguntou:.

— O senhor trouxe um questionário?

— Dei um, há dias, ao seu secretário...

— Com certeza ele esqueceu de me entregar. Que caráter pretende dar à nossa entrevista?

— Caráter geral, sobretudo político, se não se opuser a isso.

— Opor-me por que? Tenho o meu modo de pensar e é justamente por esse motivo, por agir de acordo com o meu pensamento, que hoje me encontro exilado. Responderei a todas as perguntas que formular, especialmente sobre política, conforme acaba de dizer.



Em cima: O ex-rei Pedro II e seu filhinho Alexandre, nascido no exílio, em Londres.

Na página à esquerda: Pedro II, o rei sem coroa da Iugoslávia e a princesa Alexandra, da Grécia, em Paris, numa foto feita exclusivamente para a "REVISTA DA SEMANA".

— Desejamos saber, antes de tudo, onde pretende fixar residência definitiva...

— Gostaria de voltar para casa... Lá, sim, seria a minha residência definitiva. Mas, como tal desejo não passa hoje de uma quimera, escolhi Londres para minha residência fixa, embora... provisória.

— Prefere Londres a Paris?

— Gosto imensamente das duas cidades, mas estou mais ligado à capital britânica. Foi lá que recebi a minha educação, foi lá que vivi até o dia em que meu pai foi assas-

sinado, em 1934. Voltei, depois, à minha terra natal, para, junto com a regência, governar o meu povo. Confesso, porém, que Londres jamais saiu da minha mente. Eis por que prefiro morar na grande cidade inglesa, com longos intervalos, durante os quais viajo através da Europa.

— Renunciou ao trono ou preten-

Como irá operar-se tal transformação naquele país?

— Reconheço que a Iugoslávia é governada com «punho de ferro». Mas governar um povo com «um punho de ferro», esmagá-lo quando ele tenta reivindicar os seus direitos, obrigá-lo a curvar a espinha quando ele tiver vontade de andar de cabeça erguida, não é governar. É, isso sim, escravizar, o que, fatalmente, conduz à revolta.

— Acredita, então, numa revolta no seu país?

— Acredito. Ela surgirá, oportunamente.

— Surgirá como? Quem terá forças para fazê-la? O povo? O Exército?

— Ambos, sem dúvida. Apenas três por cento da população apoia o governo atual.

— Em tal caso, como se explica que tão insignificante minoria possa ter em suas mãos os destinos da sua pátria?

— O «punho de ferro», que governa o meu país, não é iugoslavo. É externo. Acaso o senhor ignora que Stalin considera o marechal Tito o mais glorioso servidor da União Soviética?

— Absolutamente, não. Daí a minha dúvida quanto a respeito de uma revolta na Iugoslávia. Foi precisamente o marechal Tito quem lançou, em certa época, a idéia de uma Federação Balcânica. Creio que essa idéia falhou. E agora, sendo a Iugoslávia um dos países que integram o mundo oriental, acho muito difícil uma revolução parcial nessa metade do mundo, que vive sob a influência, ou melhor, sob o domínio soviético.

— Eu também acho. Mas não é impossível. Tudo isso, naturalmente, depende do que vier suceder futuramente na arena da política internacional.

— E como encara a política internacional no momento que passa?

— A situação atual é tão confusa, tão incerta, que não me atrevo a emitir uma opinião. Infelizmente, as coisas vão de mal a pior. Vários

O futuro da política soviética nos Balcãs depende de seis homens, que governam por detrás da assim chamada "Cortina de Ferro": Joseph Tito, Georges Dimitrov, Mathias Rakosi, Joseph Cyrankiewicz, Petru Groza e Klement Gottwald. Deles, o mais importante é o marechal Tito. Stalin o considera o mais glorioso servidor da União Soviética.

Educado na Inglaterra, onde desde menino aprendeu a amar a liberdade, o jovem Pedro Karageorgievitch diz que não renunciou e jamais renunciará ao trono. Pretende voltar à Iugoslávia, afim de governar o seu povo de acordo com as aspirações dos iugoslavos. Quer restaurar a democracia no seu país, pois "governar um povo com um punho de ferro, esmagá-lo quando ele tenta reivindicar os seus direitos, obrigá-lo a curvar a espinha quando ele tiver vontade de andar de cabeça erguida, não é governar. É, isso sim, escravizar, o que, fatalmente, conduz à revolta". Mas conseguirá ele, um dia, voltar ao trono que deixou de existir?



Na página ao lado: Alexandre, filhinho do ex-rei Pedro II, da Iugoslávia. Que sorte o espera, sendo seu pai um rei destronado? Só o tempo o dirá.



O ex-rei Pedro II, por ocasião de uma festa da colônia iugoslava em Londres, cumprimentando uma das damas da "The British Legion".



perigos ameaçam a paz do mundo. A guerra, com todos os seus horrores, paira novamente sobre a velha Europa e não se pode saber como isso vai terminar.

— Acha que os povos europeus se verão novamente obrigados a apelar para as armas, como em 1914 e 1939, a fim de resolverem os velhos problemas que convulsionam a Europa?

— Torna-se muito difícil responder a esta pergunta. Só o tempo o dirá. Quem diria, durante a última guerra, quando a Rússia, os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e outros países, unidos na maior luta de todos os tempos contra a maior fabricante de guerras, que foi a Alemanha, ontem do Kaiser e ainda há pouco de Hitler, viveriam, depois da guerra, em tremendos conflitos? Quem conceberia, naquela época, que os povos, que lutaram para unificar a humanidade, se separassem bruscamente em duas partes, provocando, acusando, sendo acusados, preparando, enfim, o terreno para uma nova hecatombe? No entanto, isso é um fato. Mais uma vez, os povos não se entendem. No entanto, quero crer que nova guerra mundial possa ser evitada. Não posso mesmo conceber, depois dos horrores de duas guerras mundiais, que esse flagelo venha a repetir-se.

Enquanto falava, olhávamos em redor, examinando as coisas que avistávamos em todos os cantos. Brinquedos, muitos brinquedos: automóveis, trenzinhos, dados dourados, um ursinho, um pequeno elefante...

— São os brinquedos do meu filhinho — disse o ex-rei, com uma expressão de alegria nos olhos. — Brinquedos para um menino que jamais viu um brinquedo que reproduz canhões, aviões de bombardeio, fuzis, metralhadoras... Quer ver o meu filhinho? — e, dizendo isso, levantou-se, dirigiu-se para a porta do centro, entrou e voltou em seguida, acompanhado pela sua esposa e pelo filhinho.

A rainha, Alexandra Karageorgevitch, ex-princesa da Grécia, cujo pai morreu de uma mordida de macaco, em 1921, é uma criatura muito linda, de olhos e cabelos castanhos. É alta, muito elegante, e conserva um eterno sorriso nos lábios. A presença de mãe e filho interrompeu a nossa entrevista. Apresentaram-me o menino que, muito dado, não se recusou quando o convidamos para vir ao nosso colo.

Mudamos, então, de assunto. Quisemos saber como o casal de ex-soberanos aproveita o tempo em Paris e nas demais cidades européias que costuma visitar. Ambos respondem amavelmente às nossas perguntas. Praticam todos os esportes.

quer no verão como no inverno. Vão raramente ao cinema e mais raramente ainda visitam as «boîtes» de Paris ou de Londres. Preferem a vida ao ar livre. O ex-rei gosta de teatro, mas só aprecia peças clássicas. Lê muito, sobretudo a literatura inglesa. Também vai raras vezes ao teatro. Em todas as cidades que visitam, principalmente em Paris, dedicam a maior parte do tempo aos refugiados iugoslavos. Em Paris, há alguns milhares deles, uns trabalhando nas fábricas, outros nos campos. Como a vida atualmente na França é muito dura, é natural que os refugiados iugoslavos passem muito mal. Os ex-soberanos, então, os socorrem, à medida do possível. Mas se há soluções que não solucionam, o auxílio de um soberano destronado e exilado, aos seus compatriotas também exilados, é uma delas. O ex-rei sugere:

— A Europa é pequena para os povos que nela habitam. Abrir as portas de países capazes de receber os homens de boa vontade, que não encontram base no Velho Continente, seria uma solução que, em grande parte, resolveria um dos mais graves problemas da Europa. Os iugoslavos, por exemplo, são ótimos elementos para o campo. Aclimatar-se-iam em qualquer país, desde que lhes facilitassem a entrada. O Novo Mundo, por exemplo, tem muitas terras quase abandonadas, que o elemento europeu cultivaria com esplêndidos resultados. O senhor não está de acordo?

— De pleno acordo. Mas essa é uma questão que não depende de uma sugestão, mesmo que ela seja das mais honestas. O mundo anda com receio. Para viajar, hoje em dia, é preciso ter uma paciência de ferro. Não nos deixam entrar, não deixam sair... Não deixar entrar turistas em cidades que vivem de turismo, e países que necessitam de braços para todos os trabalhos cerram as suas portas para os elementos estrangeiros, por um ou outro motivo. Que fazer? O mundo anda torto mesmo...

Alguém bate delicadamente na porta. O ex-rei se levanta e abre-a. É o capitão Bicovitz, que vem anunciar ao ex-soberano que o carro está esperando, que a hora de partir chegou. O ex-rei pede desculpas. Despedimo-nos. Descemos e minutos depois assistimos à partida do ex-soberano. Ele entra no seu «Cadillac», último modelo. A rainha, acompanhada por uma amiga, entra atrás. Ao lado do ex-rei, o capitão Bicovitz. O carro real começa a correr, guiado pelo próprio rei. Atrás, um automóvel gris, no qual se encontram quatro pessoas. É a polícia, a guarda do ex-rei. Minutos depois perdemos-lo de vista, talvez para sempre, pois amanhã ele voltará a Londres e nós já pensamos em regressar ao Brasil.

Os ex-soberanos são muito esportivos e adoram os esportes de inverno. Eis o jovem casal, em Saint Moritz, na Suíça, voltando de uma excursão nas montanhas.







A moça sentou na poltrona. E' uma poltrona velha, profissional, poltrona de escritório de advogado, que recebe em suas molas e aconchega inquilinos à véspera de despejo, maridos ultrajados, esposas infelizes em desquite, herdeiros em inventários lentos, portadores de cheques sem fundos ou de promissórias vencidas a cobrar, toda a pauta do drama da rua da cidade, que vai terminar costurado em processos judiciais, com selos, carimbos, prazos legais, linguagem arcaica e sentença final.

Ali estava ela. Trazia uma pauta usada de trabalho boina, blusa e um ar decidido. Os olhos alumiam. Pensei em classificá-la como consulente: noiva enganada — foi o que mais pareceu — a sondar a possibilidade de soarem os acordes da marcha nupcial sob a regência compulsória de um juiz. Mas uma voz direta cortou-me as cogitações:

— O doutor vai fazer hoje mesmo o seu seguro de vida.

Não sei si vocês já fizeram seguro de vida. Eu já. E' maravilhoso. Desde a visita do corretor, passando pelo exame clínico até o recebimento da apólice sofrem-se emoções entre confirmadoras de se estar vivo e a certeza de que se vai morrer. E' tudo obra de fantasia e da sugestão do agente.

Oh, a visita do agente de seguros... Provocar, não provoço; mas abro as portas a essa classe utilíssima de maníacos. Entram e descerram o futuro. Mostram "riscos" e fatalidades como um caixeiro de loja, abrindo seu mostruário, exhibe botões variados. Excita-me, a capacidade de fantasiar hipóteses, a persuasão com que se demonstram que das pequenas sobras diárias do orçamento se pode legar uma fortuna. Intimamente faço críticas, de um ponto de vista todo literário após cada discurso. O que me põe em extase é o domínio maravilhoso da linguagem e do raciocínio a habilidade que possuem alguns de afastar a ideia da morte na palestra, tangenciá-la escondendo-a, revelar vanta-

gens do contrato sem ferir a ideia depressiva.

— Com toda a certeza o senhor nunca pensou em como ficarão os seus, no dia seguinte ao seu enterro.

Porém, a que me visitava parecia ter uma técnica bem diferente. No fundo, o corretor de seguros, um obcecado pela morte e pelo desastre, é um disciplinado. Mas suas ideias são as mais generosas. A providência alheia à sua missão na terra, vêem uma criança e, nela, a reação não é a ternura. Pensam: "E si o pai morrer amanhã?" O conhecido recebeu seu carro novo da América, e asseguram: "E' indispensável, para você, o seguro contra acidente pessoal e contra responsabilidade."

A rua, a profissão, a alegria, a cidade, a garrafa de vinho, o Universo todo é apenas um composto de risco, contra os quais há contratos de seguro. Sua missão consiste em advertir o próximo, convertê-lo à sua fé na nova Providência, levar a ovelha desgarrada ao rebanho dos segurados.

Amai-vos uns aos outros sôa aos ouvidos do agenciador de seguros como "segurar uns aos outros". Si a Humanidade viesse a adquirir uma apólice em grupo, afinal, todos os problemas estariam resolvidos.

Afundado na minha poltrona, a mocinha tirou da pasta aquele livrinho de folhas coloridas. Tenho longo tirocinio de visita de agente de seguro. Conhecia o livrinho. Há folhas rosadas, azuis, cinzas, amarelas, brancas... Cada côr encerra uma Lei de Salvação, a Tabela de um Risco.

Eu disse à moça que havia tempos, já um corretor me havia convencido sobre os Desastres da Felicidade Descuidada, os Efeitos da Imprevidência, com a consequente enumeração das "vantagens de nossos contratos". Procurei no rosto dela a reação, o desconcerto, já sabendo que não encontraria, anteuovindo a frase que iria pronunciar. A resposta veio como eu tinha lido em todas as circulares dos Chefes de Produção das companhias seguradoras. Era a crítica à mo-





# PARA DEPOIS DO MEU ENTERRO

dicidade da garantia que eu tinha contratado.

Mas a minha visita rebelou-se contra as regras e deu forma um tanto pessoal:

— Esse seu seguro, doutor, é uma mesquinha. Está bom para chofer de praça.

Bem sei, meu Deus, bem sei. Mas que fazer, si ando sempre longe dos lucros extraordinários e dos guichets de impôsto sobre a renda? Mas estimei ouvir. Preparei-me guloso para a palestra. Ali estava diante de mim, um agente com personalidade, autônomo, insubmisso às fórmulas do Bureau de Produção, às experiências do Conselho de Vendedores, rebelde de frases estudadas e buriladas segundo os métodos enfáticos da "Psicologia do Candidato ao Seguro em Cinco Lições."

Com ela a conversa era incisiva.

— Amanhã o senhor morre e sua mulher se apanha sozinha, viuva e com cem contos de réis. Que fazer com cem contos? O senhor sabe, estas mocinhas de hoje... Aliás as mulheres, não é só hoje, nunca souberam administrar. Elas se entregam logo ao primeiro pretendente, com herança, dinheiro do seguro e tudo.

Enguli em seco.

Que maravilha! Aquela timbrava em dizer precisamente o que o "candidato não deseja ouvir", segundo a opinião sizada do Chefe da Produção. O futuro deve sempre ser pintado pelo corretor, como um período de vida em que a família, garantida pela Companhia, prossegue no cotidiano, como hoje, quando nós ainda vivos deixamos a casa pela manhã. Será como se estivessemos presentes. A aplice, latejando moedas e juros, nos substitui com uma presença providencial e quasi viva.

E' como disse minha visitante, em seu estilo cheio de objetividades contundentes:

— "Nós" não o substituiremos na parte afetiva. Quando o doutor morrer a Companhia não o substituirá. Mas a sua família não sentirá a menor falta do senhor. pode crer. Ah, lá isso,

quanto à parte financeira, — pode morrer descansado.

Soaram sinos na Catedral, a duzentos metros da minha sala, completando.

Eu não sei si vocês têm recebido visitas de agente de seguro. Alguns amigos já vi que são supersticiosos outros nervosos, impressionáveis. Acho os seguradores assim uma espécie de descendentes sociais do escravo de cortejo de triunfo, uma voz que vem da multidão, aproxima-se, pára a vida, e nos adverte que somos homem frágil, argila mortal.

Folheando o livrinho, minha visita declarou:

— O seguro que lhe convém não é esse, de prêmio por morte. Temos um outro, de instituição de renda à sua viuva e às suas filhinhas. Quais seus gastos mensais? Não sabe? Nunca tomou nota? O senhor é um louco, um esbanjador, um imprevidente, o tipo do homem que precisa de mim e de meus contratos. Bem, digamos, oito contos. Pois amanhã o senhor morre, e nós ficamos pagando oito contos todos os meses à sua mulher, entra ano, sai ano.

Pensou um pouco e aconselhou-me, pondo na voz inflexões de madureza experimentada na dureza deste mundo.

— Não convém é deixar tudo para sua mulher. O melhor é separar alguma coisa para ir capitalizando para as crianças, não acha?

Após a intriga do finado com a viúva continuou:

— Digamos, seis contos para ela, os gastos da casa e tal. Os dois contos restantes, para as crianças, até a maioridade.

E concluiu, sempre transbordando prática das coisas da vida:

— Sabe? Esse é o seguro que mais lhe convém. Recomendo-o

sempre aos amigos. Note, é frequente, mas tem sido muito frequente mesmo, o segurado só pagar um mês...

Prosseguiu catequizando-me, não tendo se esquecido de me apontar com sua unha envernizada de vermelho, uma cifra impressa no livro:

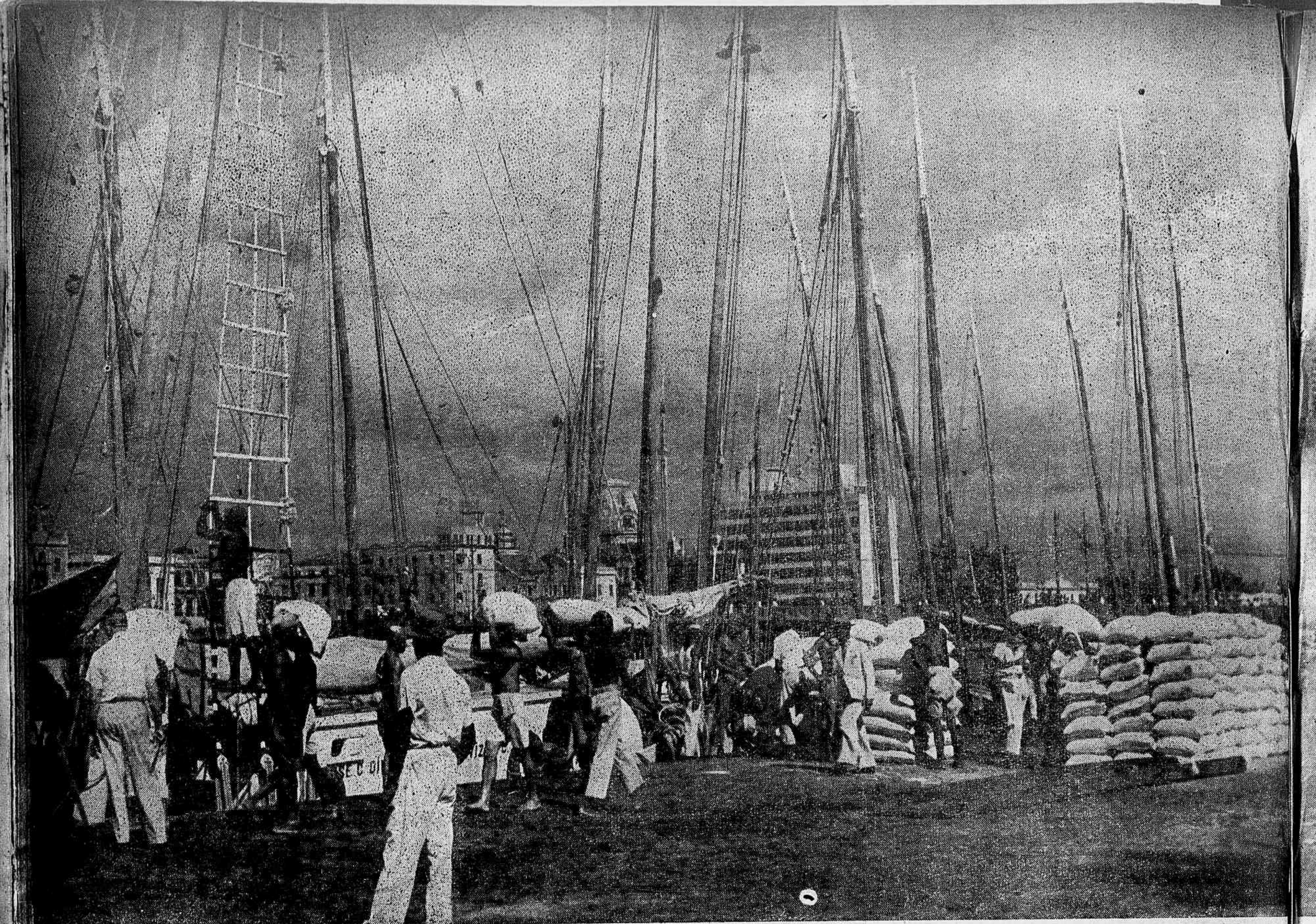
— Além da mensalidade, também consta isso. E para o seu enterro.

Além da mensalidade, tam-

(Cont. na pág. 55)







Ao alto: O Recife que não muda — O cals, porta aberta aos sete mares, com o açúcar que vem dos engenhos do tempo de Franz Post descarregado das barcas, à cabeça dos negros da estiva. Em baixo: Velho lampeão dos tempos dos bicos de gás. A lâmpada elétrica substituiu a doce luzinha que os acendedores vinham reanimar a cada crepúsculo, nos bons tempos antigos. Este aqui testemunhou tôdas as transformações do progresso, no bairro de Santo Antonio.



O escritor pernambucano Mario Sete é um dos casos mais curiosos de fidelidade a um tema literário. Muito embora tivesse estreado, por volta de 1917, com um livrinho de contos da outra guerra, passados principalmente nas trincheiras da França — «Ao clarão dos obuses» — desde a publicação do seu primeiro romance, o conhecidíssimo «Senhora de engenho», toda a sua obra de contista, cronista e romancista se tem desenvolvido em torno da terra pernambucana, quando não, mais propriamente ainda, em torno da vida do Recife, em especial o Recife do fim do século XIX e dos começos deste. Mas isso não é tudo, porque, ao lado desse bairrismo que nada tem de estreito, pois a sua arte de escritor soube criar no burgo de Nassau um verdadeiro mundo de inesgotáveis sugestões de emoção e de beleza, Mario Sete se integrou de tal modo na presença da sua cidade que até hoje não conseguiu afastar-se dela, senão por fortuitas contingências. Ele mesmo conta, com simplicidade comovente, a extensão desse apêgo: «Adolescente, voltei pressuroso ao cais da Lingueta, de onde me haviam levado menino, sem nenhum ressaibo de pena por não permanecer à margem da Guanabara. E se aqui recomecei minha vida, ao iniciar-se o século, com todo o sabor da mocidade, nunca mais tentei em ares definitivos fugir ao cenário desse alvorecer e nele vou me sentindo cada vez mais confortado no envelhecer».

Metido, porém, a vida toda na sua província, donde não tiveram força de arrancá-lo jamais vantagens ou evidências, nem por isso o seu nome ficaria esquecido do resto do Brasil.

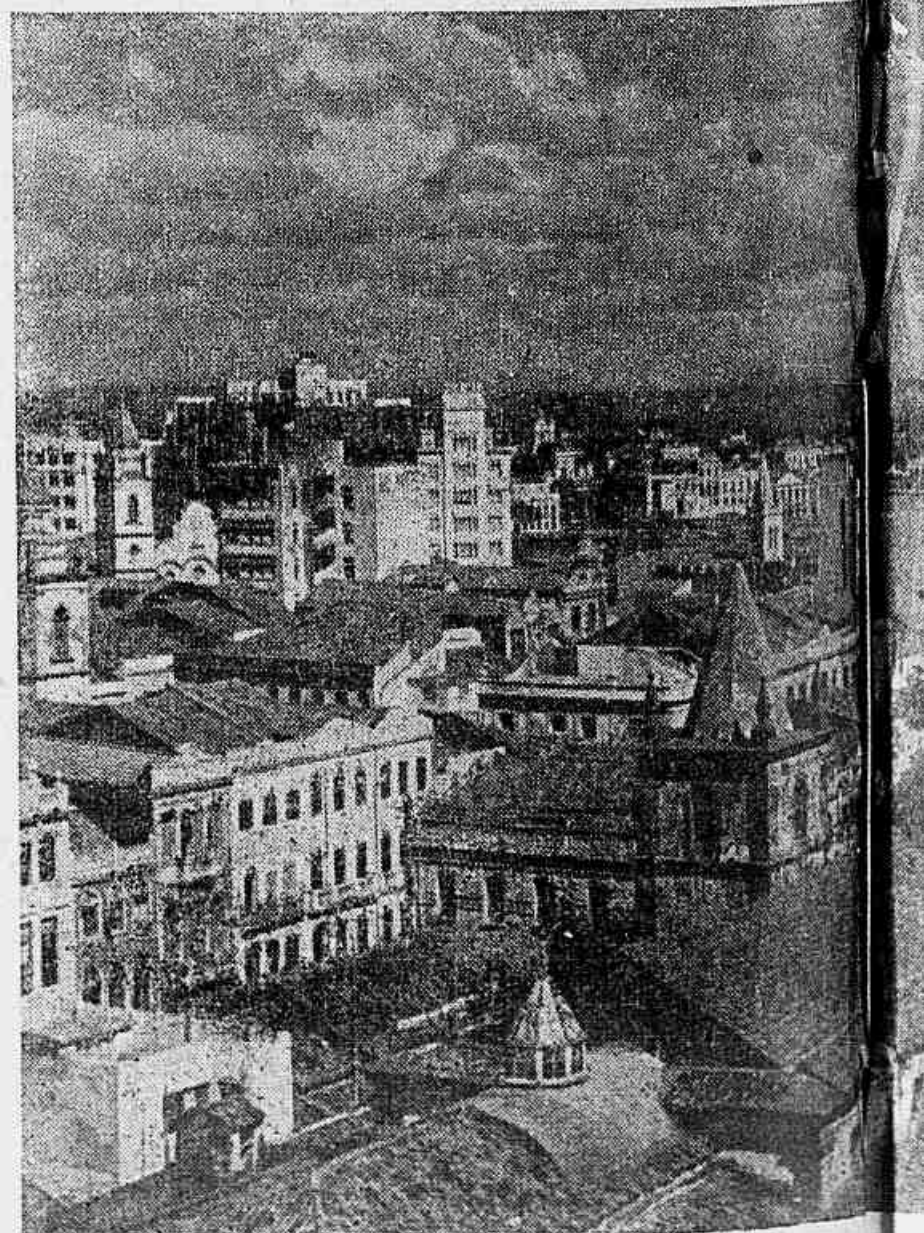
Efetivamente, mercê dos altos méritos da sua obra, essa reclusão em nada o prejudicaria. «Clarinha das rendas», deliciosa novela sertaneja que se sabe ter sido das últimas leituras prediletas de Olavo Bilac; «O vigia da Casa Grande»; «Sombra de baraúnas»; «A filha de Dona Sinhá», além das sucessivas edições de «Senhora de engenho» (atualmente em sexta edição), deram-lhe uma categoria verdadeiramente nacional, a ponto de resistir serenamente à campanha de elogio mútuo das igrejinhas de porta de livreria do Rio, para o que lhe faltou sempre a mais leve inclinação e de que o salvaria um renitente pudor e uma honestidade intelectual de que toda a sua obra serve de índice.

## O RECIFE QUE

UM PASSEIO DE QUATRO SÉCULOS —  
E NA TERRA NATAL — DAS TRINCHERAS  
GUETA — O CRONISTA POR EXCELENÇA

Por HERMAN LIMA

(Especial para REVISTA)



Telhados do Recife, as torres das Igrejas seculares alterando o perfil da cidade.





Ao alto: O Recife de hoje, com o relêvo imponente dos arranha-ceus dominando a linha do rio, na rua da Aurora. Em baixo: Uma estampa do passado: admirável exemplar do "muxarabi" numa velha casa da rua do Amparo, Olinda, as reixas de madeira lembrando os olhos buliçosos de sinhazinha que dali espiavam o janota, de volta da missa na Sé, hoje destruída.

# JE NÃO MUDOU

S — UM LIVRO DE RAISES NO CORAÇÃO  
NCHERAS DA FRANÇA AO CÂIS DA LIN-  
LÊNIA DO RECIFE DE TODOS OS TEMPOS

Fotos de A. BERZIN  
REVISTA DA SEMANA)



alterando com os blocos de concreto dos moderníssimos arra-  
nhos

Esse relêvo literário ainda mais se acentuou com o início da série de suas crônicas retrospectivas da vida pernambucana, primeiramente aparecidas em «Maxambombas e maracatus», de que sairiam logo duas edições, depois continuadas em «Anquinhas e bernardas» e «Barcas de vapor».

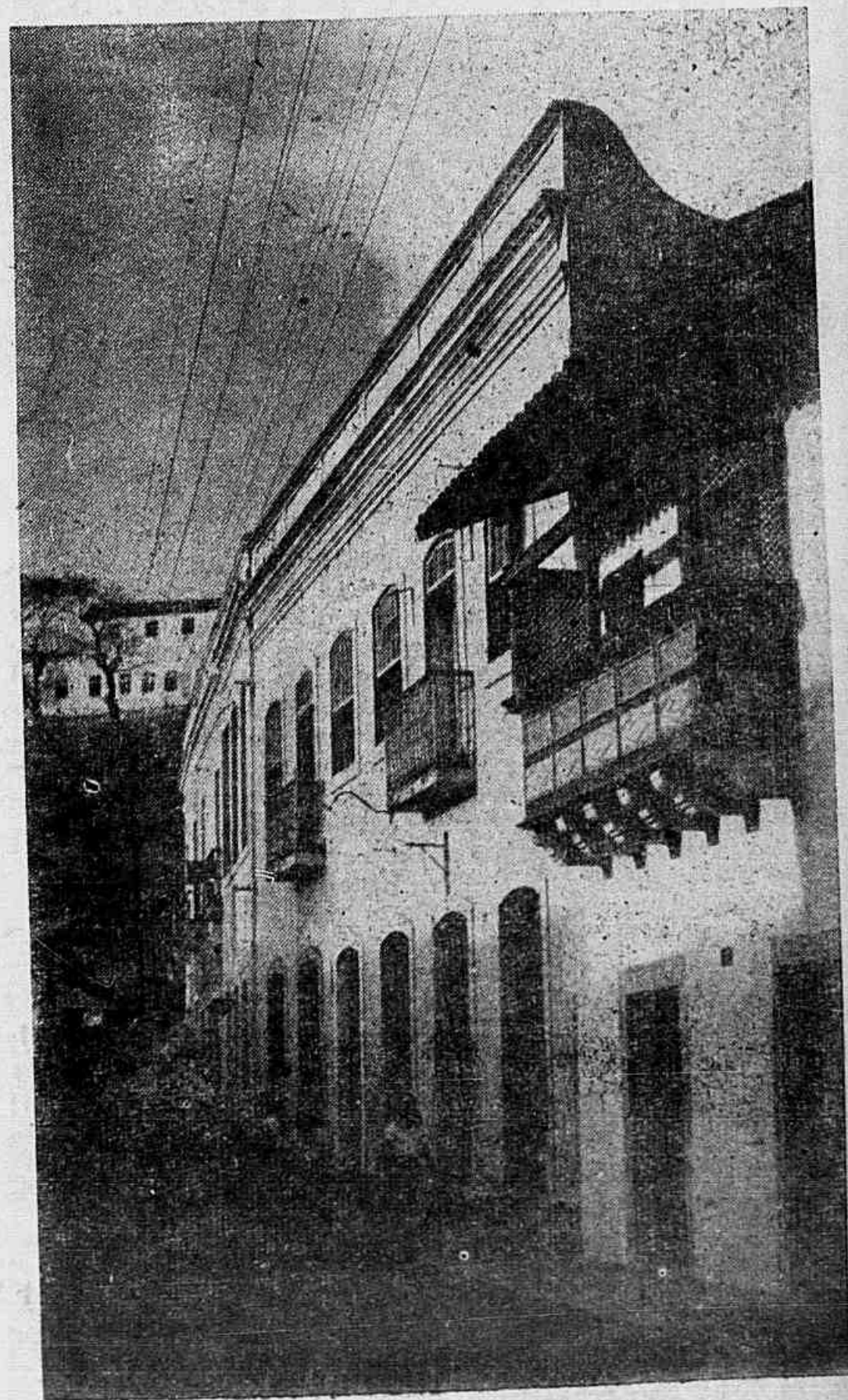
## UM NOVO GÊNERO LITERÁRIO

Nesse gênero, então, Mario Sete se tem conservado como figura singular, desde que não se pôs simplesmente no rastro dos contadores de anedotas mais ou menos fantasiosas, por conta de figuras da nossa história.

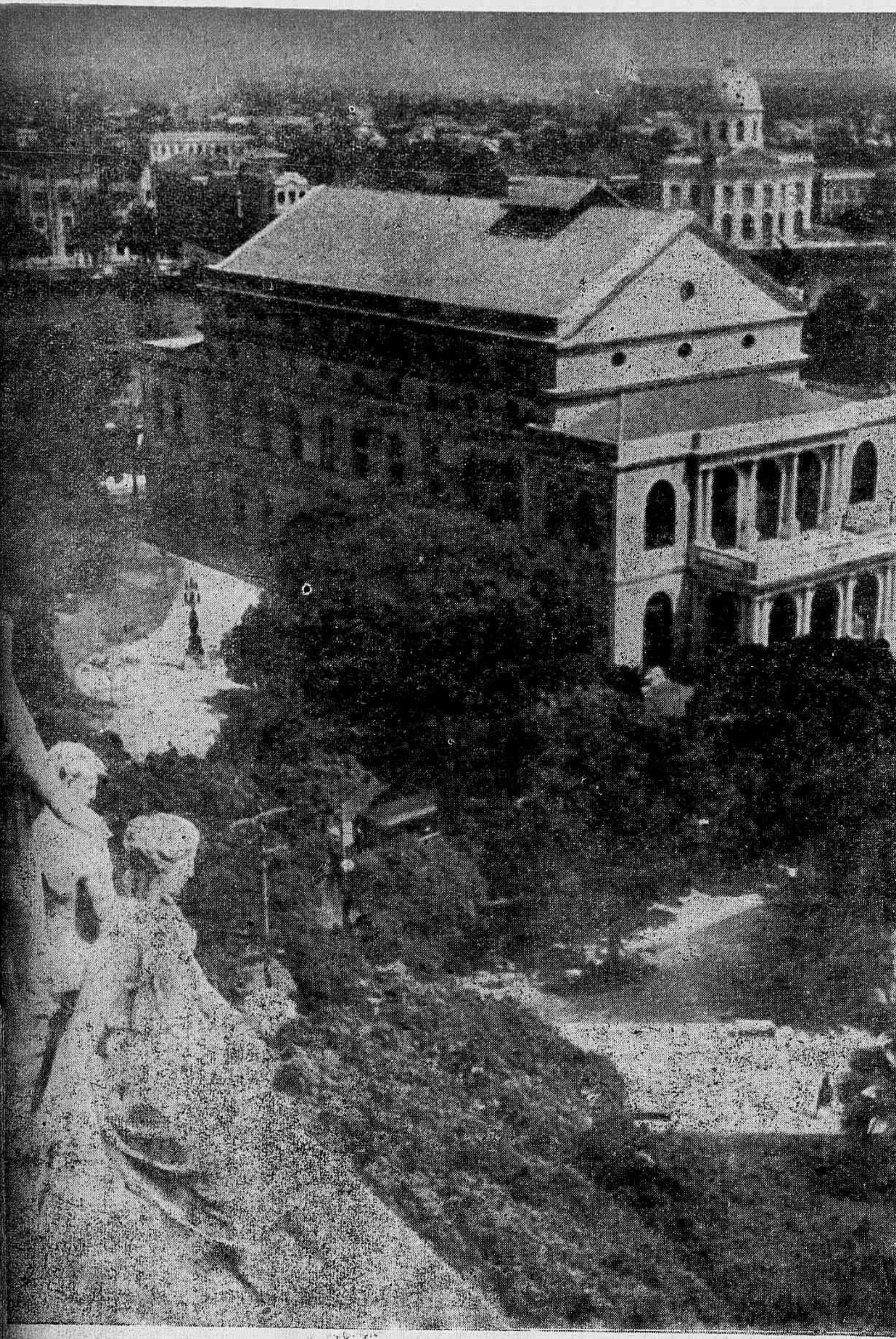
Seu método é o de partir duma nota social de jornal da época, dum anúncio esquecido, dum tópico de noticiário, dum «fait divers» qualquer e, como um Cuvier de nova espécie, reconstituir o preciso «clima» duma época, em delicioso croquis de cena familiar ou de fora de portas, animando duma vida própria, em dois ou três traços, apagadas figuras do passado da sua cidade, matronas e sinhazinhas, janotas e austeros comendadores, boêmios e ricos negociantes, tipos populares e heróis do quotidiano.

Todas as suas qualidades de estilo, poder de observação e de emoção se acham ainda mais apuradas neste último livro acabado de editar pela Casa do Estudante do Brasil — «Arruar — História pitoresca do Recife», em belíssimo volume, luxuosamente apresentado, com desenhos, «fac-similes» de velhos documentos e fotografias da cidade já desaparecida. Tanto as vinhetas de abertura de capítulos e os «cul-de-lamps», da autoria de Luiz Jardim, como os desenhos fora do texto, de Percy Lau, são deliciosos e constituem só por si uma verdadeira galeria iconográfica do Recife antigo, com as suas paisagens típicas, os velhos casarões derrubados pelo progresso, as cenas e episódios de tão vivo pitoresco do bom tempo que se foi.

Ao contrário dos seus outros livros de crônicas, onde os episódios curiosos e as passagens de tão sugestivo encanto são tratados rapidamente, em verdadeiros flagrantes de rua ou dentro de casa, «Arruar» se apresenta muito mais ambiciosamente, forrando-se o cronista dos vagares e das argúcias do historiador e do sociólogo. Não é mais apenas o repórter dum tempo perdido, de estilo







A esquerda: O famoso Teatro de Santa Isabel, onde desfilaram grandes figuras do palco nacional e estrangeiro. Nele também subiu a voz de Castro Alves e Joaquim Nabuco, em torneios memoráveis, em prol do escravo.

como um batuque de negros ou uma recepção aristocrática, em todos os seus elementos plásticos de pitoresco, movimento, colorido e expressão popular, Mario Sete anima dum vigor particular todos os aspectos de que se ocupa, emprestando a cada cena uma vibração e uma nitidez que o tornam único nesse gênero literário.

#### HISTÓRIA QUE É BIOGRAFIA

A história da sua cidade se torna assim numa biografia de criatura dotada de sensibilidade, impregnada de paixões e de anseios, tocada de poesia e de ternura.

Os capítulos, por exemplo, «De fora de portas ao atêro da Boa Vista», que vale por um passeio completo pelas ruas, bequinhos e velhas estradas do velho Recife, e «Toques e cantorias», com a crônica musical mais completa do seu passado, são, no particular, verdadeiras obras primas de síntese panorâmica.

Correndo a cidade, com os vagares de outrora, como o faziam os senhores e as sinhozinhas, em cadeirinha de arruar, tem-se, naquelas páginas, um admirável «aperçu» da velha urbs, como os que nos davam, com as minúcias dos descobridores, os viajantes estrangeiros dos primeiros tempos do Brasil, de Aires do Cassal a Marie Graham, em instantâneos de que os anos transcorridos não conseguem esmaecer em nada a fidelidade da observação e do reparo: «As vendedoras de bolos ou tapiocas sentam-se em plena via pública, os transeuntes param também ali e formam grupos em palestra demorada, e a todos mal interrompe uma carroça puxada por escravos sob o chicote do feitor... Vêem-se com fartura cabras, porcos, cavalos, à solta. Um raro ônibus a muar dobra uma esquina. As pontes são de madeira. As varandas são de pau e quase não há rótulas nas janelas. Mas, depois, a cidade evoluiu: há pedras forrando o chão das ruas, há lampeões, são de ferro as pontes, passam bondes de burros, surgem berlinhas e landaus, damas andam pelas calçadas, protegidas por sombrinhas, também varandas de metal, os bichos desapareceram, ficando apenas os cães, rareiam as neças de turbantes, e até a novidade da maxambomba, que leva tão depressa os passadores de festa a Apipucos ou Caxangá».

«Toques e cantorias» é particularmente ilustrativo pelo que nos revela sobre a evolução dum fator artístico da mais viva influência na alma da gente pernambucana, permitindo mesmo concluir que foi essa a província do Brasil de mais ampla impregnação melódica, mercê das contínuas contribuições trazidas não somente pelas primeiras levas de portugueses como pelas sucessivas enxurradas do contingente negro aportado nas caravelas, para o destino dos eitos de cana: «A princípio, será sido o clangor guerreiro do boré, a cadência apelativa do uai, o chocalhar do maracá, o compasso ritual dos poracés, convites de amor ou ímpetos de desforra, banquetes em que o inimigo fosse devorado ao estímulo atordoante do cauí. Ritmos de tangapemas, de uiraparás, de cocares, de corpos nus». Depois, com a invasão, «a música que se faria ouvir logo terá sido, não a das cordas retesas dos arcos, nem a dos assobios arrepiados das ubás, mas a das violas nostálgicas dos marujos trazidos pela ventura ou a cobiça em naus

agradável e colorido, o amável evocador de coisas e de gentes pretéritas, mas o seguro exegeta de fatos definidores duma época, o analista da alma das gerações que nos precederam. O particular cedeu aqui lugar ao geral. Cada capítulo desse livro sedutor vale quase sempre por um ensaio ou monografia exaustiva, donde não se ausenta nunca, no entanto, a pura expressão artística, o cunho literário, a emoção do criador de tantas páginas inesquecíveis sobre a vida rural do nordeste.

Todos os aspectos da vida do Recife, como cidade em contínua evolução, dum tumultuoso e nobre passado, duma permanente vibração cívica e progressista, se acham fixados, de maneira admirável e em certos pontos insuperável, por esse amoroso do seu passado histórico, social e artístico. Basta correr os olhos por esses títulos em que se evoca o «Povo que vira Capital»; «Cadeirinhas e diligências»; «Gazetas de dois vintens»; «Toques e cantorias»; «Teatros e cômicas»; «Lampeões e candieiros»; «Letras, letrados e livreiros», para se ter, como num vivo cosmorama, a palpante ressurreição de tantas épocas diversas na sua existência de metrópole nordestina, a que serve de liga o mesmo interesse individualista, aquele ardente bairrismo sem mesquinhez, porque tocado sempre duma alta fé nacionalista, aquele gostoso apêgo às coisas locais, de que o próprio escritor é o melhor exemplo.

Dotado duma extraordinária capacidade de evocação que lhe permite reconstituir, a um simples recorte de jornal do tempo, um cortejo religioso,



Uma das numerosas ilustrações de Percy Lau, para o livro «Recife», de Mario Sete.



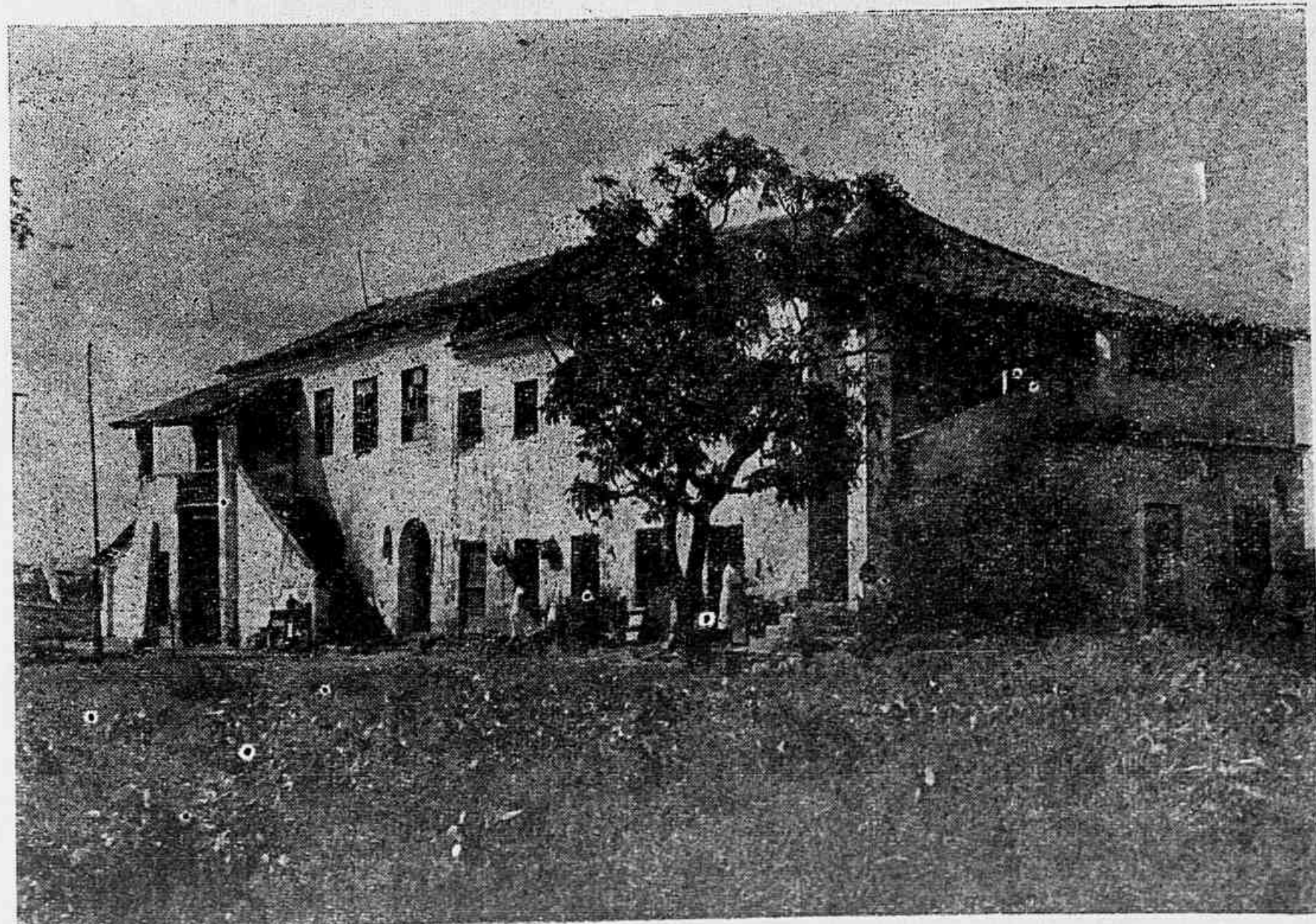
Um grupo de casarões do comércio, no bairro de Santo Antônio, onde se formaram muitas das grandes fortunas da cidade.

ou caravelas bastante andejas nas percorridas de muitas outras águas e muitas outras plagas». A influência mesológica, porém, não tardaria em se fazer sentir e assim se transformariam, não só os motivos musicais, como o próprio feitio dos instrumentos. «A guitarra, a viola, viriam a ser o violão. E para o violão do mameluco não mais a constante de uma saudade de terra para ele longínqua e desconhecida. Agora, a modinha para cantar tropicalmente o desejo, o ciúme, a ternura, o desprezo... A modinha era a mulher, tão esquiava e mesmo tão rara». Com o correr do tempo ainda viria a intervenção da música religiosa, para se fundir com o copioso e avassalador acervo da negrada das senzalas, com os seus cantos e danças, cantos e danças que os cativos «iriam, mais tarde, reproduzir, numa forma estranha de desafogo, de consolo, de nostalgia, nos cercados dos engenhos, nos copiares dos sítios, nos quintais dos palacetes, traduzidos no lundu, no batuque, no samba», em sincretismo religioso que já os conduzia a festejar de mistura, no mesmo ardor, os seus ídolos e os nossos santos católicos. Expressão mais perdurável dessa simbiose musical, aí está o maracatu que «viria a ser, para os negros, o derivativo transitório da decepção da senzala, o pretexto para cingir a coroa, vestir o manto, empunhar o cetro, ouvir de novo o maracá e o atabaque, entoar o canto avoengo, abrigar-se à umbela vermelha, alçar acima dos brancos a «boneca» fetiche».

Ocupando-se de «Teatros e cômicas», Mario Sete marca também, com muita argúcia, que era principalmente nos teatros que «os raros contactos sociais se permitiam naqueles tempos de um quotidiano saturado de recato e reclusão. Por isso, os teatros serviam de dupla atração: a das cenas do palco e a das platéias. O teatro, como a dança, era a libertação para quem vivia tão conventualmente nos casarões de outrora. Esse capítulo é também excelente, pelo que nos ensina a respeito do gosto que sempre tiveram os pernambucanos pelo palco, ainda agora confirmado pelo grupo do «Teatro de amadores», admiravelmente aparelhado, sob a direção de Valdemar de Oliveira. Esse gosto vem desde o fim do século XVIII. «Troupes» portuguesas, companhias líricas italianas, companhias francesas, com anúncios em francês nos jornais, inclusive o nome do próprio teatro — «Théâtre de Sainte-Isabelle», visitavam regularmente o Recife, o mesmo acontecendo com os grandes nomes da cena da Côte, a começar por João Caetano, sem ser preciso mais para lembrar também os triunfos de Eugénia Câmara, sob o sortilégio dos seus amores com Castro Alves.

#### FE, AMOR E MALÍCIA

«Quando os andores passavam» põe em relevo o espírito religioso da cidade: «Todos os bairros eram cheios de nichos situados em pátios ou esquinhas, e diante deles, à noite, rezavam-se terços, tiravam-se ladainhas, entoavam-se orações. Os devotos ajoelhavam-se no chão, e quem por ali passasse teria, para não revelar impiedade, de dobrar os joelhos também. O visitante Kidder, por sinal pastor metodista, assistiu a um quadro desses, no largo do Carmo, em frente a um oratório ali existente, e não pôde esconder sua emoção. A Lua envolvia os que, genuflexos, erguiam a Nossa Senhora seus louvores num melodioso canto».



O século passado foi, acima de tudo, o do progresso intensivo da cidade. «Tínhamos, então, um panorama brasileiro, quer no regime, quer na literatura. As rajadas das novas idéias transpunham o oceano e varriam o nosso país, trazendo-nos os moldes do constitucionalismo e da democracia, como, igualmente, o dos livros e o da imprensa. A tudo, no entanto, famos dando, como já déramos à raça, um tempêro nacional». «Boticas e anúncios» ocupa-se justamente da evolução dos costumes, modificados pelo meio, em especial no setor do comércio. Vemos, assim, os armazéns mistos do passado irem dando lugar à especialização das casas comerciais, das lojas propriamente ditas, das quais ressaltavam, pelo requinte da própria natureza do comércio, as «casas de modas», em geral estrangeiras. Como corolário, pela atração que a rua passava a ter para as senhoras, abriam-se também as primeiras casas de cabeleiros que logo adquiriam grande fama, como a do francês Gustave, que dispunha de doze oficiais para barbear, seis para cortar cabelo e três ditos «para o postico». Quanto aos salões para senhoras, o recato era indisfarçável. «A própria madame Lavergne e outras colegas de negócio frisavam ter uma sala em que só teriam ingresso as senhoras que se quisessem pentear em seu estabelecimento

(Cont. na pág. 56)

Solar antigo, admirável nas suas linhas de sólida e sóbria arquitetura, nos arredores do Recife, hoje transformado em cortiço, como os palacetes de Botafogo, de igual destino inglório.



**T**ERCEIRO filho do morgado de Ninewells, David era excepcionalmente bom rapaz. A «mansão» da família Home — David mais tarde mudou o nome para Hume — estava situada a nove milhas a oeste de Berwick, perto dos pendoros de Lammermuirs, na terra chamada The Merse, ao pé do Tweed inferior.

Era, certamente, uma pobre habitação, sem papel nas paredes nem tapetes no chão e raras peças de mobília — apenas uma mesa rodada de cadeiras de carvalho e algumas camas entre quatro paredes. Ventos contrários assobiavam pelas fendas das vidraças e apagavam o lume, no lar. Havia um par de vacas, deitadas no pavimento, e algumas galinhas geladas. Lady Home de Ninewells, vestindo uma bata, cinzenta, de lã e meias grossas, ajudava as criadas descalças na limpeza da casa. As crianças levantavam-se às sete e caminhavam até o celeiro do vizinho para estudar as lições. O morgado coletava as suas rendas, as donzelas fiavam o linho. E, à noite, reunia-se a família toda no único dormitório confortável, para buscar refúgio debaixo dos pesados cobertores. Estes apenas conservavam o grupo vivo e quente com uma espécie de calor desolado e aflitivo. Mas era feliz essa gente, esses prelados da parcimônia. E não menos feliz vivia a gente mais pobre.

Tal, escrevem os escritores do tempo, era a vida na Escócia no ano de Nosso Senhor de 1725.

E' noite, David estuda as lições no dormitório. Um retrato de seu abençoado pai, recentemente falecido, olha-o da parede nua. E junto dele, sentada, sua mãe, viúva e moça, murmura uma melodia escocesa e tricota uma manta para um dos filhos. Vem do pavi de uma vela, que espalha luz e sombras oscilantes, um cheiro forte. David descansa os cotovelos sobre a mesa úmida e empenada e cabeceia sobre uma passagem incrível de latim, escrita por aquele incômodo indivíduo chamado Ovídio. Diante dele está seu irmão João, a aprender as regras da gramática. E o jovial Tio Home, ministro da paróquia, assentado sobre uma vasilha, cita o Evangelho. Jazem, no canto, diversos volumes, o «Recreio dos Santos», um livro de Quiromancia, um hinário — e, naturalmente, a Bíblia e Shakespeare.

«Venha, você há de estar querendo um pouco de boa cevada, Tio Home», diz a nossa hospedeira, mãe de David. «E temos um clarete agradável para ajudar a empurrá-la». Era uma noite de fazer gelar o estômago da gente. O vento resvalava através de um vão da parede e fazia cócegas nos calcanhares. Na tarimba, dormia o filho mais moço.

Subiu da adega o clarete e uma grande fatia de pão branco, luxo a que se davam raramente. «Vá para a cama, David; amanhã é dia de igreja...».

Amanhã e amanhã, severos amanhã! As crianças levantavam-se cedo e calçavam os sapatos. Seis dias por semana andavam descalças. Mas aquele era o dia do Senhor. Ah! lá está Jennie no tamborete para que a veja toda a congregação! Ninguém atenta no sermão. Olhem só para a cintura dela. Que delicioso escândalo para alumiar esse monótono domingo! Jennie tem os olhos pregados ao chão. Correm-lhe as lágrimas pelas faces. Tremem-lhe os lábios. Esperem só que o Senhor Home acabe o seu discurso sobre os «Cedros do Líbano». Então ele a acusará com voz de fazer gelar o coração. As mulheres desviam-se, em antecipação, de suas preces. Terminou o sermão. E agora, finalmente, com gesto sombrio na direção da penitente, o reverendo sr. Home implora ao Senhor que castigue Jennie pelo seu pecado. Que ela mora durante as dores do parto como exemplo para todas as outras moças da paróquia. Nenhuma misericórdia. Ela quebrou o preceito sagrado. Amen...

Acabada a devoção na igreja, voltam as crianças para casa. Há uma bonita colina para subir não muito longe de sua morada. Mas David não pode deixar que mamãe e tio Jorge saibam que ele pretende brincar no domingo. Por isso esgueira-se, silenciosamente, de casa, durante o chá. Depois, corre, corre como o vento. Atira-se sobre as mãos e os joelhos. Lá no topo da colina, há uma caverna — a sua caverna. «Oh Deus», pensa ele, «que belo lugar é o mundo para se viver!» Mesmo aos domingos.

## II

Ele caminhava alegre pelas ruas movimentadas de Edimburgo, a capital dos escoceses. Era um rapaz de vinte e três anos e tinha um rosto agradável. Desejava, a mãe, que ele estudasse Direito e, por algum tempo, submetera-se o filho a seus desejos. De sua parte, entretanto, preferia sonhar a estudar. Sonhar com as moças de salto alto e sapatos carmesim que se pavoneavam pelas ruas fumarentas ou cavalgavam nos parques, praguejando como granadeiros e fazendo cócegas, ras narinas, com rapé. Enquanto passava diante dos patamares das casas cheias de rebotalhos,

# A VIDA DE DAVID HUME

(1711-1776)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

acotovelando-se com mercadores e lojistas, escrevinhadores, advogados e clérigos, ativos pensamentos passavam-lhe pela cabeça. Parcos comerciantes aumentavam suas fortunas materiais. Clérigos parcos aumentavam seu crédito junto a Deus. Parcas mulheres de prazer aumentavam o número de seus amantes. E David Hume sentia-se perturbado. A que estaria destinado? Que faria?

Ele o sabia. Nada como um bom trago para aclarar as idéias. Tomaria um copo com Mitchell, em sua pitoresca taverna, em West Bow. Já está ele sobre um quartilho de clarete, numa adega úmida. E lá está Mitchell, aquele caldeireiro maluco que se julga um Messias, a fitá-lo através das pestanas ardentes.

E agora, David, pretende, você, escrever ensaios ou embarcar no porto de Bristol nalgum brigue mercante, deixando atrás raparigas enamoradas?

Riu-se David. «O professor-caldeireiro» referia-se a certas indiscricções suas que haviam, recentemente, agitado o mundo de seus amigos.

«Não, meu bom dr. Mitchell. Nada publiquei desde o ano passado, quando fui bastante atrevido para desafiar, com a minha arrogante imaturidade, os livreiros e críticos de Londres. Já não me suponho um escrevinhador.»

«Deixe-se disso, homem. Nunca houve tentativa literária mais infeliz que o seu «Tratado sobre a Natureza Humana». Acho que o povo não vai muito com a sua filosofia. Você devia ter ficado com a advocacia, como quadra a um honrado escocês. Esta é uma cidade movimentada, homem. Não poderá você encontrar nela o lugar que lhe pertence?»

David esvaziou o copo antes de falar. «Esta cidade, esta nossa terra... é dura, estreita, hipócrita e terrivelmente eficiente. Tempo houve em que fiz parte dela. Fui educado ao pé da igreja na companhia de gente econômica que estava perfeitamente segura de seu mundo. Não assinou, Adão, um contrato com o Senhor Deus para a salvação eterna da Escócia? Que melhor negócio poderia haver? Deus era econômico como os melhores de entre nós. Não espalhou a salvação pelas ruas. Reservou-a para os poucos escoceses adeptos do «Covenant» como nós. Tais



DAVID HUME

foram os ensinamentos que nos legaram nossos ministros. Por isso decidi ir até o fim. Já que eu devia a própria existência a um trato comercial, não poderia, ao menos, desempenhar com bom humor a parte que me fôra destinada? Desisti da advocacia e embarquei em Bristol como aprendiz de comerciante. Depois, voltei e escrevi uma inquirição acerca da natureza humana. A natureza humana! Logo percebi que o mundo de meus pais já não era o meu mundo, Mitchell. Princípei a vislumbrar uma

certa verdade que existe além deste Edimburgo. E sabe você que verdade é essa?»

«O que, meu rapaz?»

«A verdade que não há verdade.»

«Não o compreendo.»

«Muito pouca gente me compreende, Mitchell. Mas veja. Recebi uma carta do terceiro marquês de Annandale. Ele deseja contratar-me como seu professor de filosofia por trezentas libras.»

«Excelente, David!»

«Ele se agradou dos meus ensaios sobre moral e política, Mitchell. E' o meu único admirador. E está completamente louco.»

## III

Inverno em Weldehall. Um louco e um filósofo numa solitária mansão. O marquês Jorge era um homem de grandes cabedais e espírito fraco. As côrtes tinham-no declarado louco. Três pessoas haviam sido nomeadas curadores — o mais heterogêneo grupo que jamais pisou o palco de um melodrama. Um era o procurador geral de Inglaterra; o outro, um fidalgo camponês de espírito espesso, e o último, um capitão da marinha do rei, de espírito rude, disposto a arrebatar, ao marquês, a sua fazenda. O filósofo fôra contratado para distrair o marquês. Tinham esperança de que Annandale morresse durante o inverno. Se viesse a morrer em consequência da filosofia de Hume, tanto melhor.

Os estados de espírito do marquês eram imprevisíveis. Um belo dia apertava Hume contra o peito e vertia lágrimas de amizade em seu rosto. No dia seguinte ordenava-lhe que salsse do quarto. Fazia discursos, delirava e arrulhava como pombo. Tornava-se, subitamente, estudioso e levava noites a fio procedendo a trabalhos de pesquisas. Encerrava-se na biblioteca e entrava a escrever obras de ficção. De uma feita, ninguém pôde chegar perto dele durante vários dias. Era evidente que o seu estado se agravava cada vez mais.

Hume escreveu aos curadores, sugerindo fosse o marquês levado de sua casa de campo para a cidade, especialmente agora que a Mansão de Weldehall se tornaria mais solitária do que nunca. Os curadores não quiseram, sequer, ouvir falar nisso. Chegou o inverno — um inverno excepcionalmente frio. As salas em Weldehall, forradas de tapeçarias, não eram banhadas pelo sol. Os criados eram todos pagos pelo capitão de marinha que decidira fazer com que Jorge não sobrevivesse. Andavam, pé ante pé, ao longo dos corredores sombrios dia e noite trazendo mensagens secretas. Os médicos que atendiam o marquês prescreviam regimes que elevavam a febre a

alturas incríveis e lhe tornavam o pobre cérebro mais confuso do que nunca. Mas se era fraco seu espírito, seu corpo era ágil e forte. O marquês pulava sobre os sofás e deslizava pelos corrimões. Arrastava-se, com a astúcia de um tigre, pelos tapetes e arremetia às pessoas com um riso fantasmagórico. Arranhava os olhos dos criados e quebrava-lhes a cabeça com toros de madeira. Afinal, prenderam-no. Ele pediu para ver David Hume e discutiu com este sobre política e moral. Nessas ocasiões demonstrava, por David, a confiança de uma criança em relação ao pai.

Muito longe, em Dumfriesshire, a arrogante viúva, mãe do marquês, lavava as mãos de todo esse negócio. Escrevia carinhosas cartas ao «filho estremeado», mas não fazia esforço algum para ajudá-lo. O procurador geral de Inglaterra andava ocupado com a sua procuradoria, o fidalgo camponês ocupado em pensar, e o capitão da armada do rei ocupado — na realidade ocupadíssimo — em arrecadar para si o dinheiro do marquês. A vida em Weldehall tornara-se dolorosa para Hume. Ele fazia o possível para reconfortar o marquês e satisfazer-lhe os caprichos. Por fim, não pôde suportar por mais tempo. Foi um alívio quando o capitão de marinha o dispensou do emprego.

E agora Londres — o Strand e Holborn, frequentadores e satiristas da sargeta, Covent Garden, a Galeria Nacional, fogos de artifício — e St. Clair, o general emperucado, do rei, com a espada ao lado e manchas de rapé no capote militar.

«Você quer vir comigo e viver a vida militar, David? Vou para o Canadá com um batalhão de bons ingleses para dar uma lição aos franceses.»

«Sou um filósofo, general», redarguiu David Hume, «e faz muito tempo, já, que me estabeleci.»

«Frioleiras! Uma expedição militar fará bem ao seu sangue escocês. Aprenda como vivem e morrem homens corajosos, David. Sinta o cheiro da pólvora e encare a morte de frente. Quero que você seja o meu secretário.»

Refletiu, David, durante algum tempo. Preparava-se para escrever uma história da Inglaterra. Que melhor experiência haveria que uma campanha militar?

Nunca chegaram à América para reunir-se aos oitocentos.

(Cont. na pág. 53)





Jane Greer, da RKO, apresentando às nossas leitoras um moderníssimo "maillot" em "lastex", abotoado nas costas.

**J**A' vai longe o tempo em que o homem quando casava olhava para o rostinho da prometida e se extasiava com a sua beleza. Aquilo para ele era mais do que suficiente; e então, quando a flor aliava à sua beleza alguns conhecimentos artísticos — a música, a pintura, os bordados e até mesmo a culinária — o contentamento do rapaz atingia ao auge; havia adquirido uma verdadeira joia! E isto acontecia mesmo aos homens mais inteligentes... Tudo o que exigiam das suas caras metades era que fossem donas de um interessante palmo de rosto e, quando muito, que soubesse fazer qualquer trabalho manual. Quanto à inteligência da mulher, pouco caso faziam. Era até melhor que não a tivesse. Sabia-se mesmo que muitos homens inteligentes preferiam que suas esposas fossem pouco inteligentes ou sem inteligência alguma pois assim "davam menos trabalho" e "não atrapalhavam" diziam eles. Elas eram esposas submissas que se orgulhavam do brilho dos seus donos. Hoje, no entanto, as coisas mudaram. E' possível que o homem tenha evoluído ou que tenha finalmente sentido o quanto é vazia a vida ao lado de uma mulher boni-

ta, muito enfeitada, mas sem miolo algum. E' possível também, que a própria mulher se tenha rebelado contra o papel que representava, e tenha imposto a sua nova personalidade. O que é verdade é que a inteligência da mulher já não atrapalha o homem e, até muito pelo contrário, o auxilia na luta pela vida. E' por isso que hoje eles estão mais exigentes. A esposa já não deve ser apenas um adorno, mas um complemento. Eles contam com ela para qualquer situação e qualquer momento; querem-na

como uma companheira completa com a qual possam discorrer, livremente, sobre qualquer assunto que os interesse, e esperam que com a sua inteligência ela saiba cobrir todas as necessidades de uma verdadeira dona de casa; ela deverá ser excelente financialista, perfeita diplomata, grande observadora, boa mãe e ainda esposa amante e compreensiva. E a sua inteligência tem muito que ver com a felicidade e a estabilidade do lar. E' quase que exclusivamente dela que tudo depende e, é ao seu redor que tudo gira. A mulher representa pois um novo papel e para esse papel ela deve estar preparada. Já não bastam mais uma perfeita aparência física e uma apurada elegância; o que é preciso, acima de tudo, é ter inteligência... uma inteligência que lhe permita manobrar com perícia tudo aquilo que está ligado à sua vida e à vida do seu lar. E é sabendo de tudo isso que vocês devem estar preparadas para receber e ocupar com firmeza e energia o novo posto que lhes é confiado. Cultivem o espírito, alarguem a vista, encham o cérebro de coisas úteis, porque é de tudo isso que vocês irão precisar quando "ele" chegar...

KITTY

## NOS BASTIDORES FEMININOS



# O ESPIRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

## PROMOÇÕES

Ana Bolena, a segunda esposa de Henrique VIII, o Barba Azul coroado da Inglaterra, antes de subir ao patíbulo, em que morreu inocente de qualquer culpa, escreveu ao marido uma carta em que dizia:

"Sire, vós tendes sempre procurado elevar-me na escala social. De simples senhorita da corte, me elevastes à condição de marquesa de Pembroke. Le marquesa, vós me fizestes rainha. E de rainha agora me elevais à condição de martir e de santa".

## NAO HAVIA INCONVENIENTE

Paulina Bonaparte, a irmã de Napoleão I, nascida em 1780 e morta em 1825, depois de viúva de um dos generais do imperador, casou-se em segundas núpcias com o príncipe italiano Borgheze e, em Roma, como se sabe, posou inteiramente nua para o celebre escultor Canova. Conta-se que uma ilustre dama romana, vendo a estátua, que é a obra prima de Canova, perguntou-lhe:

— Como? a princesa ousou posar assim nua para esse escultor?

Paulina respondeu candidamente:

— Não havia inconveniente... A sala era bem aquecida...

## O ÚLTIMO RECURSO...

Madeline Brohan, atriz francesa, nascida em 1833 e falecida em 1900, algum tempo antes de sua morte recebeu em seu pequeno apartamento da rua de Rivoli a visita de um dos seus velhos e fiéis amigos, o coronel Eyl, de idade também já bastante avançada. O visitante chegou ofegante, depois de haver subido quatro enormes laços de escada.

— Como são altos estes andares! — reclamou, limpando o suor da testa.

— Que quer, meu amigo? — observou a velha atriz. — É o único recurso que me resta para fazer bater apressadamente o coração dos homens...

## FORÇA DE VONTADE

Sem sua força de vontade, Catarina, a Grande, não teria chegado a reinar. Na véspera do seu casamento com o grão duque Pedro, — mais tarde Pedro III, — o noivo foi atacado de varíola, ficando terrivelmente desfigurado. E de tal maneira, que a noiva, ao vê-lo, empalideceu e desmaiou. Mas, hábil e maliciosa, soube disfarçar sua repugnância e se mostrou afetuosa com o príncipe, levando avante o projeto matrimonial. Rainha, aquela que foi chamada a Semíramis do Norte, anos mais tarde mandou matar o varíoloso, passando a reinar sózinha ou com a ajuda de seus favoritos...

## IMPOSSIBILIDADE

Aimée Coigny, escritora, atriz e inspiradora de André Chenier, como uma boa filha do século XVIII, divorciou-se duas vezes e casou-se três, a última delas com o duque de Fleury. Então, sossegou. Desistiu de se divorciar de novo, dizendo:

— É inútil... A gente nunca pode mesmo casar com todos!

## A VIRTUDE

Françoise Baye de Coislin, esposa do duque René Du Cambout, — e tida como uma das personalidades mais interessantes da aristocracia francesa no século XVI, observou um dia em que se discutia o assunto em sua residência:

— A virtude deve ser respeitada, meus senhores, porque é uma instituição humana. Podem crer em mim... Não é como as paixões, que são instituições divinas...

## CURIOSIDADE

Charlotte Corday, a exaltada francesa que matou o líder revolucionário Marat, levada ao cadafalso, onde a guilhotina a esperava, procurou seu "lorgnon" para ver melhor a trágica máquina. Observou-a atentamente e declarou, então:

— Tenho razão para estar curiosa... Antes de hoje, nunca vi uma assim tão de perto...

## COMPENSAÇÃO

A senhora Anne Marie Bigot de Cornuel, famosa pelo salão frequentado pelo mundo elegante de Paris no curso do século XVII, — ela viveu 89 anos, — e pelos seus ditos de espírito, assim se referia ao pregador sacro padre Bortalone:

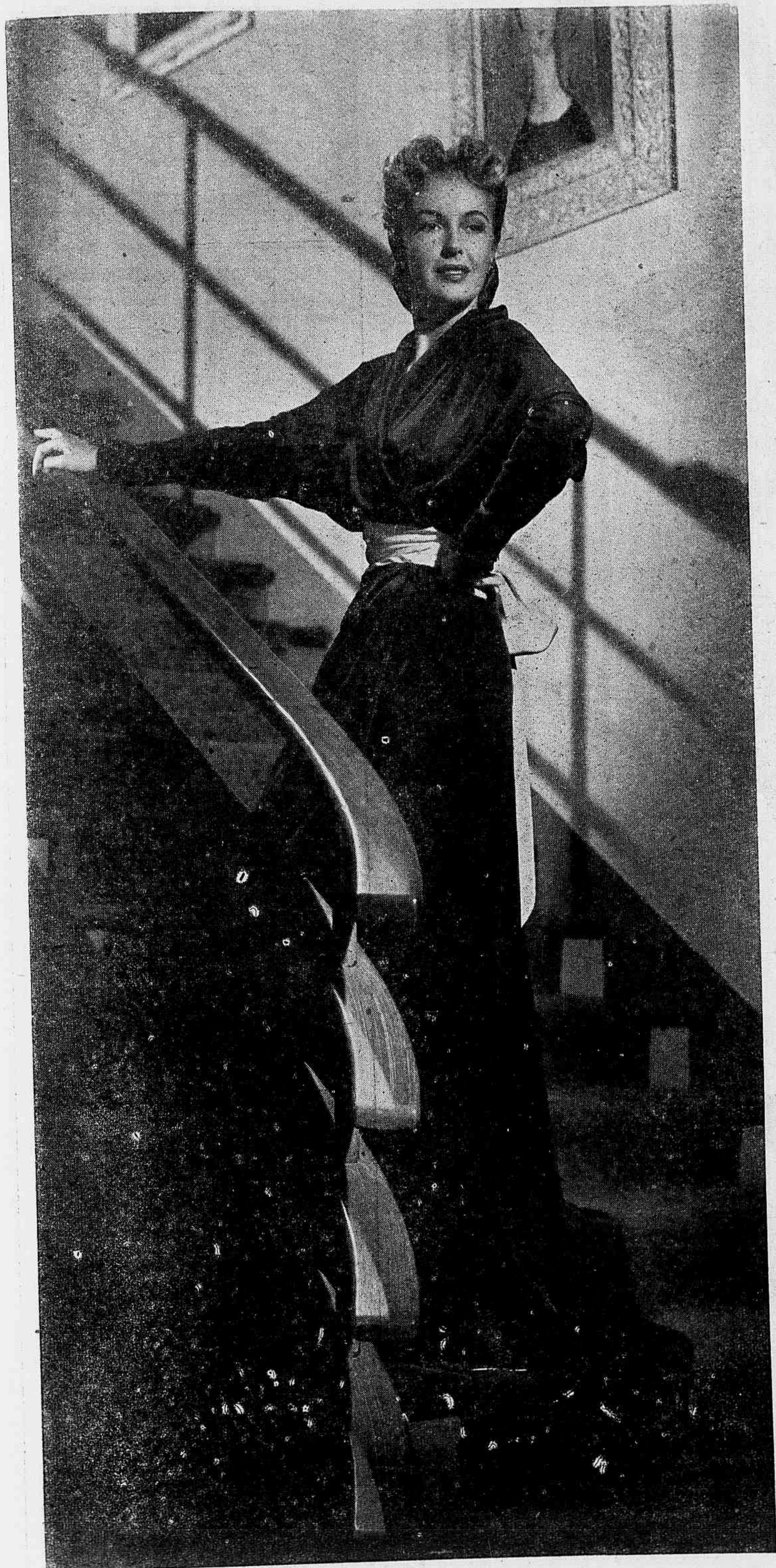
— No púlpito, ele exige preços tremendamente altos, mas, em compensação, no confessionário, deixa tudo por uma ninharia...

(Seleção de L. B., especialmente para "REVISTA DA SEMANA")



# DOIS MODELOS EM PRETO





Frances Gifford, da MGM exhibe aqui dois lindíssimos figurinos em preto, próprios para a noite. O primeiro à esquerda, em crêpe e tafetá, é um modelo inspirado na moda do princípio do século. O segundo, um modelo bastante simples, é executado em cetim preto, com larga faixa branca do mesmo tecido.

## A PERSONALIDADE da Semana

### MARIA JULIETA DRUMMOND DE ANDRADE

Maria Julieta Drummond de Andrade cursa a Faculdade de Letras, Neo-latinas, traduz contos, escreve artigos de jornal e trabalhava, até há pouco, numa repartição. A escritora moça do Brasil não se valeu do êxito alcançado pela sua primeira novela para bancar a "literata", reduzir suas atividades gerais e pensar exclusivamente em publicar novos romances.



Ao contrário, quer aprender mais, aprender muito e não tem a mínima pressa em lançar outro livro na circulação. Pensa principalmente em aperfeiçoar sua cultura. Os artistas já maduros geralmente se dão conta do pouco que sabem. Raramente os adolescentes possuem este senso das proporções. Este fato bastaria quase para comprovar que a autora de "A Busca" não é nenhuma menina prodígio, mas uma verdadeira escritora.

Quem leu a novela, encontrou, ao lado de uma sensibilidade fora do comum, um senso de observação agudo aliado à procura constante da beleza. Nele, Maria Julieta não procurou explicar por miúdo os sentimentos confusos que a agitam, não menosprezou a inteligência do leitor, sugeriu em lugar de explicar. Apesar de algumas debilidades naturais numa primeira tentativa, "A Busca" conseguiu criar uma atmosfera pela força dos sentimentos contraditórios exprimidos e permite afirmar que nasceu uma verdadeira romancista.

Naturalmente Maria Julieta encontrou um incentivo constante em casa. Não me refiro somente à convivência com Carlos Drummond de Andrade que lhe permite buscar conselhos e uma direção constantes. Mas também do receio de ser criticada por alguém cujo valor literário conhece e que a obriga a cristalizar as idéias, em lugar de se contentar em atirá-las no papel, antes de pensar em mostrar uma página, de considerá-la como encerrada.

— Mostro meus artigos a papai antes de mandá-los para o jornal. Primeiro porque sei quanto posso aprender com ele. E também porque sei que ficaria triste se não lhe desse esta prova de confiança. Só uma ou duas vezes publiquei artigos sem falar com ele antes. Não disse nada, mas senti que ficou um pouco magoado.

— E quando você estava escrevendo "A Busca"?

— Mostrava trechos a mamãe, discutia a história com ela. Mas só mostrei o romance a papai quando terminado. Talvez tivesse um pouco de medo da sua crítica, o que me obrigou a corrigir muito antes de falar com ele... Você sabe... sou muito preguiçosa...

— Não parece. Você faz muitas coisas.

— Exatamente porque sou preguiçosa. Muitas tarefas não passam de uma evasão. Tenho pouca vontade de mergulhar no trabalho de verdade. Então afasto o momento de começar... Você compreende?

— Si compreendo! Todos os escritores conhecem esta sensação e procuram enganar-se a si mesmos fazendo traduções ou outros trabalhos, como se quisessem se comprovar que não se trata de preguiça, que estão trabalhando...

— Exatamente. Agora devo dizer que gosto realmente de fazer traduções. Não o faço por obrigação.

— Dá uma excelente disciplina de trabalho.

— E também vou me tornando técnica em contos, já que estou lendo muito, escolhendo os contos que julgo mais interessantes, preparando a biografia dos autores estrangeiros antes de apresentar um conto ao público.

— Você nunca escreveu poemas?

— Deixo isto para papai!! Não nos fazemos concorrência!

— Vi que, ultimamente, você não assina mais seus artigos com seu nome todo.

— É muito comprido. "Maria Julieta" é mais simples.

Não é somente mais simples. Comprova a honestidade da escritora que quer se fazer por si mesma, não quer despertar interesse por ser a filha de Carlos Drummond de Andrade, e pretende criar lentamente a própria personalidade e o próprio nome. É mais uma prova de que Maria Julieta não considera a arte como um passatempo mas como uma vocação e uma tarefa real.

YVONNE JEAN





### BRINQUEDOS E JOGOS INFANTIS

Conta uma anedota que uma senhora procurou um psicólogo e perguntou-lhe quando deveria começar a educação de seu filho.

— Que idade tem a criança? — indagou o mestre.

— Dois anos.

— Pois então a criança já perdeu dois anos de educação — retrucou sensatamente o pedagogo.

Eis uma verdade que pouca gente aceita; mas os que lidam com os problemas da alma humana vêem sempre que chegam muito tarde para corrigir as falhas de conduta; os erros antigos estão por demais enraizados na personalidade para que possam ser estirpados por uma educação extemporânea; o que realmente se pode fazer é pôr remendos sobre remendos na estrutura já fixada da psiquê. Uma das formas mais eficientes e fáceis de se educar crianças é pelo jogo e brinquedo. No jogo a criança ensaia as atitudes sociais que terá de adotar forçosamente quando adulto, pois as regras esportivas nada mais são que um código moral singelo somado à elegância; por seu intermédio o indivíduo se treina para o trato social e aprende a enfrentar as dificuldades cotidianas que a vida lhe oferece. Os ingleses, como gente que sabe viver, compreenderam isto mais que nenhum povo, e consideram o ideal supremo do homem o fato de encarar a vida com o mesmo espírito desportivo e displicente com que os competidores perdem ou ganham as paradas isto é, cumprimentando-se. Na época de festas, muitos pais devem ter ficado indecisos sobre o brinquedo mais adequado que deveriam dar aos filhos. Há uma arte na escolha do brinquedo; ela deve obedecer às condições de idade e temperamento, mas de uma forma geral podemos dizer que a criança deve ter duas espécies de brinquedo: um social e outro individual. Um que lhe permita associar-se aos demais e competir ou colaborar, como a bola, a peteca e outros jogos; outro que lhe dê oportunidades de concentração e experimento das suas próprias possibilidades; nesta categoria colocamos os quebra-cabeças, a bicicleta e tudo mais que o indivíduo tenha e deva que enfrentar sozinho.

Dizem alguns que o jogo é, para a criança, o que o trabalho é para o adulto — uma ocupação; acham outros que a criança brinca para ensaiar atitudes e tendências; mas por isto ou por aquilo, o certo é que o brinquedo tem uma importância extraordinária na vida da criança; acho mesmo que ele deve ser encarado com a mesma seriedade com que as mães distribuem vitaminas aos petizes. O valor do brinquedo não está nem na quantidade nem na qualidade, mas na medida com que é desejado pela criança; um carrinho de madeira em dado momento pode ter muito mais valor que um trem elétrico em miniatura, se o primeiro for ensaiado longamente na mente infantil. Quantos adultos guardam pesados lembranças fracassadas de brinquedos que anelaram sem nunca possuir! É profundamente antipática a atitude de alguns pais, que criticam asperamente os brinquedos que o filho deseja possuir, alegando sua inutilidade ou tolice; não há brinquedos inúteis, porque todos eles são instrumentos de atividade física ou mental. Talvez haja, isto sim, os perigosos; mas, por favor não aleguem a inutilidade, pois há uma longa série de divertimentos e marmantos que nada têm de úteis, — como o fumo, por exemplo.

Através do brinquedo pode-se aferir das vocações infantis. Desde cedo há uma preferência da criança por determinados brinquedos e este interesse não é fruto do acaso, mas de aptidões emocionárias. Um petiz que prefere construir a tudo mais está dizendo o que pretende ser quando adulto. As verdadeiras e grandes vocações são recocos; manifestam-se por uma linguagem especial, que só os que estudam as reações infantis podem entender. Mas, observando e estudando, poderíamos indagar da criança o seu brinquedo preferido e por ele concluir precocemente tais as profissões mais indicadas para sua personalidade e inteligência.

ZOLA DE LAET

## “SHORTS” DE DIVERSOS FEITIOS



# Muro das LAMENTAÇÕES

## RECOMEÇAR

Um ano em princípio é a melhor oportunidade para quem não está satisfeito com a sua vida e deseja corajosamente recomeçar. Se, por um lado, a grande tragédia da vida reside na sua carência de verdades absolutas, integrais, definitivas (o que impossibilita o Amor e a Felicidade com letras maiúsculas), por outro lado isso nos permite a revisão de erros cometidos, a certeza de que também a desgraça não é definitiva, e a possibilidade de fazer sempre novas tentativas. Morto o passado, em tudo o que teve de bom e de mau, resta-nos construir o dia de hoje com as matérias fornecidas pela experiência.

Passou o ano de 1947, e quanto a isso nada mais se pode fazer. 1948, no entanto, principia e está em nossas mãos, fremente como um barro à espera de modelagem. Empreguemos nossos dedos adestrados na criação de uma vida melhor para cada um de nós.

— Mas isso não depende só da gente — dirá imediatamente o leitor pessimista.

— Claro que não depende só da gente — responde este Muro, — mas se não depende só da gente depende principalmente da gente.

O estado de espírito de cada um diante do Universo é que torna possível ou não a sua felicidade e a felicidade dos outros. Sem um estado interior de compreensão e de amor à vida em toda a sua amarga e doce complexidade, resultam inúteis os fatores externos. Todos nós estamos cansados de ver milionários infelizes, ou por desejarem possuir mais ainda, ou por se entediarem com a impossibilidade de desejarem algo que não alcancem. Tem tudo, e sentem-se vazios. Viverão sempre vazios, enquanto não perceberem que a felicidade não está no objeto possuído, mas na maneira de possuí-lo.

— E qual a maneira certa de possuir?

— Não possuir — responde-nos Elmer Rice, escritor americano, autor da famosa peça "Street Scene" (Cena de rua).

Nesse notável drama da vida moderna, a heroína localiza a origem da infelicidade que se abate sobre ela e a sua família no desejo de possuir que vive dentro do homem. "Ninguém devia pertencer a ninguém", conclui ela dolorosamente, diante da vida destruída de seus pais. E' o desejo de possuir que acaba nos possuindo e nos transformando em escravos. Passamos a depender de coisas e de pessoas, e sendo universal a flutuação das pessoas e das coisas, estamos construindo a felicidade sobre areias movediças.

Quando, no entanto, sabemos colocar a felicidade dentro de nós mesmos, pela aceitação de um mundo imperfeito, pela educação dos nossos sentimentos altruístas e, principalmente, pela consciência da pouca importância das nossas tolas ambições dentro da grandeza do universo, estamos construindo com pedra e com mármore. Não desejamos possuir as coisas nem as pessoas; aceitamo-las, apenas, para as alegrias transitórias que nos podem proporcionar. Não pretendemos reter, nem dominar, nem impôr orgulhosamente nossas personalidades as demais; sabemos que somos nuvens, impulsionadas para um destino ignorado pelos mesmos ventos obscuros, e nossa tarefa deve ser a de não nos chocarmos para que não se produzam raios nem trovões. Se, durante essa misteriosa viagem para o desconhecido, pudermos voar lado a lado assumindo formas suaves e formosas, já teremos feito muito.

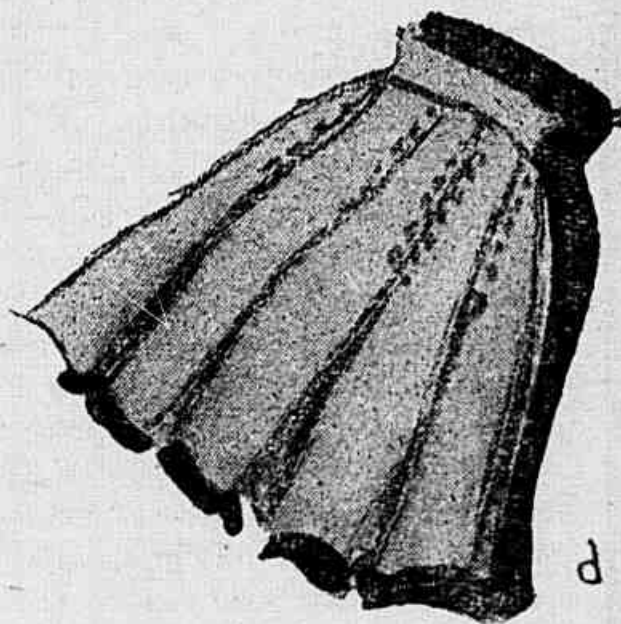
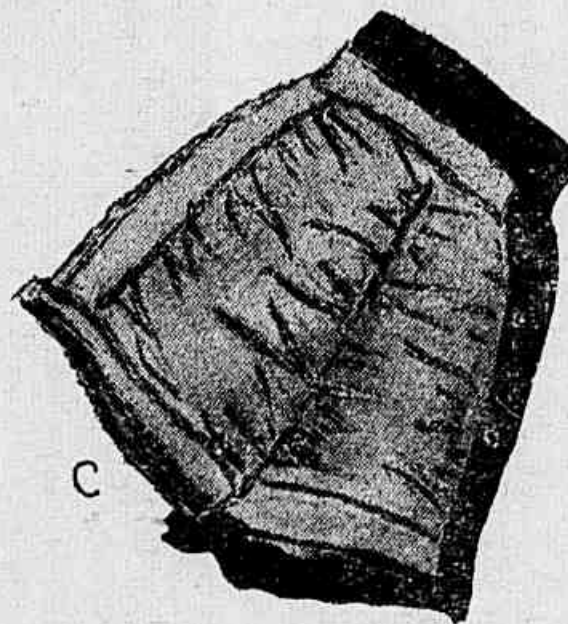
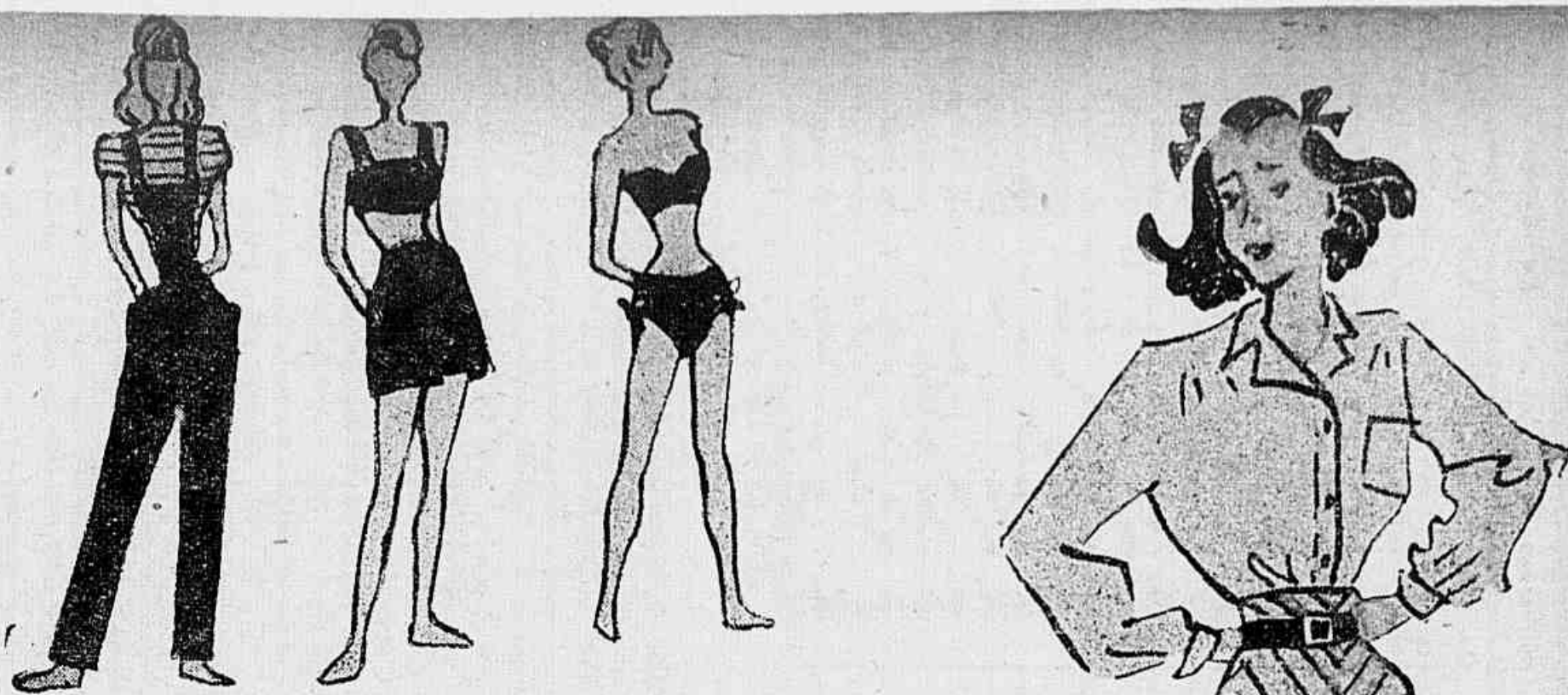
Recomeçamos em 1948. Olhem os que esteve errado dentro de nós. Reconheçamos a futilidade, a inconsistência da maioria dos desejos que nos torturaram. Esqueçamos a vaidade tola, o exibicionismo, a ostentação, e voltemo-nos para as coisas mais simples e autênticas que existem dentro de nós. Glorifiquemos o instinto — "sabedoria natural das coisas" na expressão feliz do poeta Raul de Leoni — e reconheçamos que esse instinto não exige nada das tolices que a complexidade da vida moderna nos impôs. Exige muito pouco, realmente, tão pouco que não será difícil ser feliz assim. E dá muito, em compensação, porque os que viverem em verdade, estando satisfeitos, produzirão uma soma de alegria capaz de melhorar grandemente a vida social.

Esta, aliás, é uma das maiores verdades do instinto: o homem é um animal social. Mas não se entenda social por de sociedade. Homem social, homem completo e feliz não é o que vive preocupado com elegância, etiquetas, visitas e pontos de reunião; é o que coopera com o seu grupo para a melhoria geral das condições de vida, tanto materiais quanto afetivas.

CONFIDENTE

## CORRESPONDENCIA

Estamos às ordens dos leitores que nos desejarem consultar, bastando para isso que nos escrevam para a rua Visconde de Maranguape, 15, aos cuidados da REVISTA DA SEMANA, contando-nos o seu caso.



Os seis pequenos modelos indicam as calças de diversos feitios e que estão atualmente em moda. 1 — Em fustão branco, com calças "tres-quartos". 2 — Em tecido estampado, franzido ao alto e nas pernas. 3 — Traje para praia combinando tecido estampado e tecido unido. 4 — "Duas-peças" em tecido unido guarnecido de bordados. 5 — Uma blusa esportiva com "shorts" em tecido listrado. 6 — "Duas peças" em tecido estampado. 7 — Uma jaqueta em tecido listrado, usada com "short" A-B-C-D: — "Shorts" de diferentes feitios, com pregas e franzidos.



# "WEEK-END" na Cozinha

"Meu Deus!, o que fazer com este "pingo" de carne? Esta é a pergunta desesperada que você faz a si mesma quando a cozinheira chega em casa com aquela cotinha certa, donde você ainda terá que tirar os ossos e a gordura. Você não quis pagar a carne a preço de câmbio negro, de forma que terá que se contentar mesmo com aquele "pingo" que a cozinheira trouxe. Enfim, não adianta reclamar. O que você tem a fazer, é procurar fazer com a carne (!) comprada qualquer coisa de "comível" e até gostosa. Não nego que é preciso grande disposição e boa vontade para isso, pois o nosso verdadeiro ímpeto seria atirar tudo aquilo fora, telefonar para o português do açougue e... bem... você bem sabe o que você gostaria de dizer, porém a família precisa comer e você tem que engolir a sua raiva e procurar fazer qualquer coisa. Os ossos, naturalmente você aproveitará para fazer uma sopa... Já vai longe o tempo em que os ossos só serviam para os cachorros... E com o resto, bem, aqui vão algumas sugestões.

★

## CROQUETES DE CARNE

**Ingredientes** — 500 grs. de carne; 125 grs. de banha; 100 grs. de farinha de rosca; 1/2 pão dormido e descascado; meia xícara, das de chá, de leite; 2 ovos, 1 cebola, um molho de alface ou de agrião, salsa, pimenta e sal.

**Preparação** — Trata-se a carne, corta-se em pedacinhos, juntam-se-lhe o miolo do pão embebido no leite e esmialhado com um garfo, a cebola cortada em rodelas, a salsa picadinha e passa-se tudo na máquina. Em seguida, adiciona-se uma pitada de sal e outra de pimenta e mistura-se bem. Fazem-se então os croquetes, que primeiramente se passam na farinha de rosca e depois nos ovos batidos e novamente na farinha de rosca. Fritam-se na banha quente até ficarem corados. Dispõem-se numa travessa, enfeitado de folhas de alface ou raminhos de agrião.

★

## PICADINHO A BRASILEIRA

**Ingredientes** — 500 grs. de carne; 125 de manteiga ou banha; 1 molho de agrião, 1 cebola, 2 tomates, sal, salsa e pimenta.

**Preparação** — Trata-se a carne, corta-se em cubos com meio centímetro quadrado mais ou menos e tempera-se com sal e pimenta. A parte põe-se a manteiga ou a banha em uma frigideira, junta-se a cebola, os tomates e a salsa picadinhos e leva-se tudo ao fogo para refogar. Em seguida adiciona-se a carne e tempera-se a cozer. Quando estiver cozinhando, adiciona-se o molho de agrião. Quando a carne estiver tenra, dispõem-se o picadinho numa travessa enfeitando em volta com folhas de alface ou galhinhos de agrião. Serve-se com angu.

★

## ALMONDEGAS PORTUGUESAS

**Ingredientes** — 500 grs. de carne, 125 grs. de manteiga, 100 grs. de toucinho, 200 grs. de farinha de trigo, 3 ovos, 1/2 não dormido descascado, 1 xícara das de café, de leite, 1 cebola, 2 tomates, sal, salsa, pimenta.

**Preparação** — Trata-se a carne, corta-se em pedacos, junta-se-lhe o toucinho também cortado em pequenos pedacos, o miolo do pão embebido no leite e passa-se tudo na máquina. Em seguida, acrescentam-se os ovos, mistura-se bem e fazem-se as almondegas que se devem envolver em farinha de trigo. A parte toma-se a manteiga, põe-se numa caçarola e juntam-se-lhe a cebola, os tomates, a salsa e leva-se tudo ao fogo para refogar. Feito isso adiciona-se um litro de água quente, formando uma espécie de caldo. Quando este estiver fervendo, colocam-se dentro as almondegas, que se deixam cozinhar durante hora e meia. Findo esse tempo, retiram-se, e ao molho que ficou acrescentam-se o caldo de um limão e uma gema de ovo diluída num pouco de caldo frio. Deixa-se ficar um pouco no fogo e retira-se antes que ferva. Põe-se este molho sobre as almondegas.



MODELOS ESPORTIVOS DE VERA RALSTON





Vera Ralston, encantadora estrela da Republic, apresenta para o verão; à direita: um modelo em algodão estampado de cores muito vivas. A saia é franzida, enfeitada com bordado inglês. O mesmo acontece ao curto bolero. A seguir, um outro interessante modelo; este, é feito em percal branco enfeitado com rendas e "festonnet" em tom vivo. A saia é toda franzida e o bolero é feito com dois babados "godet".



## A MORTE DO REIZINHO

A morte, geralmente nos obriga a assumir uma atitude respeitosa mesmo para com aqueles de quem trocamos ou desdenhamos, ou crivamos de alfinetada irreverentes. Uma prova disto está na atitude de muitos jornais para com Vitor Emanuel III, o ex-rei da Itália, que acaba de morrer de velhice, em seu tranqüilo retiro de exilado rico, em Alexandria, no Egito. Agora, pensa-se que ele era um velhinho, que devia ter sofrido muito com o banimento, que esses desgostos decerto



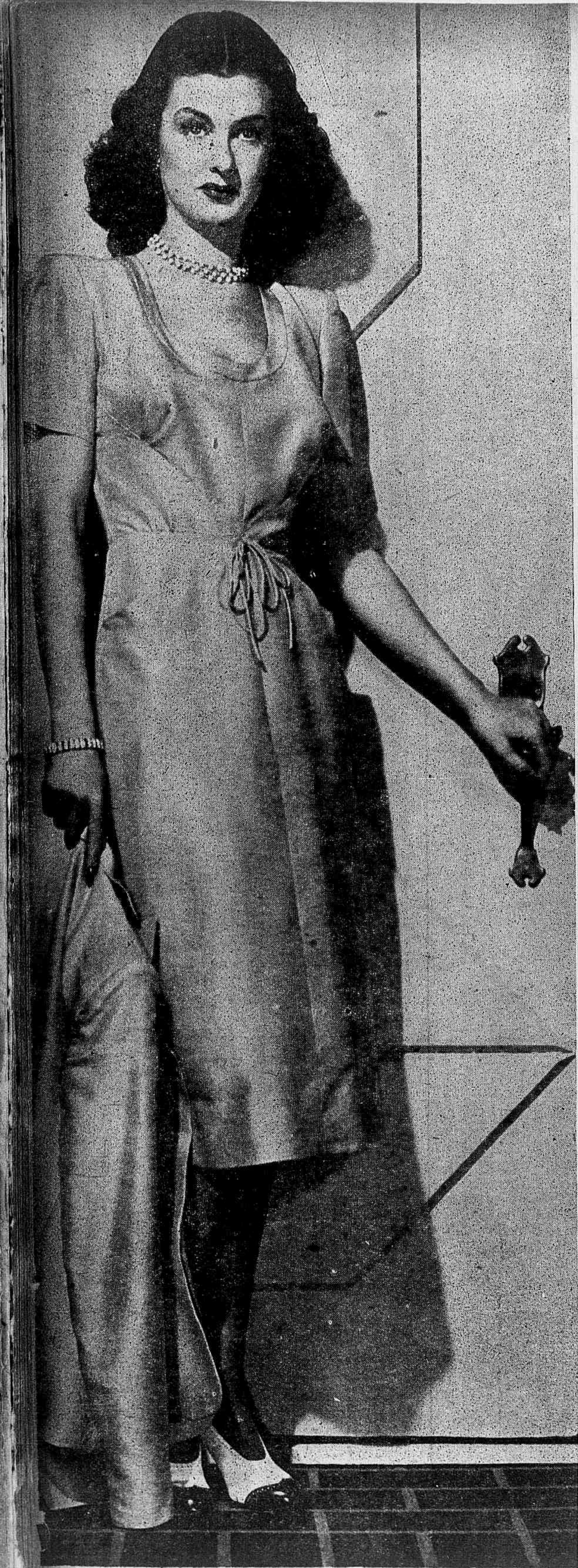
que muita gente que não foi rei, que não perdeu nenhum trono e aparentemente tinha muito boa saúde, tem morrido aos 45 ou 50 anos, de uma enfermidade qualquer, inteiramente ocasional... Grandes jornais, como alguns dos Estados Unidos, por exemplo, deram um balanço sumário na vida de Vitor Emanuel, para decidir que ele fizera mais bem do que mal, — e que seu gesto histórico, destituindo Mussolini de primeiro ministro no decorrer da guerra, salvara-o, reabilitando-o do gesto de fraqueza que tivera, ao entregar o poder ao mesmo Mussolini em outubro de 1922... Em suma: apresenta-se o reizinho morto como sendo a alma de Mussolini, como tendo sido devorado pelo ditador fascista depois que este assumira o poder. E não é só essa a tese de um artigo, aliás muito bem escrito, de L. V. Giannettini, no jornal italiano "Fanfulla", de São Paulo. Esse homem com a experiência de vinte e dois anos de exercício do poder nos aparece, assim, como uma assustada Trilby diante de um truculento Svengali, mesmerizada, hipnotizada, obrigada a fazer o que não queria...

Entretanto, o que nos parece é, precisamente que Vitor Emanuel teve mais oportunidade de escolher em 1922 do que em 1943. Em 1922, o marechal Badoglio lhe pedia ordens para dissolver a malta fascista das camisas-negras que marchavam sobre Roma. Disse que se o rei lhe desse a ordem, não precisaria mais do que uma companhia de carabinieri para dispersá-los, mas Vitor Emanuel não deu a ordem. Cruzou os braços. Fechou-se em copas. Deixou que a Itália fosse devorada pelo monstro fascista. E por que? Porque ele e a família real, a ilustre e nobre Casa de Savoia, eram cúmplices na aventura. E essa aventura foi, no fundo, uma aventura do medo, — o medo de que as inquietações sociais da Itália conduzisse a uma revolução semelhante à que arrancara o trono e a vida aos Romanoff. Assassinando a democracia, em lugar de fortalecê-la, Vitor Emanuel deu ao fascismo as garras em que havia, mais tarde, de apanhá-lo, reduzindo-o a condição de um simples fantoche nas mãos de Mussolini e do seu partido. Em torno do qual passou a girar toda a vida política italiana. Quando foi dissolvido o fascismo, o rei não pôde se apoiar no povo, por se achar incompatibilizado com este. Sua ruína com Mussolini foi imposta pela pressão dos acontecimentos e do instinto de sobrevivência. Naquele momento, a Itália estava em situação de guerra, e a Itália que fez ele? Procurou voltar-se contra seu companheiro de aventuras, com o propósito de conquistar a indulgência das nações Aliadas. Não entregou Mussolini aos alemães porque os alemães foram buscá-lo, na prisão em que o rei o havia encarcerado, — prisão insegura e sem guardas de confiança. A declaração de guerra à Alemanha, subsequentemente, ajudaria a forrá-lo de seus crimes passados, do seu acodamento em se fazer coroar imperador da Etiópia e rei da Abissínia... E da traição à França ferida e da guerra injusta contra a Grécia... E teria decerto conseguido indulgências plenas, absolvição completa, se seu próprio povo, juiz inflexível não o tivesse banido...

Em 1943, em Alexandria o reizinho, — se fosse mais gordo e tivesse bigodes seria exatamente aquela das caricaturas de O. Slogow... — o presidente da República Italiana, sr. Enrico de Nicola, assinava a Constituição Republicana, que, entre outras coisas, extingue os títulos de nobreza, extingue a Casa de Savoia, proíbe a entrada em território italiano de seus varões e o exercício de qualquer função pública a qualquer dos seus membros, assim como confisca todos os bens pertencentes à família real. O reizinho morreu com o regime, com a monarquia, com a Casa de Savoia. Seu avô ilustre serviu à causa da união italiana. Foi um unificador, com Garibaldi. Ele, ao contrário, serviu à causa da desunião. Se ele tivesse tido em 1922 a coragem e a energia que pretendia demonstrar em 1943, talvez passasse a história como um pequeno homem, mas como um grande rei. Mas tendo perdido essa oportunidade, mesmo tendo reinado 46 anos, deixa o mundo como um reizinho de operetas, misturado com selos e postais moedas velhas e muitas declarações de guerra...

R. MAGALHAES JUNIOR





## DO GUARDA-ROUPA

J OAN Bennett é, indiscutivelmente, uma das mais belas mulheres do cinema americano, e é também uma das mais elegantes, coisas que podem ser facilmente evidenciadas pelas fotos aqui reproduzidas e que nos foram gentilmente cedidas pela Universal-International. Da esquerda para a direita: Conjunto em palha de seda composto de vestido e casaco. O vestido é simples, decote redondo, recortes na blusa e bolsos embutidos na saia. O casaco é de linhas clássicas. E, finalmente, um elegante "robe" de gorgurão vermelho com incrustação branca sobre um ombro. A "estrela" de "O Segredo da Porta Fechada" acha que toda





# DE JOAN BENNETT

Mulher tem a obrigação de manter dentro de casa a mesma elegância que mantém na rua. Mesmo no verão, um "tailleur" preto é indispensável. Principalmente aqui, onde a temperatura cai logo depois de qualquer chuva... Este de Miss Bennett é de muita elegância, podendo ser executado em "gros-grain". Punhos brancos, gola forrada de branco e blusa também branca. Muito gracioso este modelo em tecidos estampado e unido. A parte superior da blusa é em seda branca e o restante do vestido em tecido estampado azul e branco. Este modelo se presta também para reformas.

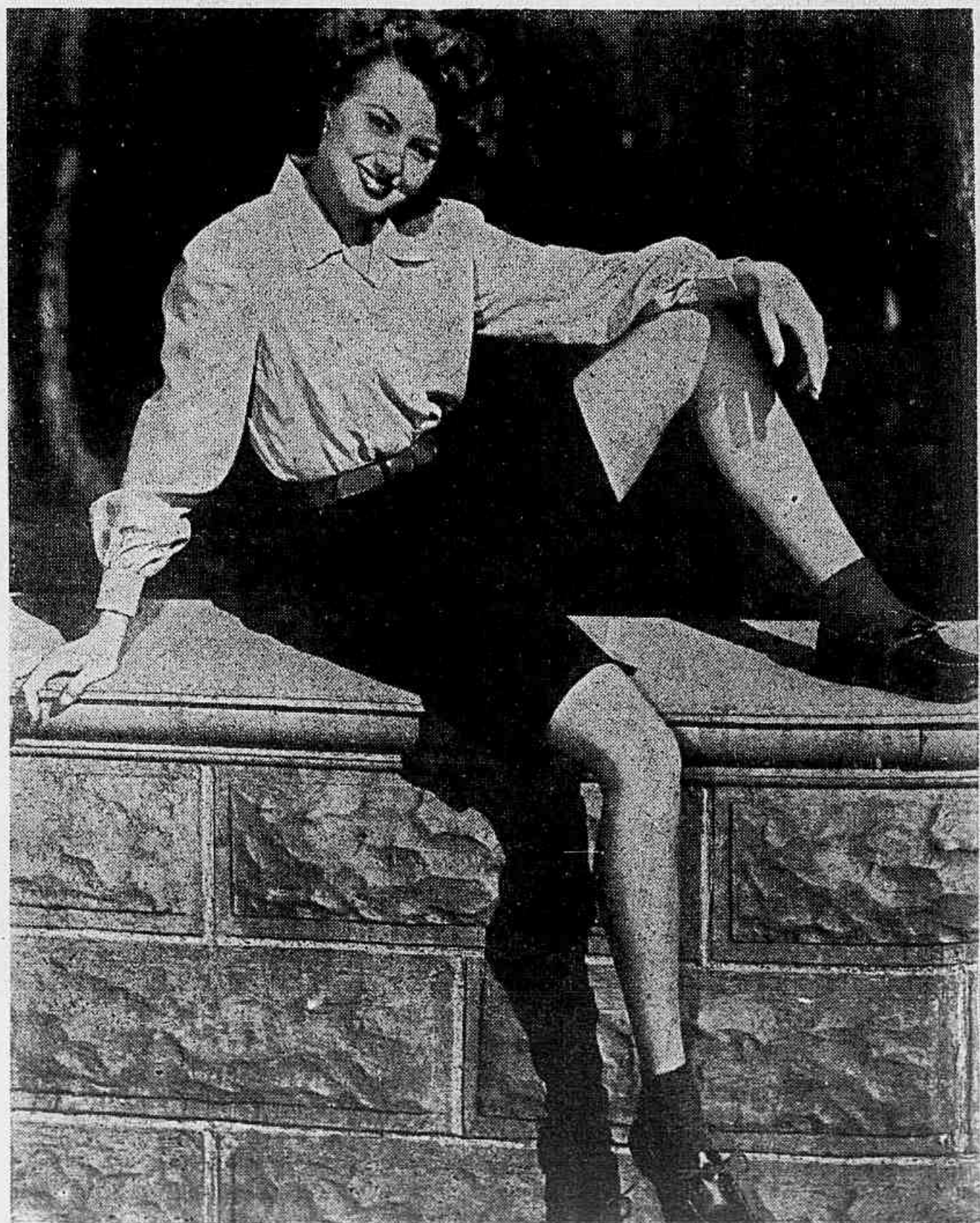






## PARA VOCÊ IR À PRAIA

**H**A' sempre uma nota inédita num "short", num "maillot" ou num "robe", e é por isso que as pequenas elegantes devem estar sempre atentas. Aqui, por exemplo, reunimos as últimas criações de Hollywood, no gênero, e cremos que todas vocês gostarão bastante. Ao alto: P.ª a começar, conjunto em tecido listrado azul e branco. Saia franzida à cintura. "Short" do mesmo tecido. Sugestão de Madge Meredith, da RKO. Em baixo: Você parecerá um garoto levado com um traje igual ao de Jan Haiker, da Warner Bros. A calça é em tropical e a blusa em algodão listrado. A esquerda: Magnífico este "robe" de Ava Gardner, da MGM. Tecido estampado muito vivo. O "robe" é bastante comprido, terminando em baixo com um babado franzido. Observem o quanto é interessante a sandália de Miss Gardner.





*E o espelho lhe dirá...*

*voce pode ser tão bonita.*

**Como uma estrêla de Hollywood**



KATHRYN GRAYSON,  
uma das "estrêlas" do film  
da Metro-Goldwyn-Mayer  
"QUANDO AS NUENS  
PASSEM"

Sim... o espelho lhe dirá que Você está muito bonita  
com o MAKE-UP EM HARMONIA DE CÔRES,

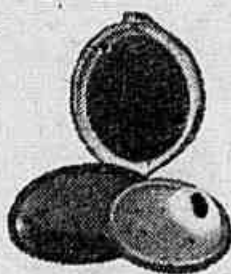
a sensacional criação de MAX  
FACTOR HOLLYWOOD para as es-  
trêlas de cinema... Usando PÓ,  
ROUGE, BATON e PAN-CAKE nas  
tonalidades que se harmonizem  
com a cor de sua pele, de seus

olhos e de seus cabelos, Você  
terá a beleza perfeita das  
Estrêlas de Hollywood... Os  
produtos Max Factor são  
apresentados em suas embalagens  
originais americanas!

Experimente hoje mesmo  
este sensacional make-up  
e seu espelho acusará  
a extraordinária diferença...

**MAKE-UP EM HARMONIA DE CÔRES**

*Max Factor  
Hollywood*



**À VENDA NAS BÔAS CASAS DO RAMO**

PARA CONHECER A SUA HARMONIA DE CÔRES INDIVIDUAL PREENCHA E REMETA O CUPOM

**MAX FACTOR MAKE-UP STUDIOS**

Caixa Postal 2776 — Rio de Janeiro

Sem compromisso, queiram remeter mi-  
nha análise de pele e ficha de Make-up em  
Harmonia de Côres, por Max Factor e o seu  
folheto ilustrado: "A Nova Arte do Make-up  
de Sociedade".

Nome

Endereço

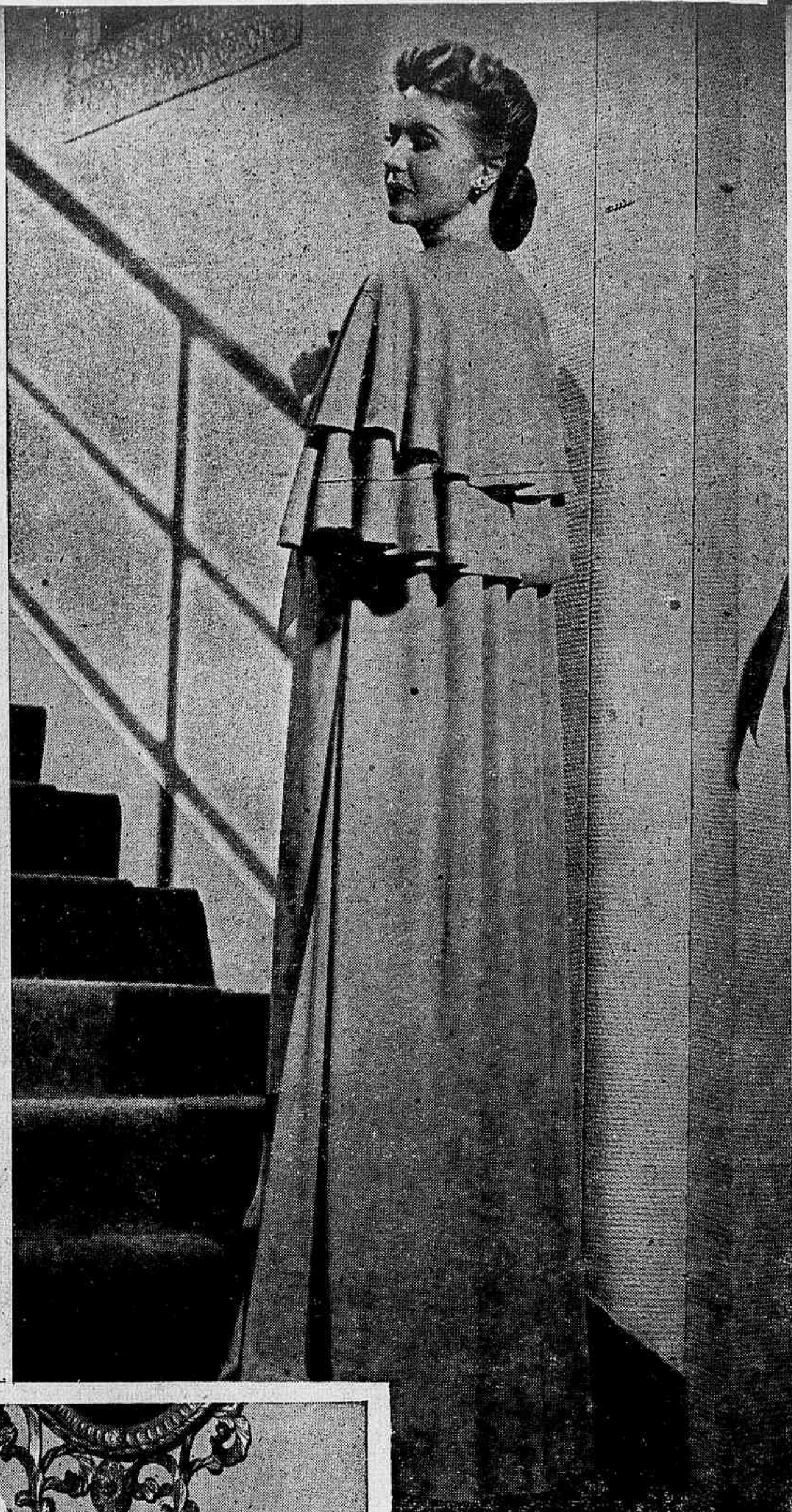
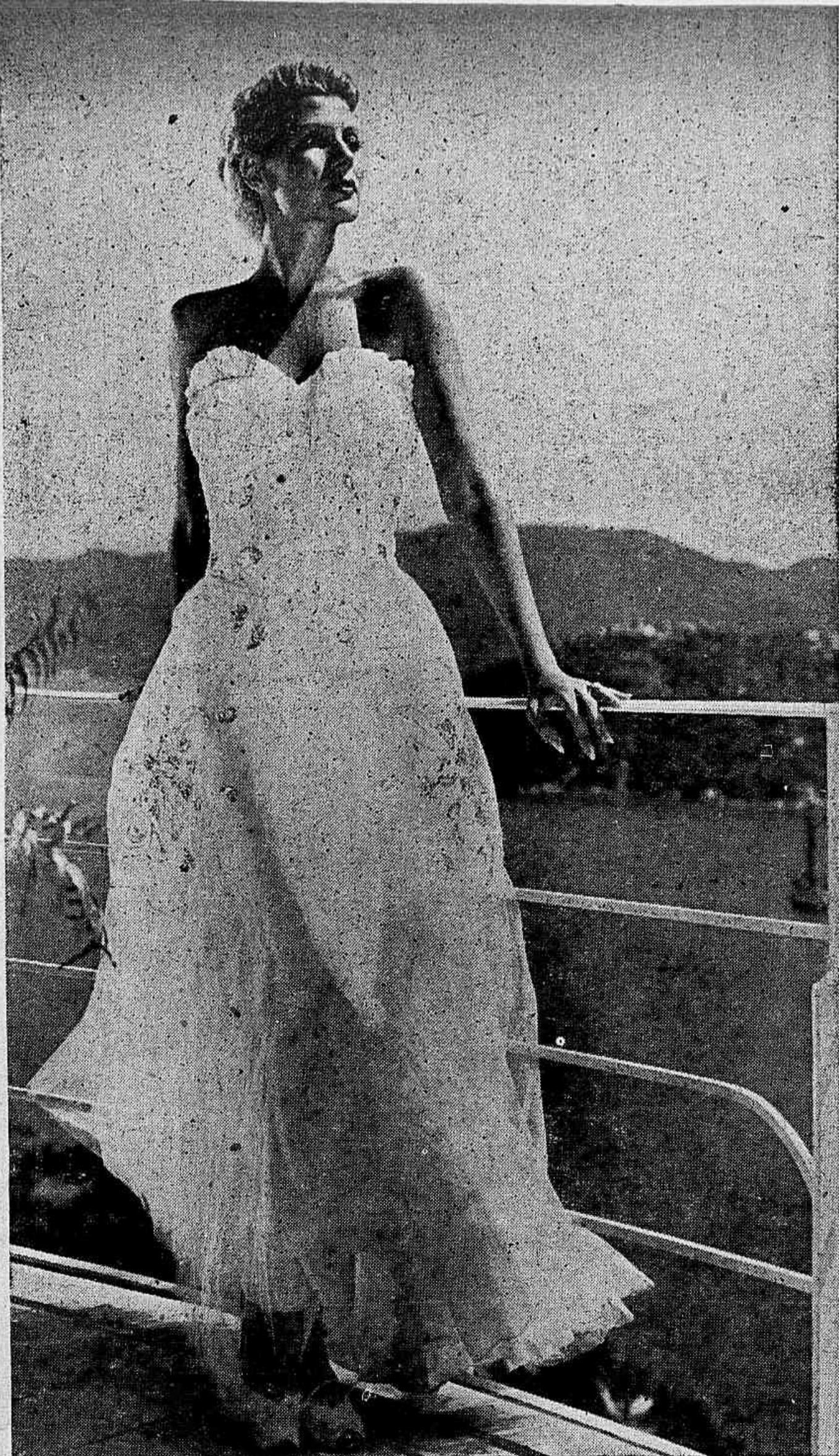
Cidade

Estado ou País

| Marque o coupon CUIDADOSAMENTE      |                                                                                           |                                     |
|-------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|
| CABELOS                             | PELE                                                                                      | OLHOS                               |
| LOURA                               | Muito clara <input type="checkbox"/>                                                      | Azul <input type="checkbox"/>       |
| Claros <input type="checkbox"/>     | Escuras <input type="checkbox"/>                                                          | Verdes <input type="checkbox"/>     |
| RUBIA                               | Média <input type="checkbox"/>                                                            | Amarelados <input type="checkbox"/> |
| Claros <input type="checkbox"/>     | Escuras <input type="checkbox"/>                                                          | Castanhos <input type="checkbox"/>  |
| CASTANHA                            | Avermelhada <input type="checkbox"/>                                                      | Primos <input type="checkbox"/>     |
| Claros <input type="checkbox"/>     | Escuras <input type="checkbox"/>                                                          | PESTANHAS (Cor)                     |
| MORENA                              | Bastante queima-<br>da de sol, marque<br>no tipo acima e<br>aqui <input type="checkbox"/> | Claros <input type="checkbox"/>     |
| Claros <input type="checkbox"/>     | Escuras <input type="checkbox"/>                                                          | Escuras <input type="checkbox"/>    |
| PELE: Seca <input type="checkbox"/> | Olhos: <input type="checkbox"/>                                                           | Normal <input type="checkbox"/>     |

RS



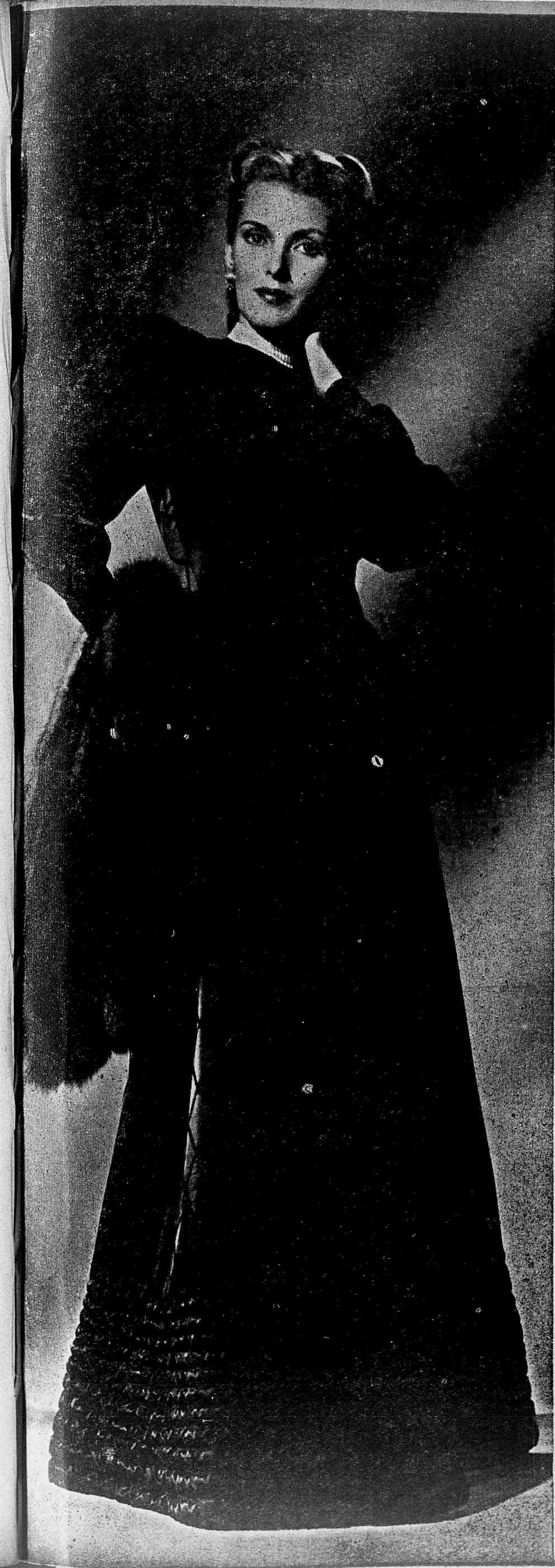


## NOITE

**M**UITAS festas ainda irão você neste princípio de ano.

Festas de Carnaval, às quais você não querará ir fantasiada e, portanto, terá que vestir modelos próprios para noite. Aqui você encontrará algumas sugestões nesse sentido. Ao alto, à esquerda: Você que está queimada de sol ficará deslumbrante neste modelo de "tulle" branco bordado em "paillettés". A sugestão é de Rita "Gilda" Hayworth. A direita: Elegantíssima "salsa" em jersey vermelho, sugerida por Frances Gifford, da MGM. Em baixo: Phyllis Calvert, "estrela britânica ora com a Paramount, veste elegantíssimo modelo em tafetá preto, decote amplo descobrindo os ombros, "basque" dupla sobre a cintura, "áia" "godet" muito rodada. Finalmente na página ao lado: Em cetim preto com losangos formados por tiras de cetim e acolchoado na barra, é este modelo de Anita Colby, da Universal-International. Mangas compridas, cinto do mesmo tecido. Em "faillé" preto é este encantador modelo de Catherine McLeod, da Republic, com drapeados sobre o busto e franzidos na saia.









Em cima: A petizada, feliz, vai abrindo os pacotes e dos mesmos retirando os presentes de Papai Noel. Em baixo: O sr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club, durante a entrega das lembranças de Natal às famílias dos funcionários da tradicional sociedade.







Outra fase da distribuição, em que se vê o presidente e diretores do Jockey Club. A direita: Esse "baby" está ensaiando as primeiras pancadas no tamborzinho que Papai Noel lhe destinou.

## O NATAL NO HIPÓDROMO DA GAVEA

**S**EMPRE atenta às menores coisas que dizem respeito aos profissionais do turf, a diretoria do Jockey Club Brasileiro aproveita tôdas as oportunidades que se apresentam para pôr em evidência o seu apreço pela numerosa classe que trabalha em prol da grandeza do aristocrático esporte, entre nós.

Agora mesmo, a tradicional sociedade turfista fez realizar o Natal dos seus funcionários, que com suas famílias tiveram uma manhã festiva no dia 24 de Dezembro último. O "tattersal" do Hipódromo ficou à cunha, e lá

estavam o presidente do Jockey, sr. João Borges Filho, com sua esposa, acompanhado de outros diretores, fazendo larga distribuição de brinquedos e utilidades, proporcionando momentos de grande alegria à petizada e a todos os componentes da grande família turfista.

As fotografias que ilustram estas páginas, feitas pela "REVISTA DA SEMANA", mostram diversos aspectos da encantadora festa que foi o Natal dos profissionais do turf no Hipódromo Brasileiro.



Em baixo: A senhora João Borges Filho esteve presente e auxiliou, acompanhada de outras ilustres damas, na tarefa de distribuição de brinquedos e utilidades várias aos funcionários do Jockey e suas famílias.





# MUSICA

## A "TOURNÉE" DO CONJUNTO COREOGRÁFICO BRASILEIRO — RUMO À EUROPA, AGORA — GENOVA APLAUDE UM PIANISTA — EMBAIXADORES DA MÚSICA

De ROBERTO LYRA FILHO  
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

**C**ERCADAS de carinho, crescendo, livres, entre risos de alegria são, as crianças encontram na União das Operárias de Jesus um abrigo para sua infância abandonada e triste, vão desabrochando, ao calor da simpatia humana que ali se manifesta, em adolescências promissoras. Cedo marcadas pelo sorriso, não obtiveram, naquele recanto, o teto e o pão oferecidos com relutância, mas um clima de compreensão, solicitude, amor. A ternura maternal com que as cerca D. Clotilde Guimarães, o desvelo de todos os que colaboram naquela obra, opera esses maravilhosos milagres que estão ao alcance de qualquer homem de boa vontade.

Com infinita paciência observam-se as inclinações daqueles espíritos em formação e, longe de serem impostos ofícios e tarefas, consulta-se, naquele estabelecimento, a disposição natural das crianças, em recuanda orientação pedagógica, que dirige, ampara, instrui, sem forçar, nem quebrar, com métodos inflexíveis, a espontaneidade das vocações.

E, assim, nasceu o Conjunto Coreográfico Brasileiro. E' desnecessário apresentá-lo. O eco de seus triunfos internacionais ainda desperta o entusiasmo de todos os que se dedicam à arte, de todos os que a apreciam.

Veltchek, coreógrafo de larga experiência e aguda sensibilidade, soube desenvolver as cativantes qualidades do conjunto, imaginando e realizando coreografias que, sem prejuízo de seu valor, se adaptaram aos temperamentos dos pequeninos intérpretes. E que soberbos efeitos de graça e pureza ele soube extrair, na simplicidade riquíssima da dança!

Durante toda a "tourné" realizada pelo Uruguai e pela Argentina, não cessamos de receber notícias de sucesso do Conjunto Coreográfico. De volta ao Rio, os jovens bailarinos repousam, antes de seguir para a Europa, onde se apresentarão, ainda no início deste ano, ao público parisiense. E' grato, na verdade, sentir que a União das Operárias de Jesus, ao ganhar projeção internacional, através de uma de suas mais belas realizações, tenha encontrado, por onde passou, compreensão e entusiasmo.

### UM CONCERTO EM ROMA

Registrando o triunfo de um conjunto coreográfico nacional em dois países da América e assinalando a partida, em breve, desse mesmo conjunto, para a Europa, queríamos lembrar, a propósito, o sucesso que obteve, no velho continente, um pianista brasileiro, muito jovem ainda, mas já distinguido pela crítica italiana como um artista de fina sensibilidade, aliada a um domínio seguro da técnica. Trata-se de Ari Pavão Filho. Filho de Ari Pavão, jornalista e comediógrafo, além de diplomata, o moço não desmereceu o nome que traz, revelando um talento especial. Discípulo de Lucien Wurmser, na França, três vezes premiado pela Escola de Música de Paris, Ari Pavão Filho estudou, ainda, com Tomas Terán, aqui no Rio, e com Leandro Criscuolo, na Itália.

Assim, no filho de um diplomata bastante conhecido, a nossa representação na Itália ganhou um espontâneo e brilhante embaixador artístico que, merecendo a estima e a admiração do povo italiano, faz obra de grande alcance na difusão cultural.

Recebemos, além de algumas notas desvanecedoras da imprensa européia sobre Ari Pavão Filho, um de seus programas. Pudemos observar, na escolha das obras, acentuada predileção pela música romântica, através da qual se define o temperamento juvenil do intérprete. Chopin, Debussy, Rachmaninoff predominam na lista de peças executadas, em recital aplaudido. Teve lugar em Gênova este concerto, que despertou a atenção dos círculos artísticos da pátria de Verdi. Esperamos que Ari Pavão Filho volte breve ao Brasil para que, ouvindo-o, possamos confirmar os juízos entusiásticos da crítica de mais de um país europeu.



Ari Pavão Filho, jovem pianista brasileiro que Roma aplaudiu, recentemente.

## Escragnolle Dória

(Cont. da pág. 18)

Sei Tudo», «Kosmos», «Renascença», «Século XX» e «Sul América».

### OBRAS DE ESCRAGNOLLE DÓRIA

«Semi Virgens» — tradução do romance de Marcel Prevost — 1896 — 432 páginas.

«Coisas do Passado» — Separata do tomo LXXII — 2ª parte — da «Revista do Instituto Histórico Brasileiro» — pág. 183 (1908).

Este valioso trabalho de investigação abrange os seguintes assuntos: «Artistas de outros tempos» — Rosina Stolz, Segismundo, Thalberg, Henrique Tamberlick, Juliane Djean, Rosina Laborde, Emilio Wroblewski, Gottschalk, Adelaide Riston, Carlotta Patti, Ritter, Sarasate, Julião Gyarre, Domingos Santinelli e Eleonora Duse; «O Teatro na Exposição»: O Novigo, As Doutoradas, Deus e a Natureza, O Irmão das Almas, As Aras de Um Anjo, História de Uma Moça Rica; «Notas da História Financeira»: Biografias do Visconde de Sousa Franco e de Sales Torres Homem (Inhomirim); «Figuras do Passado» e «Conde de Porto Alegre».

«Ubique Patria Memor» — Três conferências européias sobre o Brasil. Separata do tomo LXXVI da «Revista do Instituto Histórico Brasileiro», págs. 559 (1913) In 4º, de 64 páginas.

Da conveniência de um acôrdo luso-brasileiro — A significação da obra de Anchieta na História do Brasil — Un coup d'oeil sur l'histoire du Brésil.

«Terra Fluminense» — Descrição de todos os municípios do Estado do Rio de Janeiro — 1929 (Tipografia rua São José, 35).

«Memória Histórica do Colégio de Pedro II» — Publicação oficial do Ministério da Educação e Saúde — comemorativa do primeiro centenário daquele estabelecimento de ensino (2 de dezembro de 1837 — 2 de dezembro de 1937), com quinze capítulos e 341 páginas.

Obra de inestimável valor histórico, minuciosa e excelentemente documentada, com testemunhos fidedignos sobre a história daquele notável estabelecimento de educação secundária, acompanhando o progresso e desenvolvimento conquistados numa centúria em prol da instrução pública no Brasil. Trabalho de raro mérito, que exemplifica a capacidade produtiva de Escragnolle Dória, o seu esforço beneditino na consulta de documentos arquivais e, sobretudo, na probidade por todos reconhecido como homem de bem a toda prova.

São ainda da autoria do grande historiador as biografias de Carlos de Laet e Oliveira Lima, publicadas na «Biblioteca Internacional de Obras Célebres» — a primeira constante do volume XI, págs. 6330 e 6331, e a segunda, no volume XV, págs. 8104 a 8150.

Homem de caráter ilibado, Escragnolle Dória dedicou-se de alma e coração às tarefas que empreendeu, nunca se aproveitando de oportunidades inconfessáveis.

Algumas das sementes que espalhou, lançaram raízes.

Crescerão e frutificarão, exemplificando a inteligência construtiva e a nobreza de sentimentos do infatigável obreiro das letras.

### Os homens preferem as lours

(Cont. da pág. 20)

— Gerente, sim, sr. Berger, mas de pequenas agências...

O germânico não se deu por achado. Nem reparou na parvoíce daquela minha saída. Com a serenidade costumeira, replicou:

— Sabe o senhor quantas gerências contamos em Nova York?

E como eu não respondesse, por ignorância de causa, concluiu:

— Todas elas são preenchidas por homens que vieram de Estados menores, ou do estrangeiro. Não lhe prometo muito, mas o senhor nada fica a dever a nenhum dos que lá estão, exceto quanto ao estágio. Receba o meu conselho: vá para o Sul e aguarde os acontecimentos.

O salário aumentava. Nerissa mostrava-se cada dia mais paciente. O aconselhável era mesmo pegar-me ao certo, isto é, o salário, e abandonar o duvidoso, ou seja, a renúncia de Nerissa.

Eis-me, pois, a caminho daquele sul tenebroso, assustador, fantasmagórico.

De minha nova residência desfechei uma verdadeira ofensiva de cartas para o endereço de Sandra. A todas, com a maior presteza, me respondeu a destinatária, renovando as juras de amor, incentivando os meus doces sonhos das tardes estivas e solitárias. Suas missivas representavam os pontos luminosos na penumbrosa monotonia de minha existência de desterrado.

De Nerissa vieram ternas mensagens, às quais eu, com preguiça e com remorso antecipado, contestava secamente, falando apenas de minha saúde e de meus negócios. Por método, fazia as respostas numa proporção de um para cinco: para cinco cartas de Nerissa eu acudia com uma de minha lavra. Notei que eu estava sendo sincero com ela: não lhe falava de amor ou coisas futuras; envidava o máximo cuidado em só mencionar assuntos hodiernos, de interesse atual. Nenhum compromisso com o porvir, nenhum juramento. O meu programa continuava em pé: vê-la desistir de mim. Ela, porém, sempre fiel.

Em vista desta fidelidade, resolvi também manter a política anterior da economia mensal. Todos os meses transferia para a minha eleita uma quantia determinada, a fim de fazer frente às dificuldades vindouras.

Longos e arrastados, naquela selvagem América longínqua, deixei que os dias se passassem, na esperança de um só dia, como no trecho bíblico. Pairava-me sobre a cabeça a mesma terrível ameaça de me ser trocada a predileta por outra que eu não escolhera. Mas eu estava resoluto como Jacob. E com prazer (prazer não é bem o termo; com resignação) serviria outros tantos meses à Companhia Petrolífera, contanto que obtivesse a recompensa desejada e merecida.

Chegou, enfim, o dia de meu regresso. Um dia felicíssimo para mim, que o trago sempre marcado na lembrança. Concedia-me o céu que eu, sem perigo, tornasse à ditosa pátria muito amada. Deixei, com saudade, os meus bons amigos meridionais, todos os que julgara selvagens, mas que se me revelaram inteligentes, instruídos, civilizados, sem trajos regionais, sem arcos, sem flechas. Não digo que chorasse, mas senti um certo nó na garganta, que me impedia de falar com clareza. Voltei, como usam voltar os filhos pródigos, desde o início do mundo.

Disposto a enfrentar as maldições paternas, e a sofrer humilhações por causa da minha escolha, entrei a dar os primeiros passos no sentido da realização do ato. Casava-me, não havia remédio. Os velhos tomavam lá as providências que julgassem convenientes.

— Agora seremos felizes — dizia eu, muito alegre, à minha deusa, um dia em que conversávamos em casa dela. — Talvez até possamos adquirir uma fazendola, se te parece. Não é certo que já temos um bom cobre?

(Cont. na pág. 52)





**Gancia é o**

**ESCOLHIDO!**

EXPERIMENTE HOJE E PEÇA SEMPRE!

**VERMOUTH Gancia**

COQUETES E APERITIVOS DELICIOSOS GANCIA

Solicite, gratuitamente, o folheto  
que ensina as receitas dos mais  
famosos e deliciosos coquetes.



VERMOUTH BRANCO

Dôce - Seco - Americano

**MONTE, ROCHA LTDA.**

AV. NILO PEÇANHA, 26 - SALA 109 - TEL. 32.0343 - RIO





**Cetrolina**

antisséptico.  
adstringente  
bactericida

O produto preferido pelas  
senhoras modernas para a  
sua HIGIENE INTIMA.

## A vida de David Hume

(Cont. da pág. 55)

dignidade do indivíduo, na liberdade do homem. Em 1774, quando convidado a comentar a luta das treze teimosas coloniazinhas, no litoral da América do Norte, por sua independência do rei Jorge, replicou: «Sou um americano. Acredito no destino da América».

VII

«Na primavera de 1775», escreve esse «crente descrente» em sua autobiografia, «fui apanhado por uma desordem em minhas entranhas que... que se tornou incurável. Aguardo agora uma rápida dissolução». Destarte esperou, tranquilamente, pelo fim. Fôra difícil, para um homem, ser mais alheio à vida. «Para concluir historicamente com o meu próprio caráter», conta-nos ele, «sou, eu melhor, fui (pois este é o estilo que devo empregar agora ao falar de mim mesmo)... um homem pacato, senhor de si... Não posso dizer que não haja vaidade em fazer a meu próprio respeito esta oração fúnebre, mas espero que não seja inadequada».

Quando os amigos souberam que ele estava para deixar o mundo, acorreram para prestar-lhe as últimas homenagens. Muitos, dentre eles, nutriam secreta curiosidade por saber quão racionalmente se prepararia para a morte, aquele homem que combatia a razão. Se esperavam alguma modificação em Hume viram-se desapontados. Encontraram as fantasmagóricas ruínas emaciadas do que fôra, outrora pessoa de grande envergadura. Mas o brilho de humor persistia nos olhos do filósofo.

«Estou pensando», disse-lhes ele, «como poderei encontrar-me com Caronte, que transporta as almas dos mortos sobre o rio Estige. Que desculpa poderei dar-lhe por haver ficado mais um pouquinho nesta margem da vida? «Por favor, bom

Caronte», implorarei, «tenha um pouquinho de paciência. Deixe-me ficar por enquanto. Durante anos busquei abrir os olhos ao público. Se viver por mais alguns anos, terel, porventura, a satisfação de assistir à queda das superstições que combati». Mas Caronte certamente se enfureceria e bradaria, colérico: «Seu sonhador incurável, isso não acontecerá nem daqui a mil anos. Acha que vou permitir-lhe viver ainda tanto tempo assim? Suba incontinenti para a minha barca, seu patife preguiçoso, vadio, tolo e otimista!»

(Do livro «Vidas de grandes filósofos».)

## PARA DEPOIS DO MEU ENTERRO

(Cont. da pág. 29)

bem consta isso. E' para o seu enterro.

A visita não demorou muito mais. Confessei não poder firmar novo contrato no momento. Recusei imprevidentemente a idéia de vender meu automóvel para adquirir uma apólice de instituição de renda vitalícia à minha viúva. Mas marquei prazo para, de hoje a quatro meses, novamente receber minha adorável visitante, regalado pelo papo que vamos bater então, sobre os meus funerais e a minha viúva.

## Os homens preferem as louras

(Cont. da pág. 50)

— Como assim? — inquiriu a menina.

Em minha extensíssima correspondência, eu deixara, por uma questão de estética, de aludir à mesada. Acho incompatível com o gênero romântico a menção de números de cheques ou de ordens bancárias. Por outro lado, esses particulares constrangedores faziam-se desnecessários, porque, de qualquer maneira, o dinheiro nos pertencia a ambos. Agora, porém, cumpria atacar de rijo o assunto.

— Refiro-me ao dinheiro que juntamos (eu quis dizer «que juntei», mas pareceu-me egoísmo). Ao que te enviava todos os meses.

A menina se fez de estranha:

— Ah, sim, é verdade — respondeu sem grande convicção. — No começo... Mas depois não recebi mais nada.

Pensei logo num erro bancário. Coisa era, aliás, que eu de pronto esclareceria, pois colecionara todos os comprovantes das remessas e o banco não se negaria a resgatar o compromisso, num caso de extravio.

— Está bem — disse eu. — Mas o anterior, o que guardamos em outros tempos?

A menina adotou o gesto de surpresa e espanto:

— Pois que? Não o mandaste buscar?

Então foi a minha vez de ficar espantado e surpreso:

— Que queres dizer? Não mandei buscar nada!

Ela fitou em mim os seus imensos olhos de animal sofredor:

— Oh, querido, não brinques com essas coisas. Pois não mandaste um senhor com um bilhete a dizer que entregasse tudo a ele?

Eu não me lembrava de nenhum bilhete, e era bem certo que jamais o escrevera.

— Tu sabes que eu não faria isto — retruquei. — Reflete bem antes de me dares uma informação errônea.

E como Sandra se mantivesse um instante muda, como que embaraçada, eu insisti:

— Com que então esteve cá um homem...

Pareceu despertar:

— Oh, sim, um senhor de preto, com uma grande barba e um bilhete escrito por ti.

Levantei-me inquieto. A ser verdadeira a afirmativa, eu surgia lindamente roubado. Um grande finório me levava toda a economia, valendo-se de alguma circunstância em que eu revelara a existência do tesouro. Ele, com certeza, imitara a minha letra, o bandido.

Mas seria fácil apanhá-lo, conquanto não restasse esperança de reaver o dinheiro. Eu daria uma lição ao perverso. Fôra então para isto, para que um vagabundo as gozasse, que eu, pacientemente, com requinte de avaro, guardara todas aquelas cédulas preciosas? Fôra para a miséria de um casamento mesquinho que eu me sujeitara a um exílio de dois longos anos?

Aborrecidíssimo, desatei a grandes pernadas pelo salão. O espírito recusava-se a aceitar a triste realidade. Roubado! Eu voltava ao odioso ciclo de antigamente, enquanto o miserável se divertia a valer num cabaret da cidade, em companhia de mulheres suspeitas... Maldito! E pelo meu cérebro revolteavam todas as blasfêmias que eu ouvira dizer aos personagens do Velho Testamento, na escola paroquial. Não me admirava se o ladrão tombasse em algum recanto lúgubre da cidade, vítima de hipnotismo demoníaco. Se ele ao menos ouvisse as maldições que eu lançava...

De repente lembrou-me a prova. O bilhete ficara em poder de San-

dra, e talvez, com ele, o Bureau de Investigações lograsse fazer algo. Voltei-me para a jovem:

— Pois dá-me o bilhete... Vamos empulhar esse maroto.

— Bilhete? Que bilhete?

— Sim, o bilhete, com mil raios! Pois não disseste que eu mandei um bilhete? Onde está ele? Não me digas que o perdeste...

— Oh, não, não o perdi. Está aqui, em minha caixa de costura.

Correu pela caixa.

Ali não havia nada, senão retalhos de pano, carretéis de linha, agulhas, dedais, tudo quanto se relaciona com a costura. Mas nem um bilhete, nem um pedacinho de papel, por menor que fosse.

A menina reagiu:

— Estava certa de que o guardei nesta caixa.

E afanava-se na busca interminável. Depois foi ao quarto. Remexeu tudo. Desfazia-se aos poucos uma dúvida: o bilhete já não existia, se é que algum dia existiu.

Então, numa atividade neurastênica e febril, entrou de examinar todos os armários, todos os desvãos, todas as gavetas. Fazia isto com animosidade, com acinte, numa exuberância de gestos que me deixava irritado. Ocorria-me o desejo de forçá-la a parar com aquilo, gritar-lhe: «Acaba com esta comédia! Não tens comprovante algum.» O comprovante és tu mesma!». Comprazia-me, entretanto, com aquele esforço, tomava-o como vingança ao meu desapontamento. Adivinhava o que ia pelo íntimo da mulherzinha naquele instante: uma grande tensão nervosa, uma tremenda expectativa. A minha cólera inicial, que eu extravazara em meneios bruscos e caminhadas nervosas pela casa, dera lugar a uma aparente calma exterior, que de nenhum modo correspondia ao íntimo. Esta fingida apatia provocava na criatura um insuportável sentimento de insegurança, por não saber qual a atitude que eu assumiria.

Final, cansada por aquela pesquisa inútil, estacou no centro da dependência, sem fitar-me. Por todos os lados se espalhavam objetos, intimidades, relíquias, numa confusão de casa de penhores.

Olhei tudo aquilo. Depois do trabalho estafante, as gavetas dos móveis, puxadas para fora, semelhavam línguas de imensos animais que arjassem.

Senti-me estranho naquela casa. Não que a pequena fortuna valesse mais, para mim, do que o meu amor. Apenas via a deselegância de atitudes, a falta de confiança, a teatralização insuportável.

Despedi-me friamente de Sandra. Entregar o caso ao Bureau de Investigações? Rematada loucura. Proporcionava somente um prazer aos meus orgulhosos parentes, que assim justificariam a sua predileção pelas famílias ilustres. Não, decididamente não diria nada a ninguém. Perdia tudo, menos a dignidade. A prudência ordenava-me guardar sigilo. O assunto era meu, inteiramente meu; eu que sofresse, calado, as consequências.

Não me sobrou mais entusiasmo por Sandra. Com o desenlace arripante dos eventos, não tive mais olhos que a olhassem de frente, nem vocábulos com que pudesse manter palestra com ela. Instalara-se entre nós o fantasma galhofeiro da incompreensão. Só descobriria palavras para condená-la, já que o meu passado amor se recusava a considerá-la desonesta. Sempre existia dentro de mim a ternura de outrora, a mesma adoração pela doce imagem que eu criara. E a presença real da criatura, o timbre de sua voz, as suas frases que agora me pareciam estudadas, impediam-me de sentir-me à vontade junto dela, ou de deixar transparecer a minha sincera amizade.





### SUCESSOS DE ENCOMENDA

**N**A ocasião em que as cabines das nossas emissoras, de onde são feitas as irradiações dos programas compostos exclusivamente de gravações, estão sendo teatro da mais encarniçada batalha já travada pelo predomínio do repertório carnavalesco, vale a pena trazer a público alguns casos pitorescos dos quais participam compositores, editores e diretores de sociedades autorais. O motivo que os arrasta àqueles locais é um fator comum a todos: conseguirem o maior número de irradiações das músicas em que estão diretamente interessados. Nunca os nossos anônimos "disc jockeys" se vêm alvo de tantas atenções. Eles é quem estão com a faca e o queijo na mão. Diretor artístico é pinto diante da importância que eles passam a desfrutar dentro da estação. As suas cabines passam à categoria de estado dentro do próprio estado. Adquirem uma autonomia de fato e de direito. E tudo muito limpo, muito honesto. Cégos diante de um prestígio rapidamente conquistado, eles, às vezes, nem vêm que certos compositores, munidos de pregos, riscam aqueles discos que lhes poderão estragar a escrita. Ou que a passadeira da cabine pode ser calçada com quantos discos entenda o representante de um editor ser o bastante para prejudicar os números dos seus concorrentes. Ou, ainda, que os diretores das sociedades de autores murmurem aos seus ouvidos promessas de um sítiozinho em Entre Rios, etc. e tal. O público, cá de fora, ao ouvir determinada música insistentemente irradiada, às vezes não atina o motivo de tanta insistência, mas termina por acreditar que ela seja, realmente, um verdadeiro sucesso. Mas, seja lá como for, ele precisa conhecer como e de que forma são forjados esses sucessos. E é por isso que música de Carnaval não vai além da madrugada da quarta-feira de cinzas...

F. CORREIA DA SILVA

#### RASGUEI O MEU PIERROT

Marcha de Haroldo Lobo e David Nasser. — Gravação de FRANCISCO ALVES, em disco Odeon.

Rasguei o meu pierrot, o meu pierrot de cetim só porque eu encontrei a Colombina cantando assim pro Aréquim.

Esta noite eu tive um sonho com você, Pierrot, mas chegou o Aréquim e o sonho se acabou...

#### FALTA UM ZERO NO MEU ORDENADO

Samba de Benedito Lacerda e Ary Barroso. — Gravação de FRANCISCO ALVES, em disco Odeon.

Trabalho como louco, mas ganho muito pouco por isso eu vivo sempre atrapalhado fazendo faxina, comendo no "China"... Tá faltando um zero no meu ordenado!

Tá faltando um zero no meu ordenado... Tá faltando sola no meu sapato... Somente o retrato da rainha do meu samba é que me consola nesta corda bamba.

#### MAL-ME-QUER... BEM-ME-QUER...

Marcha de Ary Barroso — Gravação de FRANCISCO ALVES, em disco Odeon.

Se você puder contar um dia os grãos de areia do mar ficará sabendo a soma exata das minhas penas então ha de chorar...

Mal-me-quer... Bem-me-quer... Uma flor nos ajuntou... Bem-me-quer... Mal-me-quer... Esta flor nos separou...

E você que não tem, nunca teve coração, foi embora, foi, e me deixou na solidão

#### I KISS YOUR HAND, MADAME

Fox do filme EMPEROR WALTZ da Paramount. — De Fritz Rotter, Sam Lewis, Joe Young e Ralph Erwin.

In dreams I kiss your hand Madame, Your dainty finger tips, And while in slumberland, Madame, I'm begging for your lips. I haven't any right, Madame To do the thing I do Just when I hold you tight, Madame, You vanish with the night, Madame, In dreams I kiss your hand, Madame And pray my dreams come true.

#### WHAT'S NEW?

Fox de Johnny Burke e Bob Haggart. — Do filme NIGHT UNTO NIGHT da Warner Bros

What's new?  
How is the world treating you?  
You haven't changed a bit;  
Lovely as ever, I must admit.  
What's new?  
How did the romance come through?  
We haven't met since then,  
Gee! but it's nice to see you again.  
What's new?  
Probably I'm boring you,  
But seeing you is grand  
And you were sweet to offer your hand;  
I understand adieu!  
Pardon my asking what's new.  
Of course you couldn't know,  
I haven't changed,  
I still love you so!

#### WHO WERE YOU KISSING When You Kissed Me Last Night

Fox de Kay Tuomey e Al Goddard.

Who were you kissing  
When you kiss'd me last night?  
'Cause you never kiss'd me  
Just like that before.  
Who were you holding,  
When you held me last night?  
'Cause you never kiss'd me  
Just like that before.  
Did it have a secret meaning,  
A certain meaning I should know?  
Was it just your way of saying,  
'Darling, I love you so'.  
Who were you kissing  
When you kiss'd me last night?  
For the first time  
Ev'ry kiss and you were mine.

#### EL NARANJERO

Pregón de Hector Lagna Fietta e Merfil.

#### Coro

Olga Usted... Señorita  
Olga Usted... Calallero  
Olga Usted... Jovenita.

#### 1. voz

Soy el Naranjero... Soy el Naranjero...

Las niñas bonitas que a la escuela van  
Llevarán las naranjas sabrositas  
Para que endulcen toda su boquita  
Azuquita con... azuquita son...

Qué sabrosas las naranjas que yo treigo  
Qué sabrosas las naranjas que yo llevo  
Qué sabrosas las naranjas que yo vendo  
Soy el Naranjero... Soy el Naranjero...

Para todos tendo yo naranjas  
Para ancianos, para ricos, para pobres,  
Para el novo enamorado que a su novia  
Aplacando está... su sed de amores...

El Naranjero se va... el Naranjero...  
El Naranjero se va... el Naranjero...

Devolvi-lhe, com pena, as cartas e os retratos, exceto um, que conservei em lugar secreto, em minha banca de trabalho.

Diante do exposto, candidatei-me, com todas as honras, ao lugar de herdeiro da fortuna de minha família. Não sei se preciso acrescentar que tornei efetiva a minha permanência junto de Nerissa, a paciente Nerissa, a bondosa Nerissa, que me perdoou tudo e é hoje minha esposa.

Eis, pois, aí fica, segundo me contou seu protagonista, o caso triste de uma triste amizade. E' possível que as suas palavras, ao se fazerem minhas, hajam perdido um pouco daquela pureza primitiva de que nos fala o poeta. Já lá vão tantos anos! Juro, no entanto, que procurei ser-lhe fiel em tudo. O artifício que encontrei é culpa deste meu cérebro saturado de literatura. Perdoai.

### A VIDA DE DAVID HUME

(Cont. da pág. 34)

tos soldados coloniais que marchavam sobre Quebec. O Ministério da Guerra britânico demorou em fornecer os fundos para a expedição. (O Ministério da Guerra era um ramo notoriamente ineficiente do governo. Alguns anos depois, teria ocasião de verificá-lo, um sujeito chamado Jorge Washington).

Passou-se o verão. Os navios continuaram ancorados no porto. Os homens foram postos, atropeladamente, a bordo. Dizia-se comumente do secretário da guerra: «Ele perde meia hora todas as manhãs e passa o resto do dia a procurá-la». Quando, ao findar o verão, o secretário decidiu-se, já era demasiado tarde para embarcar para o Canadá. «Teremos ainda a nossa expediçãozinha. Preciso mandar esses rapazes com os seus luzidos uniformes vermelhos e os seus botões brilhantes, para algum lugar. Se não podem expulsar os franceses da América, poderão, ao menos, expulsá-los da França». Veio, então, a ordem do Ministério da Guerra de Sua Majestade. «Partam com o primeiro vento favorável para a costa de França e tentem assestarem-se de Arcochela, ou subam pelo rio até Paris ou naveguem para qualquer lugar na costa ocidental».

«Mas... arriscou o pobre general St. Clair, enão poderá, v. excelência, dar-me ordens mais precisas do que estas?»

«Pouco se me dá aonde possam ir os navios, general, contanto que saiam da minha frente.»

«Mas não há um único homem em todo o continente, que conheça a costa francesa. Em realidade, reunimos alguns batedores índios para as florestas virgens de Nova Inglaterra.»

«E' pena, mas não podemos fazer nada.»

«Podemos, ao menos, no interesse de nossa expedição, obter um mapa de França?»

«E' logo do outro lado do canal. Vocês não podem enganar-se.»

Um patriota conseguiu arranjar um mapazinho numa livreria, destinado aos cursos de geografia numa escola secundária. Hume e seus companheiros embarcaram em Plymouth. Navegaram timidamente em direção do L'Orient francês, fizeram uma tentativa de ratos para penetrar o interior e depois, arrojados, rumaram para outro porto. Uma tempestade dispersou a esquadra. Mas o filósofo e o general chegaram à baía de Quiberon com a maior parte dos soldados, muitos dos quais sofriam de calambres em virtude de terem ficado ensardinhados nas estreitas acomodações do navio. Houve, enfim, uma batalha — na qual não se soube, sequer, de um nariz que sangrasse. Um dos companheiros de Hume, enojado, suicidou-se.

Um ano depois voltava Hume à Inglaterra em trajos civis. Vinha, agora, bem aparelhado para escrever a sua monumental história.

#### IV

Tornou-se bibliotecário da Faculdade de Advogados de Edimburgo. Era um

CABELOS BRANCOS?  
LOCÃO  
Brilhante

CABELLOS  
BRANCOS

CASPA  
Queda  
dos  
Cabellos

JUVENTUDE  
ALEXANDRE

Senhoras!  
So e  
Natureza Falsa

MENAGOL  
REGULA

### A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se apertelcoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

BUSTO IDEAL  
EM DOIS MESES COM AS  
PILULES ORIENTALES  
TONICAS E RECONSTITUINTES  
Sempre bemfazejas para a saúde



Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de J. RATIE, — farmacêutico — 45, rue de l'Éclair — PARIS — À venda em todas as farmácias e drogarias. Agente geral para o Brasil: Caixa Post. 2562, RIO DE JANEIRO (Acor. D.N.S.P. sob. N. 87 em 26-6-1917)





Realizou-se no dia 13 de dezembro, na Igreja do Santíssimo Sacramento da Candelária, o feliz enlace da srta. Eddy Cappelletti, encantadora filha do sr. Alfredo Cappelletti e da sra. Carmem Cappelletti, figuras de relevo em nossa sociedade, com o sr. Heraldo Quintela Viana, funcionário do Banco do Brasil e filho do sr. Armando, de Sampaio Viana e da sra. Celeste Quintela Viana, que também gozam de invulgar prestígio na elite carioca. Acima vemos um flagrante da cerimônia religiosa.

## O 57.º milionário do ar da Cruzeiro do Sul



Um milhão de quilômetros voados é a alta quota de quilometragem atingida pelo Comissário de bordo Edgard José Estrêla Duarte, da SERVIÇOS AEREOs CRUZEIRO DO SUL LTDA.

Com esse acontecimento ascende a 57 o número de "milionários do ar" do corpo de tripulantes da nossa maior Empresa de aeronavegação comercial.

O flagrante que ilustra esta nota mostra o Sr. Edgard Estrêla Duarte recebendo as homenagens que lhe foram prestadas por amigos e colegas quando de sua chegada ao Aeroporto Santos Dumont.

bom cargo. Não seria muito grande o salário, mas havia muitos livros para ler e muito tempo para escrever. Trabalhava com afinco na sua «História do Reino dos Stuarts». Engordara muito em seu trabalho sedentário. Aplicara, habilmente, o seu dinheiro e conseguira, especulando, amedidar soma razoável, tornando-se um leão de sociedade — gentilíssimo leão, amável, corpulento, sem gota, epicurista. Sempre que viajava de carro e este se inclinava para um dos lados, Hume imprimia sobre os companheiros de viagem a sua corpulência, deixando-os pretos e azuis. Quando, por ocasião de uma visita diplomática à França, fez a sua estréia na corte real, pouparam-lhe o costumeiro hábito de sair da sala de costas e inclinado. «Ah, monsieur, não se incomode com a etiqueta. O senhor não está acostumado a esse movimento e o soalho é escorregadio».

Em troca, porém, de toda essa bondade, ele tratava o mundo cavalheirescamente. Porque, esse homem montanha trabalhou — e apresentou uma porção de teorias que se espalharam como gafanhotos sobre a colheita dos mais queridos ideais dos homens. «Apesar de todo o seu bom gênio, David gosta de impressionar», diziam os amigos de Hume. Circularam rumores de que ele era descrente. Certa vez, ao jantar em casa de um amigo piedoso, levantou-se da mesa insistindo que não comeria por estar presente um inimigo. «Um inimigo?» «Sim», insistiu ele, apontando para uma Bíblia que jazia sobre a mesa. «Levem-na embora».

«Mas, David, você costumava ser um escocês tão bom e tão discreto. Um homem suave e moderado.»

«Ainda sou um homem suave e moderado», retorquiu David. «Um homem sóbrio, discreto, virtuoso, frugal, regular, calmo, de bom gênio e mau caráter.»

Ele terminou a sua «História do Reinado dos Stuarts». Era absolutamente heterodoxa. Em realidade, não se escrevera, até então, nenhuma história como aquela. Irritava todas as classes de pessoas que a poderiam ler — os Whigs e os Tories, os realistas e os revolucionários, os sábios, os loucos e os tolos. «Decido não me incomodar com o brado dos preconceitos populares!».

As classes industriais que haviam derubado Carlos e Jaime Stuart eram apresentadas como os vilões da peça. Os reis tiranos eram transformados em heróis. Atacou a Reforma Protestante e a Guerra Civil Inglesa. «Não ouvi, com efeito, falar de um único homem nos três reinos — Inglaterra, Escócia e Irlanda — que pudesse suportar o meu livro», escreveu alegremente. Jamais provocou, uma obra, tão adversa sensação. Ele sentiu-se grandemente encorajado. Continuou com uma excursão pelo período de Elizabeth em Inglaterra — uma dissertação, na qual ofendeu os liberais atacando a constituição britânica e os jacobinos atacando Maria, rainha dos escoceses.

Foi, então, que um certo número de pessoas se lembrou do parcimonioso escocês que, alguns anos antes, escrevera um tratado sobre a natureza humana no qual negava a possibilidade de se provar que existe algo natural ou humano no mundo. Naquele tempo, despertara, o livro, muito pequena atenção. Mas, a partir de então, persistiu ele com os seus ensaios até conseguir reunir um séquito de inimigos e uns poucos amigos imprudentes. «Não consigo compreendê-lo», murmurou um dos que lhe queriam bem. «Por que há de ele agitar uma bandeira vermelha no rosto do público? Todas as pessoas dotas o detestam». «Sintomas de crescente reputação literária», observou Hume, jovial. Afinal de contas, que mais se poderia esperar de um escocês que, durante um ano, assistira um louco em Weldehall?

Ele escrevera duas obras de natureza excepcionalmente devastadora — um ensaio, defendendo o suicídio, e outro, negando a imortalidade da alma. Suplicaram-lhe, os amigos, que os não publicasse. Ele satisfez-lhes o pedido. Em vez dos ensaios, publicou um longo tratado «Sobre a História Natural da Religião», na qual, mais do que nunca, passou em revista todos os argumentos em favor da imortalidade e aniquilou-os, um

por um. «O mundo inteiro», declarava, «nada mais apresenta senão a idéia de uma natureza cega... arroçando de seu regaço, sem discernimento ou cuidado paternal, os filhos aleijados e abortivos». Nesse livro, como de hábito, não demonstrava respeito algum pelo Cristianismo. A melhor maneira de nos fazermos cristãos, afirmava, consiste em nos tornarmos céticos. Quanto a nosso Senhor — se é que temos algum — observava esse pessimista jovial, é inconsequente esperarmos d'Ele quaisquer mercês. Pois se Ele tiver interesses humanos, terá também fraquezas humanas. E a maior dessas fraquezas seria «um completo desprezo por criaturas inferiores». O público inglês quedou-se abismado ante essas palavras. «Creio que jamais conheci um espírito mais perverso nem mais obstinadamente inclinado ao dano público!», exclamou um bispo.

### V

Se, contudo, a Inglaterra detestava Hume, interessaram-se por ele, imediatamente, os franceses. Consideravam-no como o Voltaire inglês, e ficaram satisfeitos ao ouvir que ele aceitara um cargo no séquito do embaixador inglês em França. O gigante, descrente, segurando entre as unhas o solo da Escócia, tomava de assalto a Cidadela da Descrença. «Levo, apenas, quatro livros comigo: um Virgílio, um Horácio, um Tasso e um Tácito», disse, grandiosamente, o sr. Hume. «Tanto melhor para a sua reputação», observaram os racionalistas franceses. «Um homem inferior teria trazido a Bíblia».

A famosa «montanha de ceticismo» foi apresentada à família real. Em algumas das cartas que Hume escreveu de Paris, encontramos interessante descrição de sua recepção na corte real. O mais velho neto de el-rei, o duque de Berry, com dez anos de idade, disse muito bem, «Monsieur, tendes grande reputação neste país. O vosso nome é muito conhecido. E' com prazer que vos conheço». Depois o segundo, o conde de Provença, com oito anos de idade, inclinou-se e disse: «Monsieur, esperamos a vossa chegada neste país com grande dose de impaciência. Aguardo, com prazer, o dia em que me for dado ler a sua bela «História de Inglaterra». Seguiu-se o conde de Artois, com cinco anos de idade, que se adiantou, curvou-se e murmurou qualquer coisa muito polidamente acerca da história de Hume. Seguiu-o a irmã, uma infante, que se limitou a curvar-se, mas que nada disse. Ela era pequena de mais para decorar o seu discurso.

Ao servir-se das delicadíssimas iguarias e dos sorrisos das damas no Salon des Quatres Glaces, ao passo que jogam os grandes nobres por detrás dos paraventos, obrigaram-no a repetir reiteradamente as suas verdades fundamentais.

«Ah, mon maître de philosophie —

— et mon maître de morale, dizeis que não temos espírito, nada com o que pensar? Que coisa horrível!»

«Madame», obtemperou David, severo. «eu nada disse dessa ordem.»

«Ele carrega o cenho», observa De Beauveau; «ante a nossa crença tola de que as coisas e as pessoas devem ter uma causa necessária para a sua existência. Como poderá haver uma causa para o mundo quando absolutamente não há razão —?»

«Perdão, mas há uma razão para uma coisa — o amor!», declara um galanteador ao inclinar-se para a mão de sua dama.

«E quando o amante é surpreendido pelo marido», sussurra uma mademoiselle ao ouvido de outra, «haverá uma razão para as marcas de espada em suas entranhas.»

«Costume, costume tolo apenas», diz madame de Boufflers, suavemente. «Como observou monsieur Hume, não há lógica num procedimento desses».

«De acordo com monsieur Hume», murmura o príncipe de Conti, «não há lógica em coisa alguma.»

«Na conduta dele certo que não», insinua um rapaz em voz baixa.

E, de feito, o proceder de Hume estava longe de quadrar-se à dignidade de um filósofo. Apaixonara-se, imprudentemente, pela amante do fidalgo mais po-





## Defenda-se da PIORRÉIA

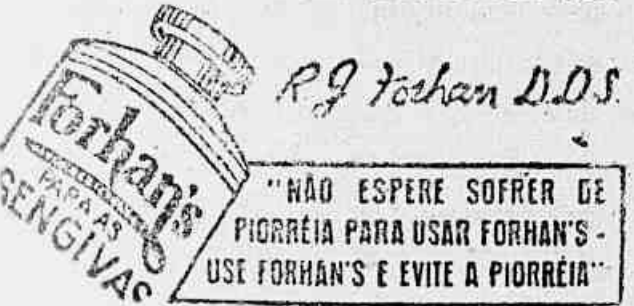
De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Se nota que as gengivas sangram ao escovar os dentes... se as tem moles e sensíveis — defenda-se da Piorrêia! São sinais de alarma desta terrível enfermidade — que mina as gengivas e afrouxa os dentes.

Defenda-se da Piorrêia com o método experimentado Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan contra a Piorrêia. Exames clínicos recentes demonstram que 95% dos casos ameaçados de Piorrêia apresentaram uma surpreendente melhora com apenas um mês deste tratamento simples.

Procure seu dentista com frequência e siga os conselhos dele. E para o embelezamento dos dentes e a saúde e vigor das gengivas — comece a usar hoje mesmo o dentífrico Forhan's para as Gengivas!

Escove os dentes com Forhan's



Está à venda em todo o Brasil o ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1948

**RUGOL**  
O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

deroso de França. «Podéis cortar-me em pedaços, membro por membro», grita ele à amada com o ardor de um colegial, «mas mesmo assim morrerrei ao pé de vós».

E o grande cético entabou outra ligação ainda mais exorbitante. Gritando, «Je tiens Jean Jacques», abraçou Rousseau, o mais notório filósofo-louco do século, e trouxe o profeta em seu capote armênio, de volta para Londres, em companhia da amante e do cachorro. Quase que, imediatamente, o «feliz ateuista» brigou com o «selvagem sincero» e as reverberações ouviram-se em todo o mundo. Tais foram os resultados da viagem de Hume a Paris.

V I

Na primavera de 1776, ao atingir o filósofo a idade de sessenta e cinco anos, escreveu a sua história. Era a história de um homem tremendamente perplexo diante da vida. A sua autobiografia foi o derradeiro testamento de um crente passando em revista o desenvolvimento do que os outros determinaram apelidar a sua descrença. Nasceu piedoso. Pelo dos acontecimentos, todavia, perdera a piedade e ganhara a religião. O seu espírito agudo jamais poderia aceitar a rígida ortodoxia de sua igreja. Contudo, pegou-se, até o último instante, à filosofia da fé, ante a qual a teologia convencional da época era reduzida à sua insignificância.

Foi incompreendido tanto pelos que o doravam como pelos que o atacavam; porque não acometera, apenas, a exortância da superstição, mas fizera, também, explodir os próprios fundamentos da razão.

Por que não de buscar, os homens, causas e efeitos? Haverá, porventura, alguma correlação necessária no mundo das coisas? Experimentamos, na realidade, uma sequência de impressões, as quais ligamos umas às outras por uma propensão da memória e por hábito, formulando o que nos apraz denominar, leis de causa e efeito. Ao observarmos uma espécie particular de fatos que se seguem sempre a outros, entramos a atribuir-lhes uma união secreta e necessária. Porém, por mais que o busquemos, jamais podemos ver o vínculo secreto. Se supusermos que «tal e tal coisa» é o efeito de alguma causa prévia, haveremos de supor que essa causa prévia é o efeito de outra causa anterior a ela, e assim ao infinito. Partindo desse ponto, temos de retroceder por uma cadeia infinita de mistério sempre que procurarmos compreender a causa do que quer que seja.

Na realidade, nenhuma experiência pode causar outra experiência, asseverava Hume, assim como nenhum fato pode produzir outro fato inteiramente diferente. Por exemplo, como se pode afirmar que, se B se segue a A, é, conseqüentemente, o resultado imediato e necessário de A? Que se dirá, então, acerca dos passos intermediários entre A e B — A1, A2, A3, A4, e assim por diante? Como poderemos saber que essa intermediária de acontecimentos entre A e B é uma cadeia, inevitavelmente concatenada, de causa e efeito? As chamadas leis de relação entre causa e efeito não explicam absolutamente nada.

A experiência é composta de sensações ocasionais. Apreendemos cada sensação al qual nos chega. É a excentricidade do espírito humano que impõe uma união fictícia aos fenômenos exteriores que se chocam com os nossos sentidos.

De feito, cuidamos que o mundo, como o conhecemos ontem, existirá amanhã. Supomos que, desde que vimos uma bola de borracha voltar para nós, sempre que arremessada ao ar, no passado, ela fará o mesmo no futuro. Construímos em nosso espírito, uma lei geral acerca da bola. Entretanto, não há relação entre uma lei necessária da eternidade e a experiência atual do momento. Experimentamos coisas particulares em relações temporárias; não experimentamos idéias abstratas em relações permanentes.

De onde, pois, procedem as nossas proposições gerais? São as nossas proposições, em verdade, brinquedos para analisar e classificar a experiência em termos de maior e menor coerência e de maior ou menor probabilidade. «As cha-

madas leis da necessidade, são, com efeito, proposições de probabilidade. O mundo como o apreendemos não é uma cadeia de causas passadas evidentes e efeitos futuros inevitáveis, mas uma sucessão de passadas e futuras probabilidades.

Essa filosofia de Hume fez, naturalmente, sensação na Europa. Esta «exposição» da razão motivou aplausos irracionais e ataques igualmente irracionais. Se «a razão é apenas o efeito do hábito», e se não há nenhuma conexão entre as coisas, que é feito, então, de todo o nosso conhecimento «certo»? Não pode, realmente, existir nenhum conhecimento «certo» sobre nada, mas, apenas, inferências intermináveis. As únicas «certezas» são as sensações transitórias, ocasionais e desconexas da experiência.

Declara Locke que todo o nosso conhecimento vem da experiência dos nossos sentidos. «Nada existe no espírito senão o que já existiu, primeiro, nos sentidos». Hume dá um passo avante. O conhecimento de nós mesmos, de nossos próprios espíritos, também procede da experiência dos nossos sentidos. Que é, na realidade, o espírito, o ego, a personalidade chamada Eu? É um feixe de estados de espírito e sentimentos e emoções os quais se agrupam, por inferência, à volta de uma identidade persistente. Cada estado de espírito é sempre seguido de novo estado de espírito. Cada sensação é, perpetuamente, acompanhada de nova sensação. A um dado momento a essência (self) é a ira, no momento seguinte, a satisfação, no seguinte, a tristeza. Percebemos essas idéias, essas lembranças, esses sentimentos, separados. Mas não percebemos uma entidade denominada o espírito. Inferimos, com o mais alto grau de probabilidade, que há uma relação permanente entre os estados de espírito e os sentimentos, um «eu» permanente debaixo das manifestações temporárias e sempre mutáveis da essência. Probabilidade, mas não certeza.

Operemos a subtração de todas as formas e cores das nossas chamadas crenças «certas», e que resta? Um amontoado de sensações vazias e ocasionais, girando, interminavelmente, como bolhas de sabão sem substância, numa bacia em que só existe o nada.

A «abolição da razão humana» de Hume lançou toda a gente num remoinho de comoção. «Quem sou eu?», perguntou, atônito, o mundo inteiro de filósofos. Como crianças decepcionadas, voltaram-se zangados para o homem que lhes arrebatara as doces ilusões. Chamaram-no «traidor, ateuista, miserável». E não quiseram continuar a ouvi-lo.

Mas se a humanidade perdera a fé em Hume, Hume era demasiadamente galante para perder a fé na Humanidade. Ele decidira «salvar o mundo de suas ilusões».

Contudo, não andava sempre seguro de si mesmo. «Janto, jogo uma partida de gamão, converso e divirto-me com os meus amigos; e quando, depois de três ou quatro horas de entretenimento, desejo tornar às minhas especulações, estas me parecem tão frias, tão forçadas e tão ridículas que perco a vontade de prosseguir nelas».

Porque, no fundo, era um crente verdadeiro. Sabia perfeitamente que «não matara uma substância, mas uma sombra. A razão, na melhor das hipóteses, é apenas uma função negativa. Revela-nos somente os limites de nosso conhecimento e de nossa experiência. Nunca poderá revelar-nos a profundidade. Destruir, Hume, algo realmente essencial aos homens? Nada senão a tolice dos «pequenos pensadores» do mundo que acreditavam poder, à força de sua razão, levá-los às verdades positivas. Hume não negava mais do que afirmava. Porque o negar, assim como o afirmar, implica um senso de conhecimento. Hume permaneceu, intelectualmente, num estado de julgamento suspenso. Moralmente, todavia, conservava a sua crença. E no recesso de seu coração, murmurava, «Pergunto, acaso, qual a causa desta crença? Não me importa; não sei; isso não me diz respeito. Mas sei que existe um Deus».

Era, no fundo, um dos crentes mais profundos de seu tempo. Acreditava na

(Continua na pág. 52)

**RICARDO brilhava EM 1927...**



...e continua

**brilhando em 1947!**

QUAL O SEU SEGREDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAÍM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.



**Loção Brilhante**  
PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

NÚMEROS ATRASADOS DESTA

REVISTA NO PARA

PEDIR A

**Albano H. Martins & Cia.**

Travessa Campos Sales, 58

R F I F M



## AS MOCINHAS E AS SENHORAS NA IDADE CRÍTICA

DUAS FASES DIFERENTES MAS IMPORTANTES NA VIDA DAS MULHERES

Não deve e não pode passar despercebida aos bons pais a fase compreendida entre os 13 e os 16 anos — por que passam suas filhas quando se tornam verdadeiramente mulheres. Nesse período — quando o fluxo mensal começa a aparecer — são comuns as perturbações que trazem para as jovens uma série de grandes sofrimentos físicos e morais. Essas perturbações resultam do desequilíbrio orgânico próprio da idade e se manifestam pela falta, diminuição ou atraso das regras. Administrar-lhes sem perda de tempo o Regulador Xavier N.º 2 é dever de todos os pais que amam de fato suas filhas e que não querem vê-las doentes, tristes e, o que é pior: atacadas por moléstias que, por terem sido descuidadas, se tornam crônicas e incuráveis.

Nem menores nem menos perigosos são os males que geralmente afligem a mulher na idade crítica — aos 45 anos mais ou menos — e que, maltratados ou tratados por meio de remédios ineficazes, lhe acarretam sofrimentos tão torturantes que essa idade crítica se lhe transforma numa verdadeira idade dolorosa.

Entretanto tais males, que em geral se manifestam pela abundância ou repetição das regras e pelas hemorragias, encontram remédio fácil e de absoluta eficácia no Regulador Xavier N.º 1.

O Regulador Xavier usado em seu número adequado dá às mocinhas e às senhoras na idade crítica o bem estar e a saúde indispensáveis para as labutas e as alegrias da vida.

## O Recife que não mudou

(Cont. da pág. 33)

sem estar expostas às vistas dos mais concorrentes. Não admira tal discrição feminina, porque entre os homens havia quem não se expusesse ao desfrute de cortar cabelos aos olhos dos transeuntes». Daí a preferência pelos salões em sobrados.

E os romances de amor que são lembrados em «Vê-la e amá-la»? Poetas e apaixonados andam de parilha, espalhando suas lamúrias em versos ou recadinhos de amor pelas colunas dos jornais, como em certos cartãozinhos publicados nas gazetas, a exemplo d'êste:

M. J. Não posso esquecer-te, D.

ou dêste outro:

Saudades de uma ingrata. C.S.

As vezes há um verdadeiro diálogo pela imprensa:

Estou imensamente ansioso por ver-te.

A destinatária é implacável. Sabe quem fala e retruca:

Desejo nenhum. Não me agrada ver-te.

O romance se prolonga assim, por meses, até a vitória final do teimoso namorado. «No balcão que dá para o pátio», passamos em revista uma infinidade de tipos populares dos mais curiosos do Recife, entre eles o famoso João Ramos, anti-escravagista de quatro costados, espécie de João Cordeiro de Pernambuco. «Atribui-se-lhe uma partida pregada a um barão, na qual lhe roubou escrava preciosa, fazedora de saborosos doces. Disfarçaram a negra em dama de alta sociedade: vestido de seda, sapatinhos de luxo, chapéu de plumas, leque... Outro «Cupim» dá-lhe o braço e a leva ao cais de embarque. Ao passar na rua do Crespo vê o barão, o senhor, que andava doido por pegar a escrava e provar-lhe os pastéis de nata. Passa o par diante do barão. Cumprimentam-no. O barão retribui a saudação e tira respeitosamente a cartola à «dama». — «Minha senhora, meus respeitos!».

A par dessas evocações de tão saboroso poder sugestivo, surgem incidentemente as curiosidades como a de se chamarem «camélias», positivamente da voga do romance de Dumas Filho na época, as

mulheres da vida fácil, e a desopilante «trouvalle» de ter, por verdadeira predestinação, o nome de Carlos Luis Cambronne, o engenheiro francês que obteve a primeira concessão para explorar o serviço de esgotos da cidade, em substituição ao transporte de imundícies à cabeça dos escravos, nos terríveis «tigres» (de que ainda guardo também memória, sob o rótulo de «quimoas», dos meus tempos de menino em Fortaleza).

Outro achado curioso é o dos «Versinhos que sabem história», nos quais a crônica dos fatos contemporâneos é feita pela «verve» popular, nada lhe escapando à malícia dos reparos e à tendenciosa interpretação com que sempre foi recebida pelo homem da rua a maioria das inovações do progresso. Coligindo uma infinidade de exemplos, observa Mario Sete: «Os versos populares escrevem também a história de uma cidade. Não somente a história política, mas a social. Recolhê-los, quando não descobri-los, por escondidos em publicações esquecidas, é reconstituir colorida e saborosamente o passado, quer nas linhas mestras, quer nos pormenores, nos seus diz-que-diz, nas suas malícias, num quotidiano característico».

Nada foge, de fato, à maledicência da crítica anônima. Assim eram, por exemplo, uns versinhos debicando certas parteiras francesas muito em moda no Recife, aí por 1870:

Hoje tudo tem mudado

Té na classe das parteiras,

Hoje temos estrangeiras

Que se umbigos cortam bem,

Cortam a língua também.

No meu tempo, oh! belo tempo!

Era Joaquina Tarracha

Que comendo uma bolacha

Dava conta da empresa

Com asseio, com limpeza.

E depois que dava conta

Da tarefa trabalhosa

La logo pressurosa

Dizer ao pai da criança:

Olhe! E' sua semelhança!

E' assim todo o Recife que, em delicioso vagar, nos vai mostrando Mario Sete, cicerone como não há, para os encantos da sua velha cidade. Seguindo-o por essas ruas patinadas pela história e pela tradição, onde as belas igrejas, os conventos de solene solidez, os tortuosos bequinhos por onde se pode tocar de braços abertos a parede das casas dum lado e doutro, os jardins cheios de sombra, as lentas voltas dos seus rios, é bem fácil concordar, com o amoroso desses aspectos, que o progresso nos priva de sentir em sua plenitude, como só os raros da sua espécie podem sentir: «Hoje, já não se sabe arruar direito. Anda-se, ou melhor, corre-se pelas ruas. Os meios de transporte não favorecem esse prazer dos antigos. O automóvel e o ônibus passam rápidos, indiferentes, ignorantes. Não importa o percurso; interessa apenas o término. O rio, as árvores, o templo, a rua, a estrada, o sobrado, o tipo popular, a ponte, o nome local, que fiquem depressa para trás. Não se arrua mais. Chispa-se, voa-se...». E vai-se assim também um dos mais vivos prazeres de que desfrutavam os nossos avós, para os quais a rua não era apenas o lugar de suplício de hoje em dia, mas um prolongamento da casa amorável, um infundável desdobramento da própria existência quotidiana, doce e descuidosa.

podia recusar-se. E pouco depois Edwin Blum estava «batendo um papinho» com a pequena de olhos azuis. Apesar das objeções do diretor, que alegava o pouco preparo de Martha, o americano persuadiu-a a fazer um teste. Foi um teste improvisado, é claro, pois Blum nada sabia de direção, etc. Tudo pronto, Edwin Blum despediu-se da pequena dizendo que, se alguém gostasse dos testes, em Hollywood, ela teria notícias dele imediatamente. E Martha toma a palavra:

— Recebi pouco depois um telegrama de Edwin Blum, dizendo que eu embarcasse no primeiro navio. Só fiz obedecer. E quanto àquele teste cinematográfico, se obedeci às ordens do diretor da academia foi porque há anos esperava por um momento como aquele. Quanto ao meu pronto embarque, foi apenas o complemento natural daquela expectativa. Minha queda para a arte começou aos quatro anos de idade, quando quis estudar dança clássica. Aos treze, minha professora abandonou a profissão; e eu a acompanhei. Fiz meu curso secundário. Ao terminá-lo, pedi a papai que me deixasse estudar arte dramática. Ele não deixou, achando mais conveniente um curso comercial. Obedeci e depois arranjei emprego no Ministério da Guerra do meu país. Três anos depois convenci meu pai a permitir-me fazer o curso dramático. E entrei para a Academia.

Aqui, uma pequena explicação. Martha estava entre oito alunos, de uma turma de cento e doze, considerados como promessas. Sua habilidade para a representação, que veio à tona nos exames de admissão à academia, talvez existisse desde a meninice, quando estudava dança e quando trabalhou em várias peças infantis. O começo de tudo deve estar aí... Dizem os entendidos, aqui em Hollywood, que Martha é o tipo perfeito da mulher destinada a vencer no cinema. Além de grandes qualidades interpretativas, sua beleza é valiosíssima para a fotografia, devido à sua construção fisionômica. E os olhos de Martha, quase mongólicos, são de um tom de azul dificilmente encontrado.

Martha Toren tem dois irmãos, um homem, Lars-Erik, e uma moça, Brita, ambos mais velhos do que ela. Seu pai, Elge Toren, é major do exército sueco, e sua mãe, Daguy, é dona de casa. Martha aprecia e pratica hipismo e natação; gosta imensamente de música clássica e é amiguíssima dos livros. Prefere usar costumes, e não gosta de adornos em demasia. Seu natalício ocorre a 21 de maio. Sobre a gente de Hollywood, Martha diz que é inteiramente doida, mas que precisa mesmo ser, pois do contrário seriam inacreditáveis, com a vida que levam.

Sobre «Casbah», vejamos a opinião de Martha: — Gostei bastante do argumento. Tenho aprendido muito com meus colegas de trabalho, estreante que sou no cinema, e só posso dizer que é uma honra para mim ganhar o amor de um homem para uma rival da classe de Yvonne De Carlo, mesmo na tela. E, sendo esse homem Tony Martin, um tão belo tipo masculino, além de grande cantor e excelente camarada, a honra torna-se ainda maior. Continuo estudando bastante, aprendendo ao máximo do trabalho e, se não espero alcançar a consagração dos fãs nesta primeira película, espero pelo menos conseguí-la em outras futuras. Os fãs são bondosos e sabem desculpar as aflições de uma estreante. E não é dizer que sou estreante apenas na tela, não, pois na verdade o sou na própria arte dramática.

E agora, uma palavrinha final sobre esse tipo de beleza que é Martha Toren. Olhando-a, com o pensamento voltado para as suas famosas patricias, vejo qualquer coisa do exotismo de Greta Garbo aliada à doçura de Ingrid Bergman. Isso sem querer compará-la a nenhuma das duas, três personalidades distintas que são. E quanto a «Casbah», trata-se do mesmo enredo de «O Demônio da Argélia», filme francês com Jean Gabin, e de «Argélia», filme americano com Charles Boyer e Hedy Lamarr. Agora, sem querer fazer o «amigo da onça», daqui deixo esta pergunta ao leitor: Será que um Tony Martin pode arcar com as responsabilidades de um papel que já foi de Jean Gabin e Charles Boyer?

## Mais uma sueca em Hollywood

(Cont. da pág. 22)

no saguão, uma coisinha perfeitamente frágil, exatamente como ele queria. Pediu uma apresentação. O diretor não

SOFRE DO FIGADO?

TOME

**BIO-HEPAX**

produto do laboratório da GUARAMIDINA



# NA COVA DAS SERPENTES

Um folhetim-sintético-ilustrado de  
"REVISTA DA SEMANA"

Por MARY JANE WARD  
Ilustrações de Frank Godwin



— Não pode ser tocado sem permissão.



— Conhecem uma mocinha chamada Grace?



A srta. Davis disse que ela estava estragando tudo.

Após tanto tempo de tons escuros, Virginia ficou excitada pelas cores alegres da sala de recreio da Primeira Enfermaria. E não estava sozinha na enorme sala. Havia também um plano. — Que bonito! — disse Virginia. — Não pode ser tocado sem permissão — explicou a outra. — E quem não é pianista não consegue permissão. Aqui só se quer gente boa. — E começou a gabar-se da riqueza do espóso. — Tenho mais jóias do que posso usar; sou dona de um dos maiores diamantes do mundo. — Eu também tenho muitas jóias — respondeu Virginia. — Sou dona da maior esmeralda do mundo. — E pensou: «Que diabo! Pra que tanta jóia, para quem vive num lugar desses?» Pouco depois começaram a chegar as outras enfermas. Todas com ótima aparência. Na hora,

foram todas para o refeitório, onde havia pratos e copos verdadeiros. As mesas eram para quatro pessoas, e na de Virginia a conversa estava animada.

— Com licença, — disse Virginia, — mas vocês não conheceram por acaso uma moça chamada Grace? Não sei o sobrenome. Era muito bonita e boa companheira, e era jornalista.

— Grace? — respondeu uma. — Não me lembro de nenhuma Grace.

— Não será Grace Jenks? — disse outra.

— Era muito graciosa... Mas não tem importância. — Todas riram e Virginia pensou que bem poderia ter sido em casa, antes daquilo. Mas aquele primeiro dia não

foi como os outros. Virginia pouco viu a srta. Davis; nos dias subsequentes pouco deixaria de vê-la. E ficou sabendo que a Primeira Enfermaria tinha regulamentos mais severos e avançados que qualquer outra. A enfermeira-chefe mostrou claramente que julgava o dr. Kik errado em promover V. Cunningham logo para a Primeira. E parecia decidida a provar que o médico errara. E tudo fazia para misturar o seco ao molhado, procurando aumentar a confusão. A tarefa de Virginia, de manhã, era lidar com esfregões, uns secos outros molhados, e baldes pesadíssimos. E ela sempre se enganava na hora de molhar. A srta. Davis dizia que ela estava estragando os esfregões. E acusou-a também de escondê-los. Se Virginia soubesse de algum bom esconderijo, teria-se enfiado nele...



Quando parava, a enfermeira aparecia...



— Não é grande coisa, — disse Virginia.



— Precisava falar com o senhor... Foi o único meio.

Depois de mais ou menos uma semana na Primeira Enfermaria, a srta. Davis mandou u'a máquina de escrever para o quarto de Virginia. — O seu médico, — ela explicou, — diz que você pode escrever uma hora diária. — Ao que Virginia respondeu: — Mas vou precisar de papel e de uma cadeira. — Sei perfeitamente do que é necessário. Mas só poderá fazer uso da máquina durante a hora de repouso... — E então Virginia escreveu. Escreveu que chegara a hora de toda a gente boa vir ajudar V. Cunningham... Era horrível ficar procurando assunto para escrever. Se parava um minuto que fosse, logo a srta. Davis aparecia na porta, perguntando o que acontecera. Mal escutava o farfalhar da saia da enfermeira, Virginia escrevia depressa que uma rosa era uma rosa porque era uma rosa mesmo... A srta. Davis era sempre tão crítica e rigorosa que ela

acabou achando que nunca ficaria boa, se não soubesse da Primeira Enfermaria. Mesmo quando Robert vinha visitá-la, não conseguia contar-lhe as suas dificuldades. Até que um dia fez um plano...

Um dia de manhã, disse à srta. Gold, uma enfermeira auxiliar, que estava com uma dor do lado. Como já tivera apendicite, sabia exatamente o lugar. A enfermeira ficou logo preocupada. Era aguda, a dor? — Oh, não, — disse Virginia, — é coisa sem importância. — Quando a enfermeira tocou na cicatriz, Virginia deu um pulo...

Em menos de uma hora estava diante do dr. Kik, que perguntou: — Quer dizer que você resolveu criar outro apêndice, Jeannie?

— Eu precisava falar com o senhor — disse ela. —

E foi o único meio que pude encontrar. — Contou-lhe então sobre a srta. Davis, afirmando que não podia continuar na enfermaria com uma criatura assim tão ríspida. — Bem, — disse ele, — vamos resolver isto. — Virginia se levantou. — Muito obrigada, doutor. — Ele sorriu. — Já passou a dor do lado? — E ela: — A do lado, já. Mas a cabeça ainda dói... e o pescoço. — Ele caiu na risada; e Virginia continuou: — Mas não me incomode porque sei que essa dor é apenas uma pequena parte do meu mal.

— Gostei muito da sua atitude, vindo falar comigo. Foi bonito da sua parte, Jeannie — e estendeu a mão.

Quando Virginia atravessou o escritório, a srta. Davis ergueu os olhos para ela. Virginia bateu de leve a cabeça, numa saudação formal...



A professora elogiou-a muito...



— Veja o que achei aqui!



— Vocês são minhas pupilas de honra

Virginia foi logo transferida para a Segunda Enfermaria, a cargo da sra. Fledderson, uma enfermeira baixinha e de cabelos brancos. A sra. Fledderson apertou-lhe a mão. — Estou muito contente em vê-la por aqui, sra. Cunningham. O dr. Kik falou-me a seu respeito. As mulheres da Segunda eram todas mais amáveis e mais simples que as da Primeira. Toda manhã havia uma grande confusão em torno de arrumação de camas e lavagem do chão, mas era sempre uma patuscada. — Meninas, — dizia uma vez ou outra a enfermeira-chefe, de manhã, — espero que hoje vocês mudem de hábitos. Um dos chefes vem visitar-nos e eu não quero perder meu emprego. — E no dia seguinte, toda vez, a sra. Fledderson trazia uma grande caixa de bombons...

Robert disse que o dr. Kik lhe havia explicado tudo. — Ele diz que você já está quase boa. Em pouco tempo comparecerá diante da banca. — E depois explicou que a «banca» era um grupo de médicos encarregados de examinar as enfermas, antes de terem alta. No dia seguinte Virginia recebeu uma toalha, riscada para ponto de cruz, como parte do tratamento. Bordoou tão bem como o fizera aos sete anos, mas assim mesmo a professora elogiou-a com entusiasmo. E na visita seguinte, Robert soube a respeito da toalha. — A sra. Fledderson disse que posso levá-la à rua, para tomar um refresco — disse ele, assim que acabou de falar na famosa toalha. Trouxeram o casaco verde de Virginia, e o chapéu. Ela meteu a mão num bolso e achou as luvas e um lençinho, todo amarro-

tado. — Veja o que encontrei aqui, Robert! — Era como mexer nos bolsos de uma mulher morta. O leve perfume do lenço parecia o aroma de flores murchas. — Na próxima vez trarei o regalo — disse Robert. Virginia ficou contente mas pediu-lhe que só o trouxesse no dia em que ela pudesse ir-se embora dali. — Como sinal — acrescentou... Os dias passaram céleres e chegou o de comparecer diante da banca. A sra. Fledderson reuniu as candidatas e procurou animá-las. Agiu como se fossem a uma festa. Mas entrou em detalhes e as pobres criaturas foram ficando nervosas. — Vocês são minhas pupilas de honra — terminou a sra. Fledderson. — Vão e vençam. Vocês são o meu primeiro time. — E o seu sorriso parecia obra de agente funerário...



# NA COVA DAS SERPENTES

Este folhetim continuará nestas mesmas páginas na próxima semana

Direitos adquiridos com o King Features Syndicate. Tradução de JORGE A. FORTES



Virginia foi atrás da enfermeira.



— Queremos fazer-lhe algumas perguntas.



Ele acabaria batendo nela...

As candidatas estavam sentadas, esperando a hora do exame. Afinal a enfermeira chamou um nome. Houve um riso nervoso, ou soluço, e saiu a mulher chamada. Custou muito a voltar. — Eles não dizem uma palavra à gente. Não sei. Eles só escrevem. — Até que chegou a vez de Virginia. Estava de óculos, mas mal podia ver. Saiu tropeçando atrás da enfermeira. Quando passou pela porta, esbarrou num dos portais... Seis ou sete pessoas sentavam-se diante de uma cadeira desocupada. Ela procurou o dr. Kik mas não conseguiu encontrá-lo. Alguém mandou-a sentar-se. E a única cadeira vazia era aquela diante do pessoal. — Agora, sra. Cunningham, — disse uma voz desagradável. — esteja à vontade. Queremos fazer-lhe

algumas perguntas. — O homem agora estava perto dela. Não era o dr. Kik. Era um homenzinho gorducho, com uma voz áspera. Perguntou-lhe o nome. Ele segurava uma folha de papel, que na certa tinha o nome dela. — Virginia Stuart Cunningham — respondeu. E todos os presentes começaram a escrever. Então ela disse que estava morando em Manhattan quando adoecera, mas não se lembrava do endereço. — Seu marido tem vindo vê-la? — perguntou o homenzinho. — Tem. — Quantas vezes ele vem? — Tantas quantas permite o regulamento. — E quantas são essas vezes? Ela ficou surpreendida. — Ora, será que o senhor não sabe?

Houve uma risada geral. O homenzinho virou-se. — Sra. Cunningham — disse ele, severamente, como que irritado pelo ridículo. — Eu sei tudo a respeito; estou apenas tentando saber se a senhora também sabe. — E a coisa continuou no mesmo estilo. O homenzinho ficava cada vez mais irritado. Virginia disse que o marido era contador dos Hotéis Alden. Mostraram-lhe a letra dele num papel que dizia Hotéis Kraft. Ela achou que de qualquer maneira eles tinham conseguido que ele escrevesse o nome errado. O examinador ficou vermelho e sacudiu o dedo próximo ao rosto dela. Fez mais perguntas. Sacudiu mais o dedo, e mais perto. E acabou tão perto que pouco faltava para lhe bater...



— Espero que saiba contar até dez...



— Que diabo está fazendo?



Esther agarrou Valerie pelos ombros.

Virginia correu os olhos pela sala de recreio diurno. Talvez fosse a Segunda Enfermaria. No entanto, não parecia a mesma. Eles viviam a mudar de coisas, em Juniper Hill, mas agora pareciam ter mudado as mulheres. Virginia pensou: «Eu estava na Segunda. Fui escalada para ir à presença da banca, mas aconteceu alguma coisa e não cheguei lá».

Uma enfermeira desconhecida disse-lhe que devia comparecer ao depósito, deixando-a aos cuidados de Valerie. Quando passaram no saguão, Virginia viu que a porta dizia «Quinta Enfermaria». Que teria acontecido à Segunda? — Estou no lugar errado — disse ela. — Você não pode falar — disse Valerie. — Vamos para o depósito. E você precisa trabalhar direito, se quiser voltar.

— Senhoras, nada de conversas — disse uma enfermeira. Entraram então numa sala cheia de mesas, todas repletas de fazendas brancas. Virginia foi apresentada à sra. Rowe e a Connie, uma mocinha alta. As mulheres espalharam-se pelas mesas e começaram a mexer em tudo. Connie olhou para Virginia: — Espero que saiba contar até dez. — Tirou os cabelos dos olhos. — Arrumamos tudo em pilhas de dez. Você tem de contar direito. — Virginia contou camisolas, fronhas, colchas e lençóis. Era difícil contar as peças assim dobradas. Connie se aproximou e conferiu. Cada pilha ou tinha peças de mais ou de menos. — Você não pode errar desta maneira num hospital — disse ela, como um velho médico para um errantado interno. Virginia contou e recontou as pilhas

mas Connie sempre achava erros. Se ela desdobrava alguma coisa para ver o que era, Connie vinha correndo: — Que diabo está fazendo? Está pensando que nós temos o trabalho de dobrar tudo isso para você desdobrar? — Valerie ajudou Virginia. Dias depois, já eram muito amigas. E assim permaneceram até que Virginia falou no dr. Kik, dizendo que era o seu médico. Ele era também de Valerie, que tinha muito ciúme dele. Valerie então perguntou: — Com certeza você pensa que ele a ama? — E nunca mais ajudou Virginia. Um dia, quando Virginia conversava com Esther, Valerie desafiou-a: — Falando pelas minhas costas, não é? Vou dar queixa de você. — Esther agarrou-a pelos ombros. Não era tão robusta quanto Valerie mas era mais moça; e a briga foi muito boa...



— Creio que a levaram para as banheiras...



— Por que me mordeu?



— Assim, posso mantê-lo longe de mim..."

Na manhã seguinte Esther apareceu com um olho roxo e um longo arranhão na bochecha. — Creio que levaram Valerie para as banheiras — comentou. — Ela estava mesmo precisando. — Virginia ficou contente por Esther não tê-la culpado da briga com Valerie, mas assim mesmo ficou preocupada. Sem Valerie, a contagem seria impossível. No mesmo dia foi dispensada do serviço... Na tarde anterior ao dia de Robert visitá-la, aconteceu uma coisa esquisita. Virginia estava sentada na sala de recreio quando de repente viu um homem à sua frente. Virou-se para ela, dizendo: — Sra. Cunningham... por que me mordeu? — Pensando em como teria ele fugido da sua enfermaria. Virginia respondeu: — Ora, eu não mordei pessoa alguma. — E achou que já estava cansada

daquele lugar. Primeiro acusavam-na de estar enamorada de um homem que não era Robert; depois diziam que andava dando dentadas. — Ninguém seria capaz de morder o senhor — continuou. — O senhor é tão simpático... Ninguém faria uma coisa dessas. — Assim ele não ficaria zangado... O homenzinho virou-se e foi para o outro lado da sala. Começou a falar com outras mulheres. Virginia se levantou, escondendo-se atrás da cadeira. Se ele atacasse alguém, ela entraria em ação, mas por enquanto o melhor era ficar atrás da cadeira. Assim, poderia mantê-lo afastado... como um domador de feras. Pouco depois entrou uma enfermeira e levou embora o homenzinho. Virginia não tornou a vê-lo até o dia seguinte, quando saiu com Robert e o viu na calçada, muito apressado.

sado. — Oh, Robert — exclamou, e não houve tempo para mais nada. — Boa tarde, doutor — disse Robert. O homenzinho rosnou qualquer coisa, tirou ligeiramente o chapéu e passou por eles quase correndo. Virginia achou graça que Robert o tivesse chamado de doutor...

Uma vez sentados, Robert falou sem parar num certo encontro que deixara o doutor furioso. Disse que contara ao homenzinho, Curtis, que ela, Virginia, não sabia que ele passara dos Alden para os Hotéis Kraft. — Curtis pediu desculpas — concluiu ele. — Curtis? — perguntou Virginia. — E' o chefe das enfermarias femininas — explicou Robert. — Aquela camaradinha que passou por nós ainda agora...



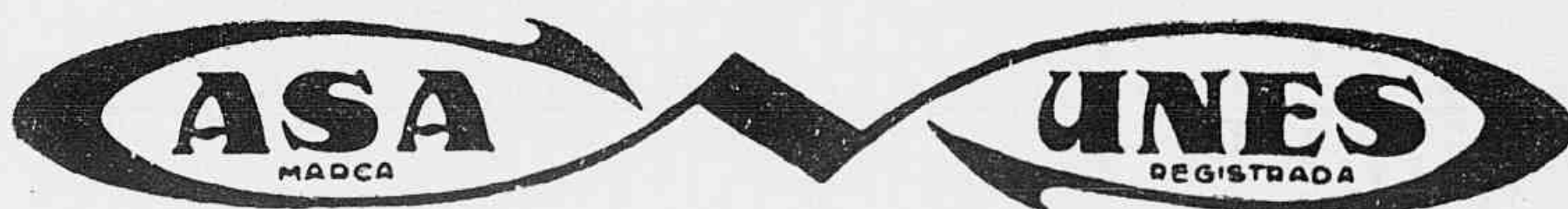


# LIVING

Móveis em madeira imbuía. Sofá forrado em tecido americano. Poltrona e berger em veludo verde, cortinas em veludo e tecido americano, forração do piso com passadeira de lã bege, etc.

## MOBILIÁRIOS — DECORAÇÕES

Grande sortimento de passadeiras e tapetes **ORIENTAIS** (legítimos), Ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais, em todos os tamanhos.



Fundada em 1912

65 - RUA DA CARIOCA, - 67 - RIO



# Minister

CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz



Himmel